

O PRÍNCIPE HERDEIRO



SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *Os Filhos de Krondor — O Príncipe Herdeiro / nº 182 da Coleção Bang!*

AUTORIA: *Raymond E. Feist*

EDITOR: *António Vilaça*

Esta edição © 2012 Edições Saída de Emergência

Título original Prince of The Blood © 2004, Raymond E. Feist. Publicado originalmente em Nova Iorque por Bantam Dell, Inc, 2005

TRADUÇÃO: *José Remelhe e Rui Azeredo*

REVISÃO: *Idalina Morgado*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Rolo & Filhos II, S.A.*

1.ª EDIÇÃO: *Junho, 2012*

ISBN: *978-989-637-434-1*

DEPÓSITO LEGAL: *343230/12*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Rua Adelino Mendes, Nº 152, Quinta do Choupal, 2765-082 S. Pedro do Estoril, Portugal

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

OS FILHOS DE KRONDOR

O PRÍNCIPE HERDEIRO

VOL. I DE II

Tradução de José Remelhe e Rui Azeredo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina

Dedico este livro com amor à minha mulher,
Kathlyn Starbuck,
que dá um sentido a todas as coisas

AGRADECIMENTOS

Como é habitual, dependi bastante do talento de outras pessoas para terminar um projeto como *O Príncipe Herdeiro*. Por isso, gostaria de agradecer publicamente às seguintes pessoas:

April Abrams, por me transmitir tudo aquilo que sabia sobre Kesh e por me deixar transformá-lo quase totalmente.

Pat LoBrutto, meu editor, por suportar loucura atrás de loucura.

Janny Wurts, por me deixar resolver um problema antes de me arranjar outro, e por cuidar do nosso cavalo com tanto afinho.

Stephen Abrams e Jon Everson, por terem congeminado toda esta confusão logo no princípio.

Os outros “pais e mães” de Midkemia, por me deixarem, mais uma vez, brincar no seu mundo.

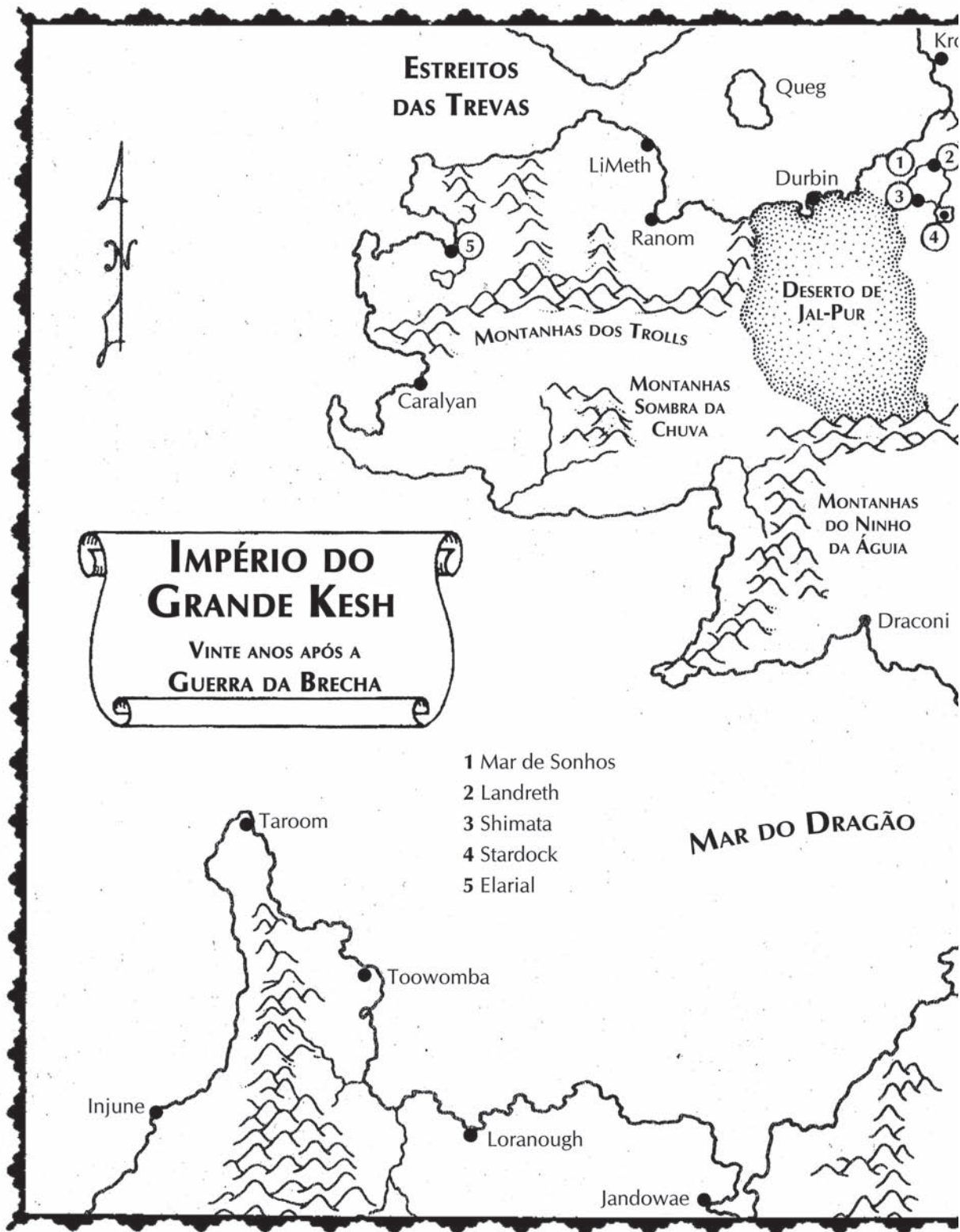
Peter Schneider, pelo seu “habitual” cumprimento do dever que excede as expectativas.

Todas as pessoas simpáticas da Bantam Dell, que se esforçam tanto para que as coisas resultem.

Jonathan Matson, meu agente e amigo, por me indicar o caminho certo e por me deixar perder as estribeiras quando preciso.

E, principalmente, à minha mulher Kathy, a quem faço referência algures nesta obra por fazer funcionar as coisas que me rodeiam.

Sem a boa vontade e o carinho dos supracitados, nada disto seria possível.



ESTREITOS
DAS TREVAS

Kro

Queg

LiMeth

Durbin

Ranom

DESERTO DE
JAL-PUR

MONTANHAS DOS TROLLS

Caralyan

MONTANHAS
SOMBRA DA
CHUVA

MONTANHAS
DO NINHO
DA ÁGUA

Draconi

**IMPÉRIO DO
GRANDE KESH**
VINTE ANOS APÓS A
GUERRA DA BRECHA

- 1 Mar de Sonhos
- 2 Landreth
- 3 Shimata
- 4 Stardock
- 5 Elarial

MAR DO DRAGÃO

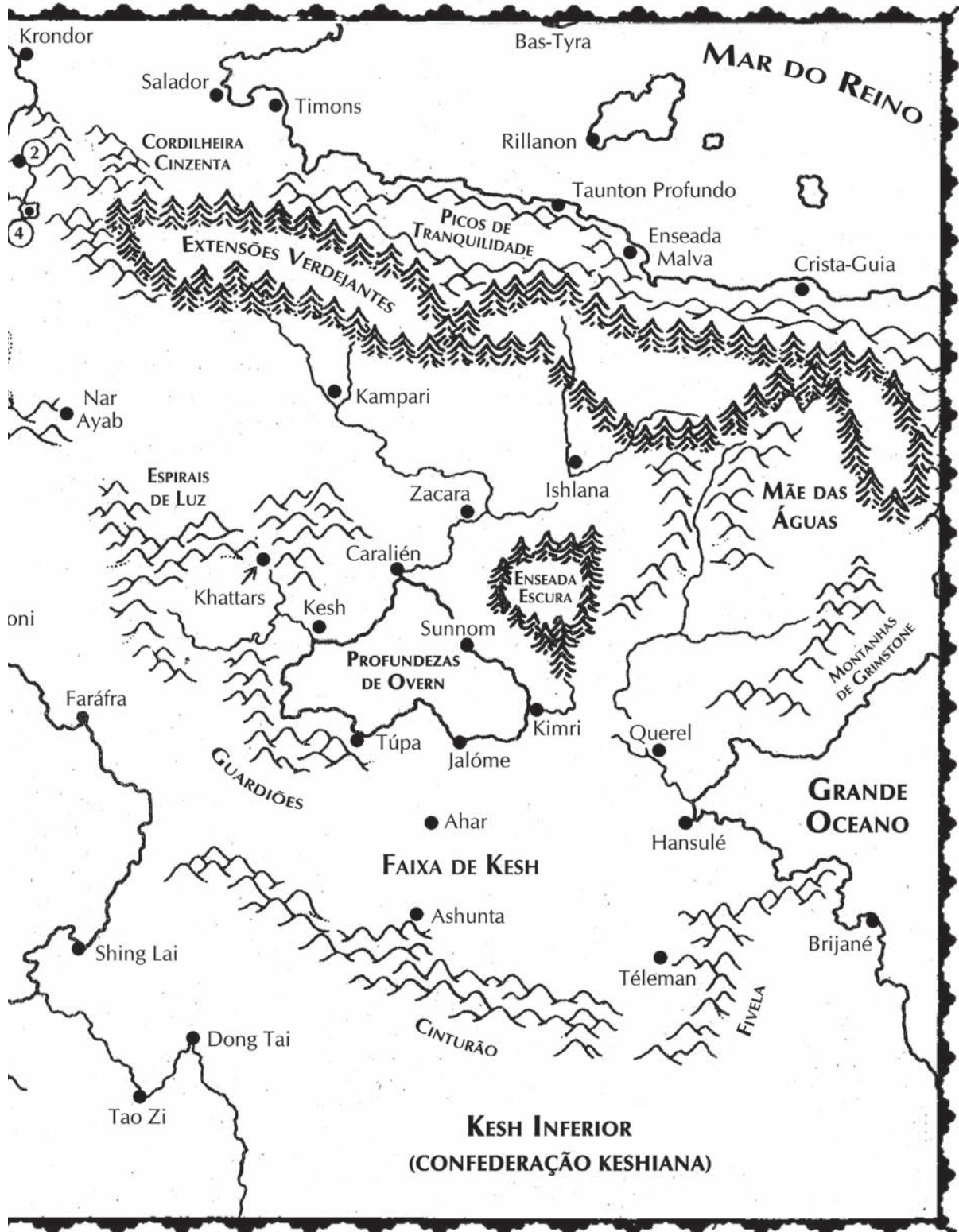
Taroom

Toowomba

Injune

Loranough

Jandowae





REGRESSO A CASA

A estalagem estava em silêncio. As paredes, enegrecidas por anos de fuligem da lareira, absorviam a luz da lamparina, refletindo uma luminosidade sombria. As chamas moribundas da lareira pouco conforto conferiam e, a julgar pelo semblante daqueles que decidiram sentar-se diante dela, ainda menos alegria. Ao contrário da maioria dos estabelecimentos do gênero, esta estalagem era quase lúgubre. Nos cantos sombrios, os homens conversavam em timbres sussurrados, abordando temas que preferiam que não fossem escutados por terceiros. Os únicos sons que rompiam o silêncio eram o rumor concordante com uma proposta murmurada ou o acre riso de uma mulher de virtude negociável. A maioria dos clientes da estalagem, chamada *O Estivador Adormecido*, seguia atentamente o jogo.

O jogo era o *pokkir*, comum a sul do Império do Grande Kesh e que agora vinha substituir o *lin-lan* e o *pashawa* na preferência dos jogadores que pululavam pelas estalagens e tabernas do Reino Ocidental. Um dos participantes segurava as suas cinco cartas diante dele, mantendo os olhos semicerrados em sinal de concentração. Era um soldado fora de serviço e mantinha-se atento a quaisquer sinais de problemas no salão, e problemas era algo que se aproximava a passos largos. Fez de conta que observava as suas cartas, enquanto perscrutava discretamente os cinco homens que estavam sentados à mesa com ele.

Os dois primeiros à sua esquerda eram homens rudes. Tinham os dois a pele tisonada pelo sol e as mãos que seguravam as cartas estavam pejudadas de calos; camisas de linho coçadas e calças de algodão cobriam largamente as suas compleições esguias mas musculosas. Nenhum deles usava botas ou sandálias, estavam descalços não obstante o ar frio da noite — sinal inequívoco de que eram marinheiros à espera de encontrar um novo navio. Geralmente, homens desta índole não tardavam a perder o soldo e tinham de embarcar novamente, porém, a julgar pela maneira como tinham passado a noite a apostar, o soldado tinha a certeza que estavam a mando do homem que se sentava à sua direita.

O homem mantinha-se paciente, à espera para ver se o soldado

ia a jogo ou se renunciava, perdendo o direito de recolher três cartas novas. O soldado já tinha visto muitos da laia dele; filho de um comerciante rico, ou o filho mais jovem de um nobre inferior, com tempo de mais e juízo de menos. Vestia elegantemente, seguindo as últimas tendências dos jovens de Krondor: umas calças curtas enfiadas nas meias, de modo a deixar que as pernas das calças acima da barriga das pernas formassem um balão. Uma simples camisa branca adornada com pérolas e pedras semipreciosas, e o casaco de corte moderno, de um amarelo berrante, com brocados brancos e prateados nos punhos e no colarinho. Era o típico janota. E, a julgar pela *slamanca* de Rodez que pendia do talabarte que trazia ao ombro, um homem perigoso. Tratava-se de uma arma que apenas os mestres usavam, ou alguém que procurasse uma morte rápida — nas mãos de um entendido, era uma arma terrível; nas mãos de um inexperiente, era suicídio.

O homem havia provavelmente perdido copiosos montantes de dinheiro no passado e agora procurava recuperar as perdas fazendo batota. Um ou outro marinheiro ganhava ocasionalmente uma partida, mas o soldado tinha a certeza que tal era planeado para que o jovem janota não levantasse suspeitas. O soldado suspirou, como se estivesse preocupado com a opção a tomar. Os outros dois jogadores aguardaram pacientemente que ele fizesse a sua jogada. Eram irmãos gémeos, altos, segundo os seus cálculos com mais de um metro e oitenta, e tinham uma aparência robusta. Estavam ambos sentados à mesa armados com espadas de duelo, também elas a escolha de entendidos ou de insensatos. Desde que o Príncipe Arutha ocupara o trono de Krondor há vinte anos, as espadas de duelo tinham-se tornado a escolha dos homens que usavam armas mais com um sentido de moda do que propriamente de sobrevivência. Todavia, estes dois não pareciam ser do tipo que usa armas para fins decorativos. Estavam vestidos como mercenários comuns, acabados de sair da formatura na caravana, a julgar pelo seu aspeto. Ainda traziam as túnicas e os coletes de couro cheios de pó, e os seus cabelos de um vermelho-acastanhado estavam ligeiramente emaranhados. Precisavam ambos de desfazer a barba. Porém, embora as suas vestes fossem vulgares e estivessem encardidas, as armaduras e armas não pareciam nada negligenciadas; podiam passar sem tomar um banho semanas a fio quando seguiam na caravana, mas dedicavam uma hora para olearem o couro e afiarem o aço. Pareciam em tudo autênticos, à exceção de uma sensação de vaga familiaridade que causava um certo desconforto ao soldado: nenhum deles falava com discurso escabroso, apanágio dos mercenários, mas antes com a vivacidade disciplinada de quem estava habituado a passar os dias na

corde, não a combater bandidos. Além disso, eram jovens, pouco mais do que uns rapazolas.

Os irmãos tinham iniciado a partida com júbilo, mandando vir caneca atrás de caneca de cerveja, deixando-se deliciar tanto pelas perdas como pelos ganhos, mas agora que a parada estava a subir, tinham-se tornado macambúzios. De quando em vez, trocavam olhares furtivos, e o soldado tinha a certeza que comunicavam em silêncio como os gémeos costumam fazer.

— Não vou a jogo — disse o soldado abanando a cabeça. Atirou as cartas para cima da mesa, e uma delas virou-se totalmente ao contrário por um instante antes de aterrar. — Entro ao serviço daqui a uma hora; é melhor regressar às casernas.

A verdade é que sabia que estava prestes a haver chatices, e que se ainda estivesse por ali quando acontecessem, nunca chegaria a tempo da revista. E o sargento de serviço não era homem para aceitar desculpas com benevolência.

O olhar do janota voltou-se para os dois irmãos. — Ides a jogo?

Quando o soldado chegou à porta da estalagem, reparou em dois homens que estavam em silêncio a um canto. Vestiam enormes mantos e tinham os rostos ligeiramente toldados pela penumbra dos capuzes, não obstante estar uma noite quente. Queriam dar a entender que observavam tranquilamente o jogo, mas estavam mais interessados em tudo o que se passava na estalagem. Também eles pareciam familiares ao soldado, mas não conseguiu identificá-los. E havia algo na postura deles, como se estivessem prestes a entrar em ação, que confirmava a sua determinação em dirigir-se imediatamente para as casernas. Abriu a porta da estalagem, transpôs a soleira para o exterior e fechou-a atrás de si.

O homem que estava mais perto da porta virou-se para o companheiro, com o rosto apenas parcialmente iluminado pela luz da lamparina por cima deles. — É melhor ires lá fora. Está prestes a acontecer.

O outro acenou com a cabeça. Durante os vinte anos da sua amizade, aprendera a nunca pôr em causa a capacidade do amigo para adivinhar problemas na cidade. Apressou-se a passar pela porta por onde o soldado passara.

Na mesa de jogo, era a vez do primeiro dos dois irmãos fazer a aposta. Fez uma careta, como que se estivesse espantado com o rumo do jogo. — Ides a jogo ou renunciáis? — perguntou o janota.

— Bem — respondeu o jovem, — isso levanta um problema. — Olhou para o irmão. — Erland, eu era capaz de jurar a Astalon, *o Juiz*, que vi uma Dama Azul quando aquele soldado atirou as cartas para cima da mesa.

— Então porque é que isso levanta um problema, Borric? — respondeu o gêmeo com um sorriso retorcido.

— Porque eu também tenho uma Dama Azul na mão.

Os homens começaram a afastar-se da mesa à medida que o tom da conversa começava a subir. Não era costume discutir-se as cartas de cada um. — Continuo a não ver onde está o problema — disse Erland, — pois o baralho tem duas Damas Azuis.

— Só que o nosso amigo aqui — disse Borric com um sorriso malicioso fazendo sinal para o janota — também tem uma Dama Azul enfiada na manga.

O alvoroço estalou imediatamente na sala enquanto os homens se afastavam o mais possível dos pelejantes. Borric saltou do seu lugar, agarrando a beira da mesa e virando-a de pernas para o ar, o que obrigou o janota e os seus sequazes a recuar. Erland segurava nas mãos a sua espada de duelo e um comprido punhal quando o janota desembainhou a *slamanca*.

Um dos dois marinheiros desequilibrou-se e caiu para a frente. Quando tentou levantar-se, Borric assestou-lhe um pontapé no queixo. Caiu inanimado aos pés do jovem mercenário. O janota saltou para a frente, infligindo um horrível golpe em direção à cabeça de Erland. Este defendeu-se destramente com a espada de duelo e respondeu com uma terrível estocada que o adversário conseguiu evitar à justa.

Ambos sabiam que enfrentavam um adversário digno de muita atenção. O estalajadeiro andava à roda pela sala, armado com um enorme cacete, ameaçando todos aqueles que pensavam em juntar-se à refrega. Quando se aproximou da porta, o homem do capuz acercou-se dele com uma rapidez surpreendente e agarrou-o pelo pulso. Disse-lhe algumas palavras e o semblante do estalajadeiro empalideceu. O proprietário assentiu brevemente com a cabeça e saiu porta fora.

Borric não teve problemas para se livrar do segundo marinheiro e, ao voltar-se, viu Erland numa luta feroz com o janota. — Erland! Quereis uma ajudinha?

— Acho que não — respondeu Erland. — Além disso, estais sempre a dizer que eu preciso de praticar.

— Lá isso é verdade — disse o irmão, esboçando um sorriso. — Mas não deixeis que ele vos mate. Eu teria de vos vingar.

O janota tentou uma combinação de ataque com estocadas altas e baixas e depois uma série de golpes altos e Erland foi obrigado a recuar. Lá fora, podiam ouvir-se apitos.

— Erland — disse Borric.

— O que foi? — disse o gêmeo mais novo, sujeito a grande pres-

são, enquanto se esquivava de outro ataque combinado, eximamente executado.

— Os guardas estão a chegar. É bom que vos apresseis a matá-lo.

— Estou a tentar — disse Erland — mas este fulano não está a colaborar. — Enquanto dizia estas palavras, o seu calcanhar pisou um charco de cerveja entornada e desequilibrou-se. Subitamente, estava a cair de costas sem poder defender-se.

Borric avançou quando o janota se lançou ao irmão. Erland rodopiou no chão, mas a espada do janota acertou-lhe no flanco. Sentiu uma dor quente ao longo das costelas. Simultaneamente, o oponente abriu o lado esquerdo a um contragolpe. Sentado no chão, Erland atacou para cima com a espada de duelo, acertando no estômago do adversário. O janota empertigou-se e arquejou enquanto uma mancha vermelha começava a espalhar-se pela sua túnica amarela. De seguida, Borric atacou-o pelas costas, usando o punho da espada para deixar o homem inconsciente.

Conseguiram ouvir o barulho dos homens que chegavam à pressa. — É melhor desembaraçarmo-nos desta confusão — disse Borric enquanto ajudava o irmão a levantar-se. — O pai vai ficar mais zangado connosco se andarmos em zaragatas...

Encolhendo-se por causa do ferimento, Erland interrompeu-o. — Não era preciso deixá-lo inconsciente. Acho que o teria liquidado no momento seguinte.

— Ou ele a vós. E não queria ter de enfrentar o pai se isso tivesse acontecido. Além disso, não o teríeis liquidado; simplesmente, não tendes o instinto. Teríeis tentado desarmá-lo ou algo igualmente nobre... — Borric observou-o, sustendo a respiração — e estúpido. Agora, vamos lá ver como podemos sair daqui.

Erland agarrou-se ao flanco maltratado enquanto se dirigiam para a porta. Alguns desordeiros da cidade, ao verem o flanco de Erland ensanguentado, tentaram impedir a saída dos gémeos. Borric e Erland apontaram as pontas das espadas ao bando de homens. — Mantende a guarda uns instantes — disse Borric enquanto pegava numa cadeira e a lançava pela enorme janela de sacada que dava para a avenida. Pedacos de vidro e chumbo choveram sobre a rua, e antes que o tilintar de estilhaços deixasse de se ouvir sobre a calçada, os dois irmãos saltaram pelos escombros da janela. Erland cambaleou e Borric teve de o segurar por um braço para que não caísse.

Quando se endireitaram, pareceu-lhes que estavam a ser atacados por cavalos. Dois dos desordeiros mais arrojados saltaram pela janela no encalço dos gémeos, e Borric teve de acertar na frente de um com o

punho da espada, enquanto o outro homem estacava logo de seguida, ao ver apontados para ele três arcos de flechas.

Em formação junto à porta da estalagem encontrava-se uma pequena companhia de dez sentinelas corpulentas e fortemente armadas que formavam o Esquadrão Antimotim. Porém, o que mantinha a meia dúzia de clientes de *O Estivador Adormecido* boquiabertos eram os trinta cavaleiros por detrás do Esquadrão Antimotim. Ostentavam os galhardetes de Krondor e a insígnia da Guarda da Casa Real do próprio Príncipe de Krondor. No interior da estalagem, alguém ultrapassou a estupefação.

— Guardas Reais! — gritou, e deu-se início a uma debandada geral pela porta das traseiras da taberna, enquanto os rostos embasbacados que estavam à janela desapareciam.

Os irmãos contemplaram os homens montados, armados até aos dentes e prontos a entrar em ação no caso de haver problemas. Eram encabeçados por um homem que os dois jovens mercenários bem conheciam.

— Ah, boas-noites, meu senhor — disse Borric, enquanto um sorriso lentamente se alastrava no seu rosto. O líder do Esquadrão Antimotim, ao constatar que não havia ninguém à vista, aproximou-se para assumir a custódia dos dois jovens.

O comandante da Guarda Real mandou-o afastar-se com um sinal da mão. — Isto não vos diz respeito, Sentinela. Podeis retirar-vos com os vossos homens. — O comandante das sentinelas fez uma ligeira vénia e conduziu os homens de regresso às casernas que ficavam no centro do Bairro Pobre.

Erland estremeceu ligeiramente ao dizer:

— Barão Locklear, que prazer.

O Barão Locklear, Marechal da Corte de Krondor, sorriu divertido. — De certeza. — Não obstante o posto que ocupava, não parecia ser mais velho um ou dois anos que fosse do que os rapazes, embora tivesse quase mais dezasseis. Tinha um cabelo loiro aos caracóis e uns enormes olhos azuis, naquele instante estreitados enquanto observava os dois gémeos com um ar de evidente reprovação.

— E isso deve querer dizer que o Barão James... — adiantou Borric.

— Está mesmo atrás de vós — disse Locklear, apontando.

Os dois irmãos voltaram-se e viram o homem do enorme manto emoldurado pela porta. Puxou o capuz para trás, revelando um rosto ainda jovem não obstante os trinta e sete anos de vida, ostentando um cabelo castanho encaracolado aqui e além sarapintado de cinza. Era

um rosto que os irmãos bem conheciam, pois fora um dos seus professores desde a infância, e, além disso, era um dos seus melhores amigos. Contemplou os dois irmãos com um ar de reprovação mal disfarçada e disse:

— O vosso pai ordenou que fôsseis diretamente para casa. Recebi relatórios do vosso paradeiro desde que deixastes o Castelo Altaneiro até passardes os portões da cidade... há dois dias!

Os gémeos tentaram ocultar o regozijo por conseguirem ludibriar a escolta real, mas não conseguiram. — Ignorem por instantes o facto de o vosso pai e a vossa mãe terem convocado uma assembleia formal para vos dar as boas-vindas. Esquecei que eles ficaram à vossa espera durante três horas! Não vos importais com o facto de o vosso pai insistir para que eu e o Barão Locklear corrêssemos a pente fino a cidade durante dois dias até vos encontrarmos. — Sondou os dois jovens. — Mas estou certo de que não se esquecerão de nada quando o vosso pai vos der uma palavrinha amanhã depois da assembleia.

Trouxeram dois cavalos e um soldado entregou com deferência as rédeas a cada um dos irmãos. Ao ver o sangue no flanco de Erland, um Tenente da Guarda aproximou o cavalo e perguntou na brincadeira:

— Vossa Majestade precisa de ajuda?

Erland debateu-se com o estribo e subiu para a sela sem auxílio. — Só quando me encontrar com o pai, primo Willie, e acho que não me podereis valer de muito nessa altura — respondeu, num tom irritado.

O Tenente William acenou com a cabeça. — Ele disse mesmo que regressásseis imediatamente a casa, Erland — acrescentou, num tom nada condescendente.

Erland assentiu com a cabeça, resignado. — Nós só queríamos descontraír um pouco durante um ou dois dias antes de...

William não conseguiu controlar uma gargalhada ao pensar na alhada em que os primos estavam metidos. Sempre os vira a meterem-se em sarilhos e nunca compreendera aquela tendência para o castigo. — Talvez pudésseis fugir para a fronteira — disse. — Eu poderia seguir-vos de longe.

Erland abanou a cabeça. — Creio que amanhã, depois da assembleia, arrepende-me-ei de não aceitar a vossa proposta.

William voltou a rir. — Vinde daí, o raspanete que vão levar não será pior do que a dúzia que já levaram.

O Barão James, Chanceler de Krondor e assistente principal do Duque de Krondor, montou rapidamente o cavalo. — Para o palácio — ordenou, e a companhia virou-se para escoltar os príncipes Borric e Erland até casa.

...

Arutha, Príncipe de Krondor, Marechal da Corte do Reino Ocidental, e Herdeiro Real do Trono do Reino das Ilhas, estava sentado em silêncio, atento aos assuntos da corte que se desenrolavam diante dele. Esguio na sua juventude, não ganhara o bojo que está habitualmente associado à meia-idade, mas tinha-se tornado mais rijo, com feições angulares, e perdera os efeitos atenuantes que a juventude conferira à sua aparência esgalgada. Ainda mantinha o cabelo negro, embora aqui e além esbranquiçado por vinte anos de governação de Krondor e do Reino Ocidental. Com o passar dos anos, os seus reflexos só tinham diminuído um pouco, e ainda o consideravam um dos melhores espadachins do Reino, embora raramente tivesse motivos para exercitar a sua perícia com a espada de duelos. Tinha os olhos castanhos-escuros semicerrados de concentração, um olhar ao qual nada parecia escapar, segundo era o entender daqueles que lhe prestavam serviço. Pensativo, mesmo taciturno por vezes, Arutha era um líder militar brilhante. Conquistara de pleno direito a sua reputação durante os nove anos da Guerra da Brecha, que terminara no ano anterior ao nascimento dos gémeos, depois de assumir o comando da guarnição de Crydee, o castelo da sua família, onde estavam os seus filhos, então com apenas alguns meses de idade.

Consideravam-no um governante implacável, mas justo, rápido a distribuir justiça quando o crime o justificava, embora frequentemente dado a atos de clemência a pedido da mulher, a Princesa Anita. Esse relacionamento era o espelho, mais do que qualquer outra coisa, do modo como o Reino Ocidental era administrado: inflexível, lógico, com uma justiça imparcial, temperado com clemência. Embora fossem poucos aqueles que defendiam abertamente as qualidades de Arutha, era bem respeitado e estimado, e os súbditos adoravam a sua mulher.

Anita estava sentada em silêncio no seu trono, com os seus olhos verdes perdidos no horizonte. A sua postura real disfarçava a preocupação que sentia pelos filhos, e só quem a conhecia intimamente o percebia. O facto de o marido ter ordenado que levassem os rapazes para o grande salão durante a assembleia matinal, e não para os aposentos privados dos pais na noite anterior, não deixava dúvidas quanto ao seu desagrado. Anita esforçava-se por se manter atenta ao discurso que estava a ser proferido por um dos membros do Grémio dos Tecelões; era também sua obrigação demonstrar àqueles que se apresentavam perante a corte do marido a consideração de ouvir todas as petições

ou pedidos. De um modo geral, os outros membros da família real não eram obrigados a estar presentes na assembleia matinal, mas desde que os gémeos tinham regressado de prestarem serviço no Castelo Altaneiro, na fronteira, tornara-se um ponto de encontro familiar.

A Princesa Elena estava ao lado do irmão. Tinha traços dos dois progenitores em igual medida, ostentando o cabelo ruivo e a pele clara da mãe e os olhos negros e inteligentes do pai. Quem conhecia bem a família real dizia amiúde que se Borric e Erland se pareciam com o tio, o Rei, Elena parecia-se com a tia, a Baronesa Carline de Salador. E Arutha constatara em mais do que uma ocasião que tinha o famoso feitio de Carline.

O Príncipe Nicholas, o filho mais novo de Arutha e Anita, evitara a necessidade de ficar ao pé da irmã, ao esconder-se da vista do pai. Permanecia por detrás do trono da mãe, longe do olhar do pai, no primeiro degrau do palanque. Os presentes no salão não conseguiam avistar a porta que levava aos aposentos reais, três degraus mais abaixo, onde, em anos passados, as quatro crianças tinham brincado ao jogo de se apinharem no primeiro degrau, enquanto ouviam o pai a dirigir a corte, desfrutando da deliciosa sensação de escutar às escondidas. Nicky aguardava a chegada dos dois irmãos.

Anita olhava em redor com aquela súbita sensação que as mães têm de que um dos seus filhos está num sítio onde não devia estar. Avistou Nicholas à espera junto à porta e fez-lhe sinal para que se aproximasse. Nicky idolatrava Borric e Erland, embora eles tivessem pouco tempo para o rapaz e estivessem sempre a troçar dele. Pura e simplesmente, não conseguiam encontrar nada em comum entre eles e o irmão mais novo, visto que havia doze anos de diferença.

O Príncipe Nicholas subiu os três enormes degraus a cambalear e colocou-se ao lado da mãe e, conforme acontecia todos os dias desde o seu nascimento, o coração desta desfez-se. O rapaz sofria de uma deformação num pé, e nem o serviço do cirurgião nem as rezas do padre tinham surtido qualquer efeito, a não ser permitir que ele conseguisse caminhar. Como não quis mostrar o bebé deformado ao escrutínio do público, Arutha ignorara a tradição e recusara-se a mostrar o menino na cerimónia de Apresentação, o feriado em honra da primeira aparição em público de qualquer filho real, um costume que bem poderia ter acabado quando Nicholas nasceu.

Nicky voltou-se quando ouviu a porta a abrir e Erland espreitou. O Príncipe mais jovem sorriu para os irmãos quando eles transpuseram cautelosamente a soleira da porta. Nicky desceu desajeitadamente os três degraus com os seus movimentos limitados para lhes cortar

caminho e deu um abraço a cada um. Erland estremeceu visivelmente e Borric deu-lhe distraidamente uma palmada num ombro.

Nicky seguiu os gémeos enquanto eles subiam lentamente os degraus por detrás dos tronos e se foram colocar ao lado da irmã. Ela espreitou por cima do ombro o tempo suficiente para meter a língua de fora e trocar os olhos, fazendo com que os três irmãos se esforçassem por não desatarem à gargalhada. Sabiam que mais nenhum dos presentes conseguia ver aquela fugaz pantomima. Já vinham de longe os tormentos que os irmãos infligiam na irmã mais nova, que retrucava o melhor que conseguia. Ela não se importaria nada em deixá-los embaraçados na corte do Rei.

Arutha, ao sentir que algo perturbava os descendentes, olhou de relance e presenteou os quatro filhos com um olhar carregado, o suficiente para silenciar qualquer potencial manifestação de regozijo. O olhar demorou-se nos filhos mais velhos e deixou transparecer toda a raiva que sentia, embora apenas aqueles que o conheciam bem conseguissem reconhecer tal sentimento. Depois, voltou a concentrar-se no assunto que estava a ser tratado. Um nobre inferior estava a ser promovido a um novo cargo, e embora os quatro descendentes reais pudessem não o considerar digno de muita atenção, o indivíduo em causa consideraria este como um dos momentos altos da sua vida. Arutha tentara transmitir-lhes essa ideia ao longo dos anos, mas nunca fora bem-sucedido.

Era o Lorde Gardan, Duque de Krondor, quem supervisionava a corte do Príncipe. O velho soldado servira sob as ordens de Arutha e, antes dele, sob as ordens do seu pai, durante mais de trinta anos. A sua pele escura contrastava completamente com a barba, quase branca, mas ainda guardava o olhar alerta de quem não perdera qualquer capacidade mental e tinha um sorriso pronto para dirigir aos descendentes reais. Plebeu de nascença, Gardan ascendera por mérito próprio, e, não obstante um desejo frequentemente manifestado de se aposentar e regressar à sua terra em Far Crydee, mantivera-se ao serviço de Arutha, primeiro como Sargento na guarnição de Crydee, depois ocupando o cargo de Capitão da Casa Real do Príncipe, depois de Marechal da Corte de Krondor. Quando o anterior Duque de Krondor, Lorde Volney, morrera inesperadamente após sete anos de leal serviço, Arutha outorgara o cargo a Gardan. Não obstante os protestos do velho soldado que afirmava não ser adequado para pertencer à nobreza, dera provas de ser um ótimo administrador bem como um prodigioso soldado.

Gardan acabara de anunciar o novo posto e privilégios do indiví-

duo e Arutha de lhe ofertar um pergaminho desmesuradamente grande com fitas e chancelas gravadas.

O sujeito recebeu o agradecimento e retirou-se para o meio da multidão, sendo felicitado em murmúrio pelos outros presentes.

Gardan fez sinal ao Mestre de Cerimónias, chamado Jerome, um homem magro, que se levantou prontamente. Jerome fora em tempos rival do Barão James e o cargo adaptava-se à sua qualidade empertigada. Era, sob todos os aspetos, uma pessoa extremamente aborrecida e a sua preocupação com insignificâncias tornava-o perfeito para o cargo. O seu amor pelo detalhe manifestava-se nas requintadas costuras do manto do seu posto e na barba pontiaguda que tinha no queixo e que passava horas a aparar.

— Se aprouver a Vossa Alteza, Sua Excelência, Lorde Torum Sie, Embaixador da Corte Real do Grande Kesh.

O Embaixador, que permanecera de pé a um dos lados em conferência com os seus conselheiros, aproximou-se do palanque e fez uma vénia. Era evidente que se tratava de um dos genuínos keshianos, pois tinha a cabeça rapada e também a julgar pelas suas vestimentas. O seu casaco escarlate ostentava cortes que deixavam antever um par de pantalonas amarelas e chinelos brancos. Trazia o peito despido à moda keshiana, sendo o pescoço adornado por um enorme colar de metal dourado. Cada peça de vestuário era delicadamente acabada com costuras quase impercetíveis, que eram ornamentadas com pequenas joias e pérolas. Estava coberto de brilhantes que reluziam enquanto se movia, e era sem dúvida a figura mais esplendorosa da corte.

— Majestade — disse, num timbre um tanto ou quanto cadenciado. — A Nossa Soberana, Lakeisha, Ela Que É Kesh, manda saber da saúde de Vossas Majestades.

— Transmiti os nossos melhores cumprimentos à Imperatriz — respondeu Arutha — e fazei-a saber que estamos bem de saúde.

— Com prazer — respondeu o Embaixador. — Agora, cabe-me pedir a Vossas Majestades uma resposta ao convite enviado pela minha senhora. O septuagésimo quinto aniversário de Sua Magnificência é um acontecimento de incomparável gáudio para o Império. Iremos organizar um Jubileu que se prolongará por dois meses. Vossas Majestades dar-nos-ão a honra da vossa presença?

O Rei já enviara um pedido de desculpas, tal como todos os soberanos dos Estados independentes vizinhos, desde Queg até aos Reinos Ocidentais. Embora reinasse a paz entre o Império e os Estados vizinhos há um tempo invulgarmente longo (onze anos desde o último grande embate entre fronteiras), nenhum soberano era tonto ao ponto

de se aproximar das fronteiras das nações mais temíveis de Midkemia. Essa recusa era considerada adequada. Já o convite ao Príncipe e à Princesa de Krondor era um assunto diferente.

A zona ocidental do Reino das Ilhas era quase uma nação fechada em si mesma, com responsabilidade de governação, que fora outorgada ao Príncipe de Krondor. Apenas a legislação mais ampla era forjada na corte do Rei em Rillanon. E era Arutha quem, na maior parte das vezes, tinha de lidar com os Embaixadores de Kesh, pois a maioria dos potenciais conflitos entre Kesh e o Reino aconteciam ao longo da fronteira sul do Reino Ocidental.

Arutha observou a esposa, e depois o Embaixador. — Lamentamos que os imperativos da vida oficial nos impeçam de realizar tão longa viagem, Excelência.

A expressão do Embaixador permaneceu inalterada, mas um ligeiro carregar do sobrolho deixou antever que o keshiano considerava a recusa quase insultuosa. — Lamento muito, Majestade. A minha senhora considerava a vossa presença essencial, digamos, um gesto de amizade e boa vontade.

Este estranho comentário não passou despercebido a Arutha, que acenou com a cabeça. — Porém, estaríamos a negligenciar a nossa amizade e boa vontade perante os nossos vizinhos do Sul se não enviássemos alguém em representação da Casa Real das Ilhas. — O olhar do Embaixador fixou-se prontamente nos gémeos. — O Príncipe Borric, presumível herdeiro do Trono das Ilhas, será o nosso representante no Jubileu da Imperatriz, meu senhor. — Borric, ao sentir-se subitamente o centro das atenções, manteve-se mais direito, e sentiu uma necessidade inesperada de puxar a túnica. — E o seu irmão, o Príncipe Erland, acompanhá-lo-á.

Borric e Erland trocaram olhares alarmados. — Kesh! — murmurou Erland, mal contendo a estupefação.

O Embaixador keshiano inclinou por instantes a cabeça para os príncipes em sinal de reconhecimento. — Um conveniente gesto de respeito e amizade, Majestade. A minha senhora ficará radiante.

O olhar de Arutha varreu o salão e fixou-se por instantes num homem que permanecia ao fundo, e depois continuou. Enquanto o Embaixador keshiano se retirava, Arutha levantou-se do trono.

— Hoje temos muitos assuntos para tratar; a sessão será retomada amanhã à décima hora do relógio — disse. Estendeu a mão à esposa, que a apertou ao levantar-se. Enquanto acompanhava a Princesa para fora do palanque, Arutha virou-se para Borric e murmurou:

— Vós e o vosso irmão, nos meus aposentos dentro de cinco mi-

nutos. — Os quatro sucessores reais fizeram uma vénia formal à passagem dos progenitores, depois seguiram-nos em fila indiana.

Borric olhou de relance para Erland e viu a sua própria curiosidade espelhada no semblante do irmão. Os gémeos esperaram até saírem do salão e Erland virou-se e agarrou Elena, fazendo-a rodopiar num abraço carinhoso. Borric deu-lhe uma forte palmada no traseiro, não obstante o efeito amortecedor das pregas do vestido. — Seus animais! — exclamou. De seguida, abraçou-os à vez. — Detesto dizer isto, mas gosto muito de os ter de regresso. As coisas têm sido extremamente monótonas desde que partiram.

Borric arreganhou os dentes. — Não foi isso que me constou, maninha.

Erland passou o braço à volta do pescoço do irmão e, em jeito zombeteiro e conspirador, murmurou:

— Chegou-me aos ouvidos que dois escudeiros do Príncipe foram apanhados numa rixa há um mês, e o motivo da rixa era decidir qual deles acompanharia a nossa irmã ao Festival de Banapis.

Elena fitou os irmãos de cenho franzido. — Nada tive a ver com a rixa desses idiotas. — Depois, alegrou-se. — Além disso, passei o dia com Thorn, o filho do Barão Lowery.

Os irmãos desataram numa gargalhada. — Também isso nos chegou aos ouvidos — disse Borric. — A vossa reputação está a chegar até aos Barões Fronteiriços, maninha! E ainda nem tendes dezasseis anos!

Elena puxou a saia para cima e passou pelos irmãos. — Bem, tenho praticamente a idade que a mãe tinha quando conheceu o pai, e, por falar no pai, se não vos apressais a ir ao encontro dele, ele ainda come os vossos fígados ao pequeno-almoço. — Afastou-se uma dúzia de passos, rodopiou numa lufada de sedas, e mostrou outra vez a língua aos irmãos.

Riram-se os dois e foi então que Erland reparou em Nicky, que estava ali perto. — Ora bem, o que temos aqui?

Borric fez de conta que olhava em redor, por cima da cabeça de Nicky. — O que quereis dizer? Não vejo nada.

A expressão de Nicky assumiu um ar de angústia. — Borric! — disse, quase a choramingar.

Borric olhou para baixo. — Olha, é... — Virou-se para o irmão. — O que é isto?

Erland passou lentamente por Nicky. — Não sei bem. É demasiado pequeno para ser um trasgo, mas demasiado grande para ser um macaco, a menos que fosse um macaco muito alto.

— Não é suficientemente largo de ombros para ser um anão, e está demasiado bem vestido para ser um pedinte...

O semblante de Nicky toldou-se. Começaram a formar-se lágrimas nos seus olhos. — Vós prometestes! — disse, com a voz embaraçada. Olhou para o alto, onde os irmãos sorriam mirando-o de cima, depois, com as lágrimas a escorrer-lhe pelas faces, pontapeou Borric na canela, voltou-se e desatou numa correria. O seu coxear ondulante não o atrasou enquanto fugia precipitadamente pelo corredor, seguido pelo som dos seus soluços.

Borric esfregou a canela afetada. — Bolas, o moço dá uns pontapés. — Olhou para Erland. — Prometemos?

Erland virou os olhos para o céu. — Não o gozarmos mais. — Suspirou. — Vai certamente fazer queixa à mãe, e ela vai falar com o pai e...

Borric estremeceu. — E levamos mais uma série de sermões.

De seguida, exclamaram em uníssono:

— Pai!

Apressaram-se então na direção dos aposentos de Arutha. Ao ver os irmãos aproximarem-se, o guarda que estava à porta abriu-a.

Lá dentro, os irmãos foram encontrar o pai sentado na sua cadeira preferida, uma coisa velha de madeira e pele, mas que ele preferia a qualquer outra das dezenas que havia no enorme salão de conferências. Um pouco mais à sua esquerda estavam os barões James e Locklear. — Vocês os dois, entrem — disse Arutha.

Os gémeos puseram-se diante do pai. Erland mexia-se desajeitadamente pois o ferimento coagulara durante a noite. — Algum problema? — indagou Arutha.

Os dois filhos sorriram tenuemente. O pai não deixava escapar nada. — Ele tentou atacar e contra-atacar, quando devia ter defendido — disse Borric. — O fulano conseguiu acertar-lhe.

— Outra vez metidos em rixas — disse Arutha com uma voz gélida. — Era de prever, como certamente previu o Barão James. Houve mortes? — perguntou a James.

— Não — respondeu este, — mas foi por pouco que o filho de um dos armadores mais influentes da cidade não perdeu a vida.

A raiva de Arutha transpareceu-lhe no rosto ao levantar-se lentamente da cadeira. Num homem que conseguia esconder bem as emoções, era raro notar-se tal manifestação, e quem o conhecia bem sabia que isso não augurava nada de bom. Colocou-se em frente dos gémeos e, por instantes, parecia na iminência de lhes ir bater. Fitou os olhos de ambos. Arrancou cada palavra enquanto tentava recuperar o controlo. — Em que é que vocês os dois estavam a pensar?

— Foi em legítima defesa, pai — disse Erland. — O sujeito estava a tentar espetar-me.

— O sujeito estava a fazer batota — interveio Borric. — Tinha uma Dama Azul a mais escondida na manga.

— Por mim, até podia ter um baralho inteiro escondido na manga — disse Arutha salivando. — Vós não sois soldados comuns, com os diabos! Vós sois meus filhos!

Arutha caminhou à volta deles, como se estivesse a inspecionar corcéis ou a passar revista à guarda. Os rapazes suportaram aquele exame atento, pois sabiam que o estado de espírito do pai não tolerava qualquer insolência.

Por fim, lançou as mãos aos céus, num gesto de resignação. — Eles não são meus filhos — disse. Passou diante dos gémeos e foi juntar-se aos dois barões. — Só podem ser do Lyam — disse, invocando o nome do Rei. O irmão de Arutha era conhecido pelo seu temperamento e por se envolver em rixas quando era novo. — Não sei como, mas a Anita casou comigo e pariu os fedelhos arruaceiros do Rei. — James limitou-se a assentir com a cabeça em concordância. — Deve tratar-se de algum plano divino que não compreendo.

Virou-se outra vez para os rapazes. — Se o vosso avô ainda fosse vivo, mandaria deitar-vos em cima de um barril, pegaria num cinto de couro e não teria contemplanções quanto à vossa idade — disse. — Portaste-vos como crianças, outra vez, e deveis ser tratados como crianças.

A sua voz subiu de tom ao caminhar outra vez na direção deles. — Dei ordens para que regressassem para casa prontamente! Mas obedestes? Não! Em vez de regressardes imediatamente para o palácio, desapareceis no Bairro Pobre. Dois dias depois, o Barão James vai encontrar-vos em plena rixa numa taberna. — Fez uma pausa, e depois, quase a gritar, exclamou:

— Podíeis ter morrido!

— Se ao menos aquele golpe... — começou Borric em tom sarcástico.

— Basta! — bradou Arutha, perdendo completamente as estribelhas. Agarrou a túnica de Borric e puxou o filho para a frente, fazendo-o perder o equilíbrio. — Isto não vai acabar com uma piada e um sorriso! Foi a última vez que me desobedestes. — Terminou esta frase com um empurrão que fez Borric cambalear e ir contra o irmão. Os modos de Arutha deixavam bem claro que não tinha paciência para a irreverência dos filhos, que habitualmente ignorava. — Não mandei chamar-vos porque a corte sentia saudades do vosso característico desalinho. Acho que mais um ou dois anos na fronteira vos teria acalma-

do um pouco, mas não tenho alternativa. Vós tendes obrigações reais e sois necessários agora!

Borric e Erland trocaram olhares. Já estavam habituados ao mau humor de Arutha, e já haviam sentido a sua raiva (que de um modo geral se justificava), mas desta vez estava a acontecer algo de grave. — Perdoai-nos, pai — disse Borric. — Não percebemos que era uma questão de dever que nos urgia a regressar a casa.

— Isso porque não é de esperar que percebais seja o que for, é de esperar que obedeçais! — ripostou o pai. — Por agora, nada mais tenho a dizer-vos — retorquiu, evidentemente sem paciência para continuar a conversa. — Tenho de me recompor para a reunião privada com o Embaixador keshiano de hoje à tarde. O Barão James continuará esta conversa em meu nome. — Fez uma pausa junto à porta e virou-se para James. — Faz o que tiveres de fazer! Mas quero estes miseráveis cientes da gravidade da situação quando voltar a falar com eles hoje à tarde. — Fechou a porta sem esperar por uma resposta.

James e Locklear puseram-se de ambos os lados dos príncipes. — Se Vossas Majestades fizessem o obséquio de nos seguir — disse James.

Borric e Erland olharam de relance para aqueles que toda a vida haviam sido seus tutores e “tios” e depois trocaram olhares. Suspeitavam do que os esperava. O seu pai nunca encostara um cinto ou uma mão que fosse aos seus filhos, para profundo alívio da mulher, mas isso não impedia que se realizassem recontros de “prática em combate” quando os rapazes eram desordeiros, ou seja, quase sempre.

O Tenente William, que aguardava lá fora, acompanhou silenciosamente os gémeos e os barões pelo corredor abaixo. Estugou o passo para ir abrir a porta que dava para o ginásio do Príncipe Arutha, um enorme salão onde a família real podia praticar as suas competências com o sabre, o punhal, ou em combate corpo a corpo.

O Barão James encabeçou a comitiva ao longo do corredor. Chegados à porta do ginásio, William abriu-a, pois embora fosse primo em segundo grau dos gémeos, não passava de um soldado na companhia de nobres. Borric foi o primeiro a franquear a porta, seguido de Erland e James, imitados por Locklear e William na cauda.

No interior do salão, Borric virou-se agilmente e recuou com as mãos levantadas para praticar boxe. — Agora estamos muito mais velhos e maiores, Tio Jimmy — disse. — E não vos deixarei pregar-me um murro atrás da orelha como da outra vez.

Erland inclinou-se para a esquerda, agarrando-se exageradamente ao flanco e evidenciando subitamente um coxear. — E mais rápidos também, Tio Locky. — Sem aviso prévio, atirou um cotovelo à cabeça

de Locklear. O Barão, um soldado tisonado com quase vinte anos de experiência, esquivou-se para o lado, fazendo com que Erland se desequilibrasse. Seguidamente, contornou-o, agarrando-o por um braço, e empurrou-o para o centro do ginásio com a sola da bota.

Os dois barões mantiveram-se à distância enquanto os dois irmãos permaneciam de atalaia para a refrega, de punhos em riste. Com um sorriso perverso, James levantou as palmas das mãos. — Oh, não há dúvidas de que sois demasiado jovens e rápidos para nós — disse. Os rapazes perceberam o sarcasmo. — No entanto, como temos de manter a concentração durante os próximos dias, achamos por bem abrir mão de atestarmos a vossa evolução durante os últimos dois anos. — Fez sinal com o polegar por cima do ombro, indicando um canto afastado. — Pessoalmente, devo dizer.

Ao canto, encontravam-se dois soldados que envergavam apenas as calças. Tinham ambos uns braços maciços cruzados sobre os peitos impressionantemente musculados. O Barão James fez-lhes sinal para que se aproximassem. Enquanto se acercavam, os rapazes trocaram olhares.

Os dois homens aproximaram-se com o movimento fluido de um puro-sangue, subtilmente, mas deixando adivinhar pujança. Pareciam os dois entalhados em alvenaria. — Não são humanos! — murmurou Borric. Erland sorriu, pois os dois homens tinham queixos enormes, que se assemelhavam às mandíbulas salientes dos trolls da montanha.

— Estes cavaleiros integram a guarnição do Tio Lyam — explicou Locklear. — Na semana passada houve uma demonstração dos Campeões de Pugilismo Real e pedimos-lhes que ficassem connosco mais alguns dias. — Os dois homens começaram a afastar-se um do outro, circundando os rapazes por lados opostos.

— O do cabelo loiro é o Sargento Obregon, da guarnição de Rodez... — adiantou Jimmy.

— É o campeão de todos os homens que têm menos de noventa quilos — interveio Locklear. — Ah, o Erland será o vosso pupilo, Obregon; está magoado de lado. Tende piedade dele.

— E o outro — prosseguiu Jimmy — é o Sargento Palmer, de Bas-Tyra.

Os olhos de Borric estreitaram-se ao estudar o soldado que se aproximava. — Deixai-me adivinhar: é o campeão de todos os homens que têm mais de noventa quilos.

— É — respondeu o Barão James com um sorriso maquiavélico.

Subitamente, o campo de visão de Borric ficou preenchido por um punho a vir na sua direção. Tentou afastar-se rapidamente, mas

percebeu abruptamente que outro punho descobrira o caminho até ao lado da sua cabeça. Depois, estava a pensar em quem teria pintado os frescos que adornavam o teto do salão que o seu pai transformara em ginásio. Gostava mesmo de saber.

— O vosso pai queria que nós os deixássemos impressionados relativamente à importância daquilo que vos espera amanhã — disse Jimmy enquanto ele abanava a cabeça e se levantava lentamente.

— E o que será isso? — perguntou Borric, deixando o Sargento Palmer ajudá-lo a levantar-se. Todavia, o Sargento não largou a mão de Borric. Em vez disso, segurou-a com força enquanto assestava o punho direito com força no estômago de Borric. O Tenente William estremeceu quando Borric expeliu o ar dos pulmões e trocou os olhos ao cair outra vez por terra. Erland começou cautelosamente a afastar-se do outro pugilista, que agora o perseguia por toda a parte.

— Caso ainda não tenhais reparado, o vosso tio, o Rei, só teve filhas desde que o jovem Príncipe Randolph morreu.

Borric não aceitou a mão que o Sargento Palmer lhe oferecia. — Obrigado, mas eu levanto-me sozinho — disse. — Não penso muito sobre a morte do nosso primo, mas estou ciente do facto — disse, enquanto se apoiava num joelho. Depois, quando começava a levantar-se, infligiu um rude golpe no estômago do Sargento Palmer.

O pugilista, que era mais velho e mais robusto, suportou o golpe, respirou fundo e depois sorriu, reconhecido. — Foi um bom golpe, Majestade — disse.

Borric rolou os olhos para cima. — Obrigado. — Então, ficou com o campo de visão outra vez ocupado por um punho, e pôde apreciar novamente a obra de arte que ornamentava o teto. Como é que nunca reparara nela antes?

Erland tentava manter-se longe do Sargento Obregon, que se abeirava dele. Subitamente, o jovem deixou de recuar, e avançou com uma rajada de golpes. Em vez de retroceder, o Sargento protegeu a cara com os braços e deixou que o jovem lhe acertasse nos braços e nos ombros. — Estamos cientes de que o nosso tio carece de um herdeiro, Tio Jimmy — disse Erland quando começava a sentir os braços cansados enquanto fustigava futilmente o musculoso Sargento. O Sargento entrou abruptamente para a zona de defesa do jovem e aplicou-lhe um golpe no flanco. Erland empalideceu e trocou os olhos, depois viu tudo desfocado.

— Desculpai-me, Majestade, não queria acertar no lado onde tendes o ferimento — disse o Sargento Obregon ao ver a sua reação.

— Não tendes de quê — disse Erland num murmúrio entrecortado.

Borric abanou a cabeça para compor os pensamentos, depois rolou rapidamente para trás e pôs-se de pé, pronto para a luta. — Quer então dizer que há uma questão relativamente a esta repetição na carreira de um Príncipe real na nossa família?

— Assim é — concordou James. — Na falta de um descendente masculino, o Príncipe de Krondor continua a ser o herdeiro.

A voz de Erland soou outra vez com um estranho arfar. — O Príncipe de Krondor é sempre Herdeiro Real.

— E o vosso pai é o Príncipe de Krondor — interveio Locklear.

Com um ataque dissimulado para a esquerda, Borric acertou com o punho direito no queixo do Sargento Palmer, o que fez o homem mais velho cambalear por instantes. Outro murro no corpo obrigou o pugilista a recuar. Borric ganhou confiança e avançou para desferir o último golpe, e foi aí que o mundo ficou repentinamente de pernas para o ar.

A visão de Borric ficou amarela e depois vermelha durante algum tempo, e enquanto pairava no espaço, o chão subiu e acertou-lhe na nuca. A escuridão aglomerou-se na fronteira da sua visão e vislumbrou um círculo de rostos que o olhavam do alto de um poço profundo. Pareciam rostos amistosos, e pensou que poderia saber a quem pertenciam, mas não sentiu qualquer necessidade disso, pois estava a afundar-se confortavelmente na fresca penumbra do poço. Olhando além dos rostos, pôs-se a cismar se algum deles saberia quem teriam sido os artistas que tinham pintado os frescos.

Quando os olhos de Borric começaram a rolar nas órbitas, William virou um pequeno balde sobre a sua cabeça. O gémeo mais velho retomou a consciência borrifando e cuspidando água.

O Barão James estava apoiado num joelho e ajudou o Príncipe a levantar-se. — Conseguis ouvir-me?

Borric abanou a cabeça e recuperou a visão. — Acho que sim — lá consegui dizer a custo.

— Ótimo. Pois se o vosso pai continua a ser Herdeiro do Trono, vós sois o infante real — deu uma palmadinha no pescoço de Borric para frisar o que ia dizer a seguir, — pelo que continuais a ser o Presumível Herdeiro.

Borric virou-se para perscrutar o rosto de James. O jovem Príncipe continuava a não compreender o cerne da mensagem de James. — E daí?

— Daí, seu tolo, como é pouco provável que o nosso pobre Rei, vosso tio, venha a ter filhos nesta fase da vida, considerando a idade da Rainha, se Arutha viver mais do que ele, será coroado Rei. — Aju-

dou Borric a pôr-se de pé. — E se a Deusa da Sorte assim o quiser — acrescentou, dando uma palmadinha jocosa no rosto de Borric, — vós certamente vivereis mais do que o vosso pai, o que significa que um dia sereis Rei.

— O Senhor nos perdoe — acrescentou Locklear.

Borric olhou em seu redor. Os dois sargentos haviam recuado, pois a pretensão de uma lição de pugilismo fora esquecida. — Rei?

— Sim, seu real parvinho — disse Locklear. — Se ainda fordes vivo, todos teremos de nos ajoelhar perante vós e fazer de conta que sabeis o que estais a fazer.

— Por isso — continuou James, — o vosso pai decidiu que chegou a hora de deixardes de vos comportar como o filho mimado de um mercador de gado e de começardes a agir como o futuro Rei das Ilhas.

Erland veio pôr-se ao lado do irmão, apoiando-se ligeiramente nele. — Então, porque simplesmente — estremeceu, quando um movimento errado lhe fez doer o flanco ferido — não nos dissestes o que se estava a passar?

— Convenci o vosso pai de que a lição teria de ser... enfatizada — explicou James. Analisou os dois príncipes. — Fostes educados e ensinados pelos melhores instrutores que o vosso pai encontrou. Falais... o quê... seis, sete línguas? Sabeis fazer somas e cálculos, como os engenheiros num cerco. Sabeis fazer preleções sobre os ensinamentos dos anciões. Sabeis música e pintura, e conheceis a etiqueta da corte. Sois hábeis espadachins e... — olhou de relance para os dois pugilistas — aprendizes de pugilismo bastante dotados. — Afastou-se. — Porém, em dezanove anos desde o vosso nascimento, nunca demonstrastes um único sinal de que fôsseis algo mais do que uns meninos mimados e comodistas. nenhuns Príncipes do Reino! — Começou a falar mais alto e o seu tom tornou-se irado. — E quando acabarmos o trato que temos para vós, estareis a agir como Príncipes da Corte ao invés de meninos mimados.

— Meninos mimados? — disse Borric, descoroçoado.

Erland sorriu ao constatar o desconforto do irmão. — Então é só isso? O Borric tem de aprender a comportar-se para que o pai fique satisfeito...

James virou-se para Erland com os dentes arreganhados. — Tal como vós, meu querido! Porque se o marido irado de uma dama da corte de Kesh cortar a goela a este filho de uma natureza insensata e caprichosa, sereis vós a usar um dia a coroa de conDoin em Rillanon. Mesmo que isso não aconteça, continuareis a ser herdeiro até se dar o improvável acaso de o vosso irmão ser pai. Mesmo então, o mais pro-

vável é acabardes como duque algures. — Baixou um pouco o tom de voz. — Por isso, têm ambos de começar a aprender o ofício.

— Pois, eu sei — disse Borric. — Será a primeira coisa logo de manhãzinha. Vinde, vamos descansar um pouco. — Borric olhou para baixo e reparou numa mão no seu peito que o impedia de avançar.

— Mais devagar — disse James. — A lição ainda não acabou.

— Ah, Tio Jimmy — começou Erland.

— Foram bem claros — disse Borric, com a raiva a transparecer-lhe na voz.

— Não me parece — respondeu o Barão. — Continuam a ser um par de malcriações. Podeis continuar — disse, dirigindo-se aos dois sargentos.

O Barão James fez sinal para que Locklear o acompanhasse, enquanto deixava os dois jovens príncipes a prepararem-se para uma sova dada por profissionais. Enquanto os dois nobres abandonavam o recinto, James fez sinal ao Tenente William. — Quando já tiverem que chegue, levai-os para os seus aposentos. Deixai-os descansar e tratai de que se alimentem, depois certificai-vos de que se levantam e preparam para ir ao encontro de Sua Majestade a meio da tarde.

William fez continência e virou-se para ver os dois príncipes serem lançados outra vez ao tapete. Abanou a cabeça. Não ia ser nada agradável.

ACUSAÇÃO

O rapaz gritou. Borric e Erland observavam da janela dos aposentos dos seus pais enquanto o Mestre de Armas Sheldon atacava o jovem Príncipe Nicholas. O rapaz gritou outra vez ao executar uma inteligente parada e depois um contra-ataque. O Mestre de Armas recuou.

Borric coçou a maçã do rosto enquanto observava. — O miúdo mexe-se bem, não há dúvida. — A feia contusão do treino de pugilismo da manhã estava a escurecer.

Erland concordou. — Herdou a destreza do pai com a espada. E safa-se bem apesar do problema na perna.

Borric e Erland viraram-se quando a porta se abriu e a mãe deles entrou. Anita mandou com um gesto que as suas aias fossem esperar a um canto afastado, onde elas começaram a tagarelar em voz baixa sobre a bisbilhotice mais interessante. A Princesa de Kronдор foi colocar-se entre os dois filhos e espreitou pela janela para ver Nicholas, todo contente, ser engodado numa manobra e depois desarmado.

— Não, Nicky! Devíeis ter antecipado a manobra — gritou Erland, embora a janela de vidro impedisse que o irmão mais novo o ouvisse.

— Ele esforça-se tanto — disse Anita, rindo.

Borric encolheu os ombros enquanto se viravam. — Mesmo assim, ele safa-se bastante bem para um miúdo. Não é muito pior do que nós quando tínhamos a sua idade.

Erland concordou. — O macaco...

Subitamente, a mãe virou-se para ele e deu-lhe um estalo. Ato contínuo, as mulheres que estavam ao canto cessaram o cochicho e olharam pasmadas para a sua Princesa. Borric olhou para o irmão, que estava tão estupefacto quanto ele. Nunca, nos dezanove anos de vida deles, a mãe lhes tinha levantado a mão. Erland estava mais aturdido do ato do que da dor propriamente dita. Os olhos verdes de Anita evidenciavam um misto de raiva e de arrependimento. — Nunca mais falais assim do vosso irmão. — O tom da sua voz não deu ensejo a contra-argumentação. — Zombastes dele e causastes mais dor do que os inóspitos remoques de todos os nobres. Ele é um bom menino e adora-vos, e tudo o que fazeis por ele é ridicularizá-lo e atormentá-lo. É o vosso primeiro dia de regresso ao palácio

e, ao fim de cinco minutos a falar convosco, ele já estava outra vez banhado em lágrimas.

»O Arutha tinha razão. Deixei os vossos abusos sem castigo demasiado tempo. — Voltou-lhes as costas, como se estivesse prestes a ir embora.

— Ah, mãe — disse Borric, numa tentativa de se salvar a si mesmo e ao irmão da vergonha do momento. — Mandastes chamar-nos? Queríeis dizer-nos algo mais?

— Não mandei chamar-vos — respondeu Anita.

— Mandei eu.

Os rapazes voltaram-se e viram o pai tranquilamente de pé junto à pequena porta que interligava o seu estúdio e o quarto da família, que era assim que Anita chamava àquela parte do aposento real. Os rapazes trocaram olhares e perceberam que o pai estivera a assistir há tempo suficiente para ter presenciado o que se passara entre a mãe e os filhos.

— Se me permitis, gostaria de ter uma conversa em particular com os nossos filhos — disse Arutha após um longo silêncio.

Anita acenou com a cabeça e fez sinal para que as aias se retirassem com ela. O quarto ficou rapidamente vazio, deixando Arutha a sós com os filhos. — Estão bem? — perguntou Arutha assim que a porta se fechou.

— Suficientemente bem, pai, considerando as “instruções” que recebemos esta manhã — disse Erland contraindo os músculos. Indicou que já não lhe doía o flanco.

Arutha franziu o sobrolho e abanou levemente a cabeça. — Pedi ao Jimmy para que não me dissesse o que tinha congeminado. — Fez um sorriso perverso. — Apenas lhe pedi que, de algum modo, vos fizesse compreender as graves consequências de não fazerdes aquilo que se espera de vós.

Erland acenou com a cabeça. — Bem, não é que já não estivéssemos à espera de algo assim. Efetivamente, ordenastes-nos que regressássemos diretamente para casa e nós de facto fizemos um pequeno desvio para nos divertirmos um pouco antes de regressarmos ao palácio — disse Borric.

— Para vos divertirdes... — disse Arutha, enquanto os seus olhos procuravam o rosto do primogénito. — Receio bem que não tenham muito tempo para vos divertirdes no futuro.

Fez sinal para que os rapazes se aproximassem e eles obedeceram. Dirigiu-se para o seu estúdio e eles seguiram-no enquanto ele passava pela sua enorme escrivaninha. Por detrás, havia uma alcova especial,

oculta por uma engenhosa pedra de trancar, que ele abriu. Tirou de lá um pergaminho que ostentava o timbre da família real e entregou-o a Borric. — Lede o terceiro parágrafo.

Borric obedeceu e arregalou os olhos. — São, de facto, notícias muito tristes.

— O que foi? — indagou Erland.

— Uma mensagem do Lyam — explicou Arutha.

Borric passou o pergaminho ao irmão. — Os cirurgiões e os sacerdotes têm a certeza de que a Rainha não conceberá mais filhos. Não haverá um Herdeiro Real em Rillanon.

Arutha dirigiu-se a uma porta que havia ao fundo dos aposentos reais. — Acompanhai-me.

Abriu a porta e subiu um lanço de escadas. Os filhos apressaram-se a segui-lo, e não tardou a estarem os três no topo de uma velha torre, perto do centro do palácio real, sobranceira à cidade de Krondor. Arutha falou sem olhar para se certificar de que os filhos o tinham seguido.

— Quando eu tinha mais ou menos a vossa idade, costumava andar pelos parapeitos da barbacã do castelo do meu pai. Costumava olhar para baixo, sobre a cidade de Crydee e para o porto ao fundo. Um lugar tão pequeno, mas tão grande na minha memória.

Olhou de relance para Borric e Erland. — O vosso avô fez praticamente o mesmo quando era criança, segundo me contou em tempos o nosso Mestre de Armas Fannon. — Arutha passou algum tempo perdido nas suas recordações. — Eu tinha mais ou menos a vossa idade quando me entregaram o comando da guarnição, rapazes. — Os dois filhos já tinham ouvido falar da Guerra da Brecha e do papel que o pai desempenhara nela, mas agora não eram as mesmas histórias que tinham ouvido da boca do seu pai e do tio Laurie ou do Almirante Trask ao jantar.

Arutha virou-se e foi sentar-se num dos merlões. — Eu nunca quis ser Príncipe de Krondor, Borric. — Erland fora sentar-se no merlão ao lado do pai, pois sentia que as palavras do pai se destinavam principalmente ao irmão mais velho. Já lhe haviam chegado aos ouvidos histórias de que o seu pai nunca desejara governar. — Quando era novo — continuou Arutha, — o meu maior desejo era ser soldado, e talvez servir com os barões fronteiriços.

»Só quando conheci o velho Barão do Castelo Altaneiro é que percebi que os sonhos de juventude nos perseguem frequentemente em adultos. É difícil afastá-los, e, no entanto, para conseguirmos ver as coisas como elas efetivamente são, é preciso perder aquela perspetiva infantil das coisas.

Perscrutou o horizonte. O pai deles sempre fora um homem franco, dado ao discurso direto, e nunca lhe tinham faltado as palavras para se expressar. Mas era óbvio que estava a sentir dificuldade para dizer o que lhe ia na cabeça. — Borric, quando éreis muito mais novo, como pensáveis que seria hoje a vossa vida?

Borric olhou de relance para Erland, depois novamente para o pai. Soprou uma leve brisa e a sua cabeleira longa e espessa de cabelos castanhos-avermelhados cobriu-lhe a cara. — Nunca pensei muito nisso, pai.

Arutha suspirou. — Acho que cometi um terrível erro na maneira como vos eduquei. Quando éreis os dois muito pequenos, éreis muito traquinas e, certa vez, perturbastes-me. Foi uma ninharia, virastes um frasco de tinta, mas estragastes um extenso pergaminho e perdeu-se o trabalho de um dia de um escriba. Dei-vos uma palmada no traseiro, Borric. — O irmão mais velho sorriu ao imaginar a cena. Arutha não lhe devolveu o sorriso. — Nesse mesmo dia, a Anita fez-me jurar que nunca mais tocaria em nenhum dos dois quando estivesse zangado. Ao fazê-lo, parece-me que vos amimalhei e vos preparei mal para as vidas que vos esperam.

Erland não conseguia deixar de se sentir envergonhado. Ao longo dos anos, tinham ralhado imenso com eles, mas raramente tinham sido castigados e, até àquela manhã, nunca os haviam punido fisicamente.

Arutha acenou com a cabeça. — O modo como fomos educados em nada se assemelha. O vosso tio, o Rei, sentiu o couro do cinto do nosso pai mais de uma vez, quando era apanhado. Eu só levei uma coça em criança. Não tardei a aprender que, quando o meu pai dava uma ordem, esperava que lhe obedecessem sem a contraporem. — Arutha suspirou e, pela primeira vez nas suas vidas, os rapazes perceberam que o pai estava indeciso. — Todos partimos do princípio de que o Príncipe Randolph seria um dia coroado Rei. Quando morreu afogado, partimos do princípio de que o Lyam iria ter outro filho. Mesmo quando só nasciam raparigas e as perspectivas de um Herdeiro Real em Rillanon diminuíram com o passar dos anos, nunca pensámos que um dia vós... — encostou o dedo ao peito de Borric — fôsseis o governante da nação.

Olhou para o outro filho e, num gesto incaracterístico, pousou a mão sobre a de Erland. — Não sou dado a falar sobre sentimentos fortes, mas vós sois meus filhos e amo ambos, embora vocês ponham a minha paciência à prova.

Os rapazes sentiram-se subitamente desconfortáveis perante esta revelação. Amavam o pai, porém, tal como ele, sentiam-se pouco

à-vontade perante qualquer tentativa de exprimirem abertamente tal sentimento. — Compreendemos — foi tudo o que Borric conseguiu dizer.

— Compreendeis? Compreendeis mesmo? — perguntou Arutha, fitando Borric diretamente nos olhos. — Então compreendi que, a partir do dia de hoje, não sois apenas meus filhos. Sois filhos do Reino. Sois ambos reais. Um dia sereis Rei, Borric. Convençei-vos disso, pois é um dado adquirido, e nada, além da morte, o irá mudar. E a partir do dia de hoje, o amor que um pai sente pelos filhos deixará de os proteger da brusquidão da vida. Ser rei é segurar a vida de homens por um fio. Um gesto imponderado acabará com essas vidas, como se tivésseis optado por cortar esse fio.

Voltou-se para Erland e disse:

— Gémeos representam uma séria ameaça à paz do nosso Reino, pois caso venham à tona antigas rivalidades, um pode reclamar que a ordem do nascimento foi a inversa, alguém pode levantar a questão sem a vossa autorização, como uma desculpa para fazer guerra a velhos adversários.

»Conheceis a história do Primeiro Rei Borric e de como foi obrigado a chacinar o próprio irmão, Jon, o *Pretendente*. E também já ouvistes vezes sem conta a história de quando eu, o Rei e o nosso irmão Martin tivemos de comparecer perante a Assembleia de Lordes pois cada um deles reclamava, com justiça, a coroa. Graças a um ato de grande nobreza do Martin, o Lyam usa a coroa e não foi derramado sangue. — Manteve o indicador e o polegar separados poucos centímetros. — Porém, nesse dia, faltou isto para haver uma guerra civil.

— Pai, porque nos contais isso? — indagou Borric.

Arutha levantou-se, suspirou e pousou a mão no ombro do primogénito. — Porque a vossa meninice está a acabar, Borric. Já não sois o filho do Príncipe de Krondor, pois eu decidi que se viver mais do que o meu irmão, renunciarei ao direito à coroa em vosso favor. — Borric começou a protestar, mas Arutha interrompeu-o. — Lyam é um homem vigoroso. Quando morrer, eu já deverei estar velho, se não morrer antes dele. É melhor que não se interponha uma breve governação entre a do Lyam e a vossa. Vós sereis o próximo Rei das Ilhas.

Arutha olhou de relance para Erland. — E vós estareis sempre na sombra do vosso irmão — disse. — Estareis sempre a um passo do trono, mas nunca vos será permitido ocupá-lo. Sereis sempre procurado para favorecimentos e posição social, mas nunca a vossa; sereis considerado como um ponto de acesso ao vosso irmão. Podeis aceitar tal destino?

Erland encolheu os ombros. — Não me parece um destino demasiado mau, pai. Terei certamente propriedades e um título, e responsabilidades suficientes.

— Mais ainda, pois tereis de apoiar o Borric em todos os assuntos, mesmo quando discordardes dele em privado. Nunca podereis dizer em público aquilo que pensais. Assim deve ser. Nunca é de mais reforçar esta ideia. Nunca podereis opor-vos publicamente a um desejo do Rei. — Afastou-se um pouco, e depois virou-se para encarar os dois. — Sempre conhecestes a paz no Reino. As incursões na fronteira não passam de trivialidades.

— Não para quem fez parte dessas incursões! Morreram pessoas, pai!

— Agora refiro-me a nações, e dinastias, e ao destino de gerações — disse Arutha. — Sim, morreram pessoas, para que esta nação e a sua gente possam viver em paz.

»Houve, porém, um tempo em que a guerra era uma constante, quando aconteciam todos os meses escaramuças com o Grande Kesh e os Reinos Ocidentais e as galeras de Queg abordavam as nossas embarcações a seu bel-prazer, e quando os invasores do mundo Tsurani detinham parte das terras do vosso avô... durante nove anos!

»Ser-vos-á pedido que renunciéis a muitos dos privilégios que os homens inferiores conhecem: poder entrar numa taberna e beber com desconhecidos, partir e viajar para outra cidade, casar por amor e ver os vossos filhos crescer sem receio de que sejam usados para os desígnios de terceiros. — Olhou absorto sobre a cidade. — Ao fim do dia, sentar-se junto da mulher e conversar sobre trivialidades da vida, estar tranquilo — acrescentou.

— Parece-me que compreendo — disse Borric. Tinha a voz embargada.

Erland limitou-se a acenar com a cabeça.

— Ótimo — disse Arutha, — pois dentro de uma semana partireis para o Grande Kesh e, a partir de agora, sois o futuro do Reino. — Dirigiu-se para as escadas e conduziu-os para o palácio, até que os fez parar. — Quem me dera poder poupar-vos a isto, mas não posso. — Depois, foi-se embora.

Os dois rapazes mantiveram-se sentados em silêncio durante algum tempo, depois olharam em simultâneo para além do porto. O Sol da tarde brilhava, mas a brisa do Mar Amaro era cada vez mais fresca. No porto por baixo, os barcos vogavam enquanto as chatas e as barças transportavam mercadorias e passageiros entre as docas e os grandes barcos à vela ancorados na baía. Ao longe, pontos brancos

deixavam adivinhar embarcações a aproximarem-se, comerciantes da Costa Extrema, do Reino de Queg, das Cidades Livres de Yabon, ou do Império do Grande Kesh.

Foi então que o semblante de Borric relaxou e mostrou um sorriso. — Kesh.

Erland riu. — Sim, para o coração do Grande Kesh!

Desataram os dois a rir ao pensarem em novas cidades e novos povos, e na viagem para uma terra que consideravam exótica e envolta em mistério. E as palavras do pai foram levadas pelo vento para oriente.

Algumas instituições perduram durante séculos, enquanto outras sucumbem em pouco tempo. Algumas chegam sem alvoroço, outras com ostentação. No passado, era prática geral conceder aos aprendizes e a outros criados uma folga na última metade do sexto dia da semana. Agora, a prática incluía o encerramento do comércio ao meio-dia do sexto dia, estando o sétimo dia dedicado a devoções e meditações.

Porém, nos últimos tempos, surgira outra “tradição”. Desde o primeiro sexto dia após o equinócio de inverno, rapazes, jovens, aprendizes e criados, pertencentes à plebe ou à nobreza, começavam a preparar-se. Pois no feriado do Primeiro Degelo, que se celebrava seis semanas após o equinócio, muitas vezes sob condições climatéricas inclementes, começava a temporada futebolística.

Em tempos designado *jogo do barril*, a modalidade era praticada desde que os rapazes chutavam bolas de trapos para dentro de barris. Há vinte anos, o Príncipe Arutha dera ordens ao Mestre de Cerimónias para que elaborasse um conjunto de regras padrão para a modalidade, mais para proteção dos seus jovens escudeiros e aprendizes, pois a prática era extremamente violenta. Atualmente, o jogo estava institucionalizado nas mentes do povo; com a primavera, o jogo recomeçava.

A todos os níveis, desde os rapazes que jogavam em campos abertos, até à Liga da Cidade, com equipas inscritas por grémios, associações comerciais ou nobres abastados ávidos de serem mecenas, viam-se jogadores a correr de um lado para o outro enquanto tentavam chutar uma bola para dentro de uma rede.

A multidão aplaudiu quando o avançado mais veloz dos Azuis se destacou do aglomerado de jogadores e partiu rumo à rede aberta. O guarda-redes dos Vermelhos agachou-se, pronto para se opor entre a bola e a rede. Com uma finta inteligente, o jogador dos Azuis provocou o desequilíbrio do dos Vermelhos, e depois chutou a bola para o lado oposto. O guarda-redes levantou-se com as mãos nas ancas, eviden-

ciando desagrado consigo mesmo enquanto os jogadores dos Azuis se apinhavam à volta do que marcara o golo.

— Ah, ele devia ter antecipado a jogada — comentou Locklear. — Estava-se mesmo a ver. Eu consegui perceber mesmo daqui.

James soltou uma gargalhada. — Então, porque não vais lá abaixo jogar na vez dele?

Borric e Erland juntaram-se à gargalhada. — Claro, Tio Locky. Já ouvimos centenas de vezes como vós e o Tio James inventaram este jogo.

Locklear abanou a cabeça. — Não era nada disto. — Olhou de relance para o campo e observou as bancadas construídas por um mercador empreendedor anos antes, bancadas que tinham sido aumentadas até conseguirem acolher quatrocentos cidadãos para assistirem à partida. — Dantes havia um barril em cada extremidade e não era permitido estar alguém a proteger a entrada. Esta coisa da rede, dos guarda-redes e todas as outras regras que o vosso pai inventou...

Borric e Erland terminaram a frase por ele em uníssono. — ...deixou de ser desporto.

— É verdade — disse Locklear.

— Não há derrame de sangue suficiente — acrescentou Erland.

— Nem braços partidos! Nem olhos arrancados! — disse Borric numa gargalhada.

— Bem, assim é melhor — disse James. — Uma vez...

Os dois irmãos sorriram em simultâneo, pois sabiam que estavam prestes a ouvir a história daquela vez em que um aprendiz acertara na cabeça de Locklear com uma ferradura que escondera na camisa. De seguida, isto conduziria a um debate entre os barões sobre o valor genérico das regras, e quais as que contribuía para a melhoria do jogo e quais o prejudicavam.

Todavia, a ausência de mais comentários por parte de James fez Borric virar-se. James não tinha o olhar pousado no jogo que decorria, e que estava prestes a terminar, mas antes num homem sentado perto do fim da fila do Barão, uma fila atrás da dos príncipes. O posto que ocupavam e um suborno à pessoa certa granjeara aos filhos do Príncipe de Krondor dois dos melhores lugares para ver o jogo, na linha do meio-campo, ao centro das bancadas.

— Locky, está frio? — perguntou James.

— Estás a brincar, não? — disse Locklear enquanto limpava o suor da testa. — Estamos a um mês do solstício de verão e eu estou a assar.

— Então, porque é que o nosso amigo ali tem necessidade de usar uma vestimenta assim tão grossa? — disse James, indicando com o polegar o fim da fila.

Locklear olhou para além do amigo e viu um homem sentado na ponta do banco, envolto num enorme manto. — Será um sacerdote?

— Não conheço nenhuma ordem cujos membros se interessem por futebol. — James desviou o olhar quando o homem se virou na sua direção. — Observa-o por cima do meu ombro, mas acena com a cabeça como se estivesse a ouvir o que eu digo. O que está ele a fazer?

— Neste momento, nada. — Depois, ouviu-se uma corneta, que assinalava o fim da partida. Os Azuis, uma equipa patrocinada pelo Grémio dos Moleiros e pela Venerável Associação dos Negociantes de Ferro, vencera os Vermelhos, uma equipa patrocinada por um grupo de nobres. Visto que esse patrocínio era do conhecimento geral do público, o resultado do jogo foi ao encontro da aprovação geral.

Quando a multidão começava a dispersar, o homem do manto levantou-se. Os olhos de Locklear esbugalharam-se. — Está a tirar alguma coisa da manga — disse.

James rodopiou mesmo a tempo de ver o homem levar um tubo aos lábios e apontar na direção dos príncipes. Sem hesitar, James empurrou com força, deitando por terra os dois jovens que estavam na fila abaixo. Um homem que estava mesmo ao lado de Erland arquejou e levou uma mão ao pescoço. Não chegou a terminar o gesto, pois caiu quando os dedos se aproximavam do dardo espetado na garganta.

Locklear demorou apenas um instante a mais do que James a reagir. Enquanto James e os gémeos esperneavam deitados no chão e se ouviam os gritos zangados dos espetadores que foram empurrados, Locklear desembainhou a espada e desatou aos saltos atrás do indivíduo do manto e capuz. — Guardas! — gritou, pois estava um elemento da guarda de honra de sentinela mesmo por debaixo das bancadas.

Ouviu-se quase imediatamente o barulho de botas a bater nos estrados de madeira quando os soldados do Príncipe se apressaram para intercepar a personagem em fuga. Sem se preocuparem com as contusões que pudessem causar, os guardas afastavam os espetadores rispidamente com encontrões. Com o silencioso entendimento que as multidões possuem, subitamente toda a gente se apercebeu de que se passava algo de errado nas bancadas. Enquanto os que estavam mais próximos se precipitavam para se afastarem, quem estava noutras zonas do campo voltava-se para observar a causa de tamanha barafunda.

Ao avistar os guardas a poucos metros de distância, interpondo-se entre eles apenas alguns cidadãos perplexos, o homem do manto pôs uma mão no corrimão das escadas e saltou para o lado, indo cair uns três metros e meio na terra mais abaixo. Ao chegar ao corrimão,

Locklear ouviu um baque surdo e uma exclamação de dor. Escarranchados no chão, estavam dois transeuntes atordoados a observar a forma imóvel que jazia a seu lado. Um dos homens recuou sem se levantar enquanto o outro rastejou. Locklear saltou por cima do corrimão e aterrou de pé, com a ponta da espada virada para a silhueta encapuzada. A forma que estava no chão mexeu-se, depois lançou-se contra o jovem Barão.

Quase apanhado de surpresa, Locklear permitiu que o homem entrasse para a sua zona de defesa. O homem do manto agarrou Locklear pela cintura e empurrou-o contra os suportes da bancada.

Locklear expeliu o ar dos pulmões ao embater nas pesadas vigas de madeira, mas conseguiu infligir um golpe com o punho da espada na parte de trás da orelha do homem. Este afastou-se a cambalear, tentando obviamente a fuga e não o combate, mas gritos faziam adivinhar a aproximação de mais guardas. Rodopiando, o homem investiu contra Locklear, que estava a tentar recuperar o fôlego, e acertou-lhe com o punho na orelha.

A dor e a confusão abateram-se sobre Locklear, enquanto o agressor se embrenhava na escuridão debaixo das bancadas. O Barão abanou a cabeça para aclarar as ideias, depois virou-se e foi no seu encalço.

Na súbita penumbra debaixo das bancadas, o homem poderia estar escondido em qualquer sítio. — Aqui! — gritou Locklear, em resposta a um grito inquiridor, e em poucos segundos estava meia dúzia de guardas atrás dele. — Espalhem-se e mantenham-se atentos.

Os homens acataram as ordens e avançaram lentamente por debaixo das bancadas. Os que seguiam mais à frente foram obrigados a andar curvados, pois as plataformas mais baixas encontravam-se a pouco mais de um metro do chão. Um soldado avançou, espetando a espada na escuridão, não fosse o fugitivo ter rastejado para debaixo das plataformas mais baixas para se esconder. Por cima deles, o ruído dos espetadores que abandonavam as bancadas enchia o negrume com um estrépito de sandálias e botas a bater na madeira, mas ao fim de alguns minutos o barulho diminuiu.

De seguida, ouviram à sua frente o ruído de luta. Locklear e os seus homens apressaram-se a avançar. Na escuridão, dois vultos seguravam um terceiro. Sem perceber quem era quem, Locklear lançou-se com o ombro contra o que estava mais perto, deitando todos por terra. Mais guardas lançaram-se para o monte, até que, por fim, a peleja sob a massa humana se eclipsou devido ao peso. Depois, os guardas apressaram-se a levantar-se e aos lutadores. Locklear sorriu ao constar que um deles era James e o outro Borric. Ao olhar para o chão, conseguiu

perceber o vulto inerte do homem do manto. — Arrastai-o para a luz — ordenou aos guardas. — Está morto? — perguntou a James.

— Só se lhe partiste o pescoço ao saltar para cima dele assim. Quase partiste o meu.

— Onde está o Erland? — indagou Locklear.

— Aqui — disse uma voz vinda da penumbra. — Estava a cobrir o lado oposto da briga, não fosse ele conseguir passar por estes dois. — Indicou James e Borric.

— A proteger a retaguarda, quereis dizer? — disse Borric com um sorriso.

Erland encolheu os ombros. — Talvez.

Seguiam atrás dos guardas que transportavam o volume inerte do agressor, e assim que regressaram para o Sol da tarde, constataram que os outros guardas tinham criado um cordão de segurança.

Locklear agachou-se. — Vamos lá ver o que temos aqui. — Puxou o capuz para trás e viram um rosto que fitava absortamente o céu. — Está morto.

James ajoelhou-se prontamente, abrindo à força a boca do homem. — Envenenou-se — disse, depois de lhe cheirar a boca.

— Quem é? — perguntou Borric.

— E porque estava a tentar matar-vos, Tio Jimmy? — quis saber Erland.

— Não era a mim, seu idiota — explodiu James. Apontou para Borric. — Ele estava a tentar matar o vosso irmão.

Um guarda aproximou-se. — Meu Senhor, o homem que o dardo atingiu está morto. Morreu poucos segundos depois de ser atingido.

Borric forçou um sorriso nervoso. — Porque é que alguém me quereria matar?

Erland respondeu com um humor forçado. — Um marido zangado?

— Não a vós, Borric conDoin. — Olhou em redor pela multidão à procura de outros assassinos. — Alguém tentou matar o futuro Rei das Ilhas.

Locklear abriu o manto do homem, revelando uma túnica negra. — James, olha para aqui.

O Barão James espreitou para o corpo sem vida. Tinha a pele escura, ainda mais do que a de Gardan, o que indicava que era de origem keshiana, mas era comum haver gente oriunda de Kesh por aquelas paragens do Reino. Havia pessoas de pele castanha e negra em todos os estratos da sociedade de Kronдор. Todavia, aquele homem usava vestes estranhas: uma túnica de seda negra e cara e umas chinelas delicadas, de um estilo que os jovens príncipes nunca tinham visto antes.

James investigou as mãos do morto e lobrigou um anel com uma pedra preciosa preta, depois foi à procura de um colar e encontrou-o.

— O que estais a fazer? — perguntou Borric.

— Velhos hábitos — foi a única resposta de Jimmy. — Não é um Noitibó — afirmou, referindo-se à lendária Irmandade de Assassinos. — Mas isto ainda pode ser pior.

— Como assim? — perguntou Locklear, que se recordava muito bem de quando os Noitibós tinham tentado assassinar Arutha há vinte anos.

— É um keshiano.

Locklear agachou-se e inspecionou o anel. Ergueu-se, cadavérico. — Pior ainda. É um membro da Casa Real de Kesh.

Asala estava em silêncio. Aqueles que estavam sentados no círculo de cadeiras mexiam-se ligeiramente, como se o desconforto da tentativa de assassinio de Borric se manifestasse no chiar do couro e da madeira, no roçar das roupas e no tilintar de peças de joalheria.

O Duque Gardan esfregou a cana do nariz. — É um absurdo. O que é que Kesh ganharia em assassinar um elemento da vossa família? A Imperatriz desejará a guerra?

Erland interveio. — Ela esforçou-se tanto quanto qualquer outra pessoa para preservar a paz, ou pelo menos é do que dão conta todos os relatos. Porque haveria de querer a morte do Borric? Quem...

Borric interrompeu o irmão. — Quem quer que deseje uma guerra entre o Reino e o Império.

Locklear assentiu com a cabeça. — Trata-se de um estratagema tão frívolo; uma tentativa tão óbvia que parece inverosímil.

— No entanto... — Arutha pensava em voz alta — e se a ideia era que o assassino falhasse? Um joguete. E se alguém deseja que eu não mande os meus enviados, que mantenha os meus filhos junto de mim?

Gardan acenou com a cabeça. — Isso seria insultuoso para a Casa Real de Kesh.

— Já fizemos um bonito serviço ao despacharmos um membro da Casa da Imperatriz — disse James, que estava encostado à parede por detrás de Arutha. — É verdade que era um primo distante, mas não deixava de ser um familiar.

Gardan coçou outra vez a cana do nariz, um gesto que revelava mais frustração do que cansaço. — E o que havia eu de dizer ao Embaixador keshiano? “Oh, encontrámos este jovem, que parece pertencer à vossa Casa Real. Não fazíamos ideia de que estava em Krondor.

Lamentamos informá-lo de que está morto. Ah, a propósito, ele tentou assassinar o Príncipe Borric.”

Arutha recostou-se na cadeira, formando uma tenda com os dedos diante do rosto, fletindo-os absortamente num gesto que todos os presentes aprenderam a reconhecer ao longo dos anos. Por fim, olhou de relance para James.

— Podíamos livrar-nos do corpo — sugeriu o jovem Barão.

— O que dizeis? — disse Gardan.

James retesou-se. — Levávamos o corpo até à baía e atirávamo-lo para lá.

Erland arreganhou os dentes. — Um tratamento pouco cortês para um membro da Casa Real de Kesh, não achais?

— Porquê? — disse Arutha.

James foi sentar-se na beira da escrivaninha de Arutha, pois ao longo dos anos, as sessões com o Príncipe tinham passado a ser bastante informais com os conselheiros mais próximos e os familiares. — Ele não foi convidado oficialmente pela cidade. Nem sequer é suposto sabermos da sua presença. Não é suposto que alguém saiba. Os únicos keshianos que irão saber que está aqui são aqueles que conhecem os motivos da sua presença. E eu duvido que algum deles vá fazer perguntas sobre o seu bem-estar. Ele agora é um homem esquecido, a menos que chamemos as atenções para o seu paradeiro.

— E o estado em que se encontra? — disse Borric, friamente.

— Podemos dizer que tentou assassinar o Borric — explicou James, — mas tudo o que temos é um cadáver keshiano, uma zarabatana e alguns dardos envenenados.

— E um comerciante morto — acrescentou Gardan.

— Comerciantes mortos são uma mercadoria bastante frequente todos os dias no Reino Ocidental, excelentíssimo Duque — afixou James. — Por mim, arrancamos-lhe o anel e lançamo-lo à baía. Deixemos que os keshianos que o mandaram fiquem a cismar durante algum tempo. Se alguém perguntar, poderemos ter a oportunidade de ficar a saber quem está por detrás disto. Na pior das hipóteses, podemos demonstrar grande pesar pela sua morte, insistindo que se soubéssemos que ele estava na cidade, teríamos envidado todos os esforços para garantir a sua segurança. Mas se visitantes reais entediados entram na cidade incógnitos e insistem em frequentar as zonas menos recomendáveis...? — Encolheu os ombros num gesto teatral.

Arutha manteve-se em silêncio durante algum tempo, depois acenou afirmativamente com a cabeça. James indicou com um menear da cabeça que Locklear deveria recorrer a Guardas Reais para a operação,

e o outro jovem Barão franqueou a porta. Após uma breve troca de impressões com o Tenente William, que estava no exterior, Locklear regressou ao seu lugar.

Arutha suspirou. — Kesh. E que mais? — perguntou, virando-se para James.

James encolheu os ombros. — Insinuações, rumores. O novo Embaixador é... uma escolha estranha. Segundo eles, é aquilo a que chamam “puro-sangue”, mas não pertence à Casa Real; o assassino teria sido uma escolha mais lógica. O Embaixador não passa de uma nomeação política. Consta que é bem provável que tenha mais influência sobre a corte de Kesh do que muitos membros de sangue real. Não encontro uma explicação lógica para lhe concederem tal honra, a menos que se trate de um compromisso, no intuito de apaziguar diferentes fações da corte.

Arutha anuiu. — Embora nada disto faça grande sentido, temos de cumprir as regras do jogo. — Manteve-se em silêncio por instantes, e ninguém falou enquanto o Príncipe organizava as ideias. — Manda informar os nossos homens de Kesh — ordenou a James. Alguns anos antes, permitira que James criasse uma rede de agentes, que começava no seio do Principado e que se alastrava lentamente por todo o Reino Ocidental. Agora, o Príncipe Arutha podia contar com operacionais nas Cortes Reais de Kesh e de Queg, e perto dos homens mais poderosos das Cidades Livres. — Quero os nossos agentes bem atarefados antes da chegada dos meus filhos. Se alguém está a incentivar um estado bélico entre nós e Kesh, atacar os sobrinhos do Rei seria uma opção lógica. Acompanharás os príncipes até Kesh. És a pessoa em quem mais confio para nadar nestas águas turvas.

— Majestade? — disse o Barão Locklear.

— Acompanharás o Barão James, tal como o Mestre de Cerimónias, o Chefe de Protocolo e o resto da equipa — disse Arutha, olhando para o outro jovem Barão. — A Corte Imperial é dominada por mulheres. Finalmente, daremos utilidade ao famoso charme do Locklear. Informa o Capitão Valdis de que ele ocupará o teu posto de Marechal da Corte. E o primo William que assuma o controlo da Guarda da Casa Real na qualidade de Capitão. De qualquer modo, ele bem merece a promoção — acrescentou, absortamente. Tamborilou com os dedos na mesa enquanto refletia por um momento. — Não te quero ocupado com qualquer cargo ou protocolo nesta viagem — disse, voltando-se para James. — O teu único título será de “tutor”. Deves ter toda a liberdade de movimentos. — Levantou-se e os outros imitaram-no. Virou-se para os filhos e disse:

— Hoje, jantar.

Os gémeos indicaram que tinham compreendido e puseram-se de pé, partindo do princípio de que já não precisavam deles. Quando Locklear e James se preparavam para os seguir, Arutha interveio. — James, espera mais um momento.

Os gémeos trocaram olhares, mas nada disseram, e abandonaram o salão, seguidos de Locklear. Sobejaram apenas Arutha, James e Gardan. — Que tipo de serviços secretos temos na cidade de Kesh? — perguntou o Príncipe.

Dez anos antes, Arutha pedira sigilosamente a James que começasse a criar um sistema de serviços secretos, principalmente em resposta a uma rede bem estabelecida de agentes ao serviço de Kesh no Reino Ocidental das Ilhas. James começara pelos contactos que já tinha no submundo de Krondor. Ao fim de um ano, já contava com informadores que observavam todas as embarcações e caravanas que entravam e saíam da cidade e tinha identificado uma dúzia de prováveis colaboradores noutras cidades e vilas, desde o Termo da Terra até Ylith.

Uma visita ao pai de Locklear dois anos antes tinha granjeado a James o seu melhor novo agente na fronteira com Kesh. James apenas fora uma vez ao Termo da Terra, em criança, e recorreu a um velho conhecido para o guiar pela cidade.

Bram era filho ilegítimo da Baronesa do Termo da Terra e a sua reclamação pelo título não fora aceite pela coroa; o título e as propriedades foram entregues ao pai de Locklear. Todavia, como recompensa por um serviço prestado à coroa numa operação obscura de assassinio de que poucos, além de James, sabiam, Bram fora contemplado com a posição de agricultor abastado na companhia da sua mulher Lorri. Quando James reatou o relacionamento com eles, já tinham negócios no Grande Kesh e, finalmente, após anos de trabalho, James dispunha de um agente no palácio da Imperatriz.

— Disponho de um agente que ocupa um cargo tão elevado quanto possível no palácio sem que fosse necessário recrutar um puro-sangue — disse James. Arutha e Gardan sabiam que seria impossível recrutar um puro-sangue keshiano para prestar serviço a uma potência estrangeira. — A grande dificuldade é filtrar os rumores e os boatos e encontrar informações úteis.

— Eis o que sabemos — disse James, sabendo que os dois amigos tinham lido todos os relatórios que elaborara. — Existem fações no seio da comunidade de puro-sangue cuja lealdade se desvia para vários pretendentes ao trono. A Imperatriz tem uma filha, agora viúva,

que, em circunstâncias normais, seria a seguinte da linhagem, mas por motivos que ainda desconhecemos, não a reconhecem. Tem um irmão mais novo que goza de grande popularidade entre as chefias militares. A Imperatriz também tem uma neta, que é ainda muito jovem, mas um enlace com o líder certo redundaria em maiores divisões entre as fações.

— Guerra civil — disse Gardan. — Se a Imperatriz não resolver o problema da sucessão antes de morrer, Kesh pode despedaçar-se.

Arutha assentiu com a cabeça. — A Confederação está sempre à espreita de um motivo para a rebelião, e nada serviria melhor os seus propósitos do que o desmembramento da Casa Real de Kesh.

— Continuo a aguardar cópias das comunicações do ano passado entre o nosso Embaixador e o vosso irmão, Majestade — disse James.

Arutha concordou com um aceno. Uma das suas principais causas de frustração era o facto de, embora gozar de muita autonomia nos assuntos relacionados com o Reino Ocidental, o resto do Reino continuar a ser governado a partir de Rillanon, uma cidade que ficava a milhares de quilómetros de distância. E enquanto Kesh mandava frequentemente enviados e embaixadores para o Reino Ocidental por ser imprescindível, Arutha não podia retribuir da mesma forma. E por motivos que ainda não compreendia ao fim de anos a governar Kron-dor, continuava a ter dificuldade para obter cópias das comunicações entre o Embaixador das Ilhas e o Rei. — Receio que tenhamos de esperar mais. Mas quando chegarem de Kesh, espero que tenhamos melhores informações do que o Lorde Dougrey. — O Embaixador do Reino em Kesh era um Conde inferior com talento para receber convidados e déficit de outras aptidões. — Acontece que o Rei mandou chamá-lo, pelo que, quando lá chegarem, terás de confiar no teu agente infiltrado no palácio, e no teu engenho.

James suspirou. — Bem, pelo menos não teremos de manter o Embaixador ocupado para que não ande a meter o nariz onde não é chamado.

— Temos duas possibilidades a considerar — disse Arutha. — Ou alguém quer manter o Império unido, e que melhor maneira de evitar uma guerra civil do que mergulhar o Império numa guerra de maior dimensão com uma nação vizinha?

James concluiu o raciocínio. — Ou então alguém pretende recorrer a uma guerra com as Ilhas ou à ameaça de uma guerra para desmembrar o Império.

— E a lista daqueles que gostariam de ver Kesh cair por terra é extensa — acrescentou Gardan.

Arutha levantou-se. — Vou mandar-te tratar de outra confusão, Jimmy. Porém, esta acarreta consequências como nenhuma antes, caso se cometam erros. Não perderia tempo a explicar-te aquilo que é evidente, só que desta vez tens uma grande desvantagem.

James sorriu. — O Borric e o Erland serão mantidos com rédea curta.

— Por favor, não os deixes desencadear uma guerra! — Depois, sem mais nada dizer, foi-se embora, e o Duque seguiu-o.

James aprendera a compreender as mudanças de humor de Arutha melhor do que qualquer outra pessoa que não fosse da sua família. Uma mente tão complexa e profunda como a do Príncipe era como um tabuleiro de xadrez; Arutha estava a planear todas as jogadas imagináveis com o máximo de antecipação possível.

James abandonou o salão e foi encontrar Locklear e os gémeos à sua espera do lado de fora. — Partiremos amanhã cedo — informou-os.

— Só estava previsto partirmos dentro de três dias — disse Borric.

— Oficialmente — explicou James. — Se o vosso amigo keshiano tem compatriotas à solta, prefiro que não conheçam os nossos planos.

Olhou de relance para Locklear. — Sairemos do palácio à socapa ao romper da aurora e reuniremos numa taberna. Teremos à nossa espera cavalos e víveres. Uma pequena companhia de vinte guardas, vestidos de mercenários. Dentro de uma hora partirão mensageiros em cavalos velozes. O Arutha manda informar Shamata de que iremos necessitar de montarias repousadas e de provisões suficientes para uma escolta de duzentos homens.

— Chegaremos a Shamata ao mesmo tempo que qualquer mensagem, e duzentos... — começou Locklear, mas James interrompeu-o. — Queremos que os agentes keshianos que possam estar atentos pensem que seguiremos até Shamata. Só que nós não vamos para Shamata. Vamos para Stardock.

STARDOCK

Opó redemoinhava. Ao longo da margem do Grande Lago das Estrelas, vinte e quatro cavaleiros seguiam a uma velocidade constante. Uma semana e meia a cavalgar a bom ritmo levaria-os até sul de Krondor, até perto de Landreth, na costa norte do Mar de Sonhos. De seguida, desde o ponto em que desembocava no oceano, o Rio das Estrelas conduziu-os ainda mais para sul, com as acidentadas montanhas da Cordilheira Cinzenta sempre à vista enquanto entravam no luxuriante Vale de Sonhos. Anos de guerras nas fronteiras entre o Reino e o Império tinham obrigado a que estas profícuas terras de cultivo mudassem de mãos muitas vezes. Quem vivia nesta região do mundo falava fluentemente as línguas do Sul do Reino e do Norte do Império. E o avistamento de vinte e quatro mercenários armados não levantava quaisquer suspeitas. Havia muitos grupos de homens armados que percorriam o vale.

A meio do rio, perto de uma pequena queda de água, transpuseram a corrente a vau, para chegarem à margem sul. Ao chegarem às cabeceiras do Rio das Estrelas, o Grande Lago das Estrelas, mudaram de direção para seguirem a orla costeira para sul, à procura do ponto mais próximo da ilha que dominava o centro do lago: Stardock. Nesse ponto encontrariam a barca que fazia a travessia entre a margem e a ilha.

Ao longo dos baixios da costa passaram por pequenas aldeias que subsistiam da pesca e da agricultura, pequenos grupos de choupanas e casebres que frequentemente não eram habitados por mais do que uma família numerosa, mas todas de aparência próspera e bem cuidadas. A comunidade de magos de Stardock aumentara ao longo dos anos e agora outras comunidades haviam florescido para suprirem as necessidades dos habitantes da ilha.

Borric esporeou o cavalo ao contornarem um pequeno promontório, que permitiu, pela primeira vez, uma vista desobstruída para o enorme edifício na ilha. Quase resplandecia sob a luminosidade alaranjada do ocaso, enquanto a noite que caía por detrás conferia ao céu distante tons de violeta e cinzento. — Com mil diabos, Tio Jimmy, vede bem o tamanho daquele edifício!

James aquiesceu. — Já me constara que estavam a construir um enorme centro de ensino, mas os rumores não lhe fizeram justiça.

— O Duque Gardan visitou este lugar há muitos anos — disse Locklear. — Disse-me que construíram umas enormes fundações para o edifício... mas nunca vi nada assim.

— Se nos apressarmos, chegaremos à ilha dentro de duas horas — disse James, enquanto olhava para o astro que ia desaparecendo. — Prefiro uma refeição quente e uma cama lavada do que passar outra noite ao relento. — Esporeou os flancos do cavalo e avançou.

Sob uma abóbada de estrelas reluzentes numa das raras noites em que as três luas ainda não se viam, passaram por uma pequena brecha entre uns outeiros e acederam a uma vila de aparência próspera. Archotes e lamparinas brilhavam em cada janela, uma extravagância em qualquer vila que não respirasse prosperidade, e as crianças seguiam a correr atrás deles, a gritar e a rir no meio da confusão geral. Mendigos e meretrizes pediam favores ou ofereciam-nos, respetivamente, e as tabernas decrépitas permaneciam abertas para oferecerem ao fatigado viandante uma bebida fresca, uma refeição quente e companhia amistosa.

— Está aqui a florescer uma pequena metrópole bastante próspera — disse Locklear aos berros para se fazer ouvir.

James olhou de soslaio para a sujidade e imundície. — Bastante. A graça da civilização — comentou.

— Talvez devêssemos investigar um dos pequenos botequins... — arriscou Borric.

— Não — respondeu James. — Seguramente que nos oferecerão de beber na Academia.

Erland sorriu pesarosamente. — Um vinho doce e fraco, certamente. Que mais seria de esperar de uma assembleia de velhos eruditos que passam a vida a remexer em montes de manuscritos bolorentos?

James abanou a cabeça. Chegaram a um ponto que era obviamente o cruzamento das duas ruas principais da vila e viraram na direção do lago. Conforme James previra, haviam construído perto da margem do lago um enorme molhe e diversas barcas de vários tamanhos aguardavam para transportar mercadorias e pessoas para a ilha. Não obstante a hora tardia, os trabalhadores ainda empilhavam sacos de cereais para não terem de o fazer na manhã seguinte.

James puxou as rédeas e dirigiu-se ao barqueiro mais próximo. — Boas-tardes. Pretendemos passar para a ilha de Stardock.

O homem espreitou por cima do ombro e revelou um rosto do qual sobressaía um nariz como o bico das aves de rapina, com as franjas do cabelo mal cortadas de modo que quase lhe ocultavam os olhos. — Posso fazer uma travessia rápida, senhor. São cinco

moedas de cobre por pessoa, mas tendes de deixar os cavalos no estábulo deste lado.

Jimmy sorriu. — Que me dizeis a dez moedas de ouro pelo grupo inteiro, incluindo os cavalos?

O homem voltou ao que estava a fazer. — Não adianta regatear, senhor.

— O quê, virais-nos as costas? — disse Borric meio a brincar, mas fazendo a espada tilintar.

O homem virou-se outra vez para os encarar. — Perdoai-me, jovem cavalheiro, mas não quis faltar ao respeito — disse o homem num tom algo sarcástico e tocando com a mão na testa.

Borric estava prestes a responder quando James lhe tocou no braço com a mão enluvada e apontou. Na penumbra, fora do alcance da luminosidade do archote gotejante, estava sentado ao lado da doca um jovem que envergava um manto grosseiro e observava tranquilamente a troca de palavras.

— O que foi? — disse Borric.

— O agente da autoridade local, presumo.

— Aquele? — disse Borric. — Parece-me mais um pedinte ou um monge do que qualquer tipo de autoridade.

O barqueiro acenou com a cabeça. — Tendes razão, senhor. Ele é o nosso Pacificador. — Sorriu para James. — Sois bom observador, senhor. Lá isso sois. Trata-se de um dos magos da ilha. O Conselho que dirige a ilha mantém a paz aqui na Vila de Stardock, por isso certificam-se de que dispomos dos meios necessários. Ele não usa espada, jovem cavalheiro — disse, para Borric, — mas com um menear da mão, consegue deixar-vos mais atordoado do que com uma cacetada na cabeça. Acreditai-me, senhor, eu descobri isso da pior forma. — Baixou o tom de voz até quase um murmúrio. — Ou então, utiliza uma magia que causa uma comichão tal que uma pessoa só quer morrer... — Voltou a falar sobre o assunto em apreço. — No que diz respeito a regatear, senhor, por muito que gostasse de vos mentir sobre o mal que um lucro faria à dieta dos meus filhos, a verdade é que é a Academia que estabelece os preços. — Coçou o queixo. — Acho que podíeis regatear com aquele jovem urdidor de feitiços, mas estou certo de que vos dirá o mesmo. Olhando ao tráfego nas duas direções, os preços são justos.

— Onde fica o estábulo? — indagou James, mas nesse preciso instante vários gaiatos saíram da multidão e ofereceram-se para levar os cavalos.

— Os catraios levam os vossos cavalos para um estábulo limpo. — James aquiesceu e desmontou. Os outros cavaleiros imitaram-no. Ato

contínuo, umas pequenas mãos tomaram as rédeas de James, enquanto outras repetiam o movimento com o resto da companhia. — Muito bem — disse James, — mas certificai-vos de que têm estábulos limpos, feno e aveia frescos. E um ferreiro que trate das ferraduras, está bem?

James interrompeu a dissertação quando algo lhe chamou a atenção. Virou-se abruptamente, aproximou-se e, com um repelão, afastou um pequenote do cavalo de Borric. James levantou o rapaz do chão e olhou-o severamente nos olhos. — Devolve isso — disse, com uma nota serena de ameaça. O rapaz começou a protestar, e então James sacudiu-o para reforçar a ordem, e este considerou melhor o assunto e devolveu a Borric uma pequena bolsa com moedas. Borric abriu a boca enquanto procurava nos bolsos e aceitou a bolsa.

James pousou o pequeno no chão, mas não lhe largou a parte da frente da camisa, depois inclinou-se de modo a ficar cara a cara com o pretendente a carteirista. — Miúdo, quando eu tinha metade da tua idade, já sabia mais do dobro do que tu algum dia virás a saber sobre roubos. Estás a ouvir bem? — O rapaz não conseguiu mais do que acenar com a cabeça de tão assustado que estava por ter sido apanhado. — Então acredita no que digo. Não tens o que é preciso. Se continuas a fazer isto, vais acabar pendurado numa corda curta à espera de uma longa queda antes de completares os doze anos. Procura um ofício honesto. Agora, se faltar alguma coisa quando partirmos, já sei quem devo procurar, não é assim? — O rapaz voltou a concordar com a cabeça.

James ordenou que se pusesse ao fresco e virou-se para o barqueiro. — Nesse caso, são vinte e quatro passageiros apeados para a ilha.

Ao ouvir isto, o jovem mago levantou-se e disse:

— Não é muito frequente a Academia receber a visita de homens armados. Posso perguntar ao que vindes?

— Podeis perguntar — respondeu James. — Mas guardaremos as nossas respostas para outra pessoa. Se precisarmos da vossa autorização para embarcar, informai o mago Pug de que tem a visita de uns velhos amigos.

O jovem mago franziu o cenho. — Quem devo anunciar?

James sorriu. — Dizei-lhe... que é o Barão James de Krondor e... — olhou de relance para os gémeos — alguns parentes.

Estava um pequeno grupo à espera para receber a companhia quando a barça acostou com um estampido. Uma doca de carga era o único sinal de que se tratava da entrada para aquela que seria, provavelmente, a comunidade mais estranha de Midkemia, a Academia dos

Magos. Trabalhadores ajudaram os soldados a desembarcar. Muitos estavam vacilantes depois da primeira viagem numa barça de fundo chato. Havia lamparinas penduradas nos postes da doca que iluminavam o comitê de boas-vindas.

Ao centro do grupo encontrava-se um homem baixo de meia-idade, envergando apenas um manto negro e sandálias. À sua direita estava uma belíssima mulher de pele escura e cabelo grisalho como o ferro. À esquerda estava um ancião com um manto, e a espreitar-lhe por cima do ombro um corpulento caçador trajado com uma túnica e calças de couro. Por detrás deles, dois homens mais jovens, também com mantos, aguardavam pacientemente.

Quando James, Locklear e os gémeos desembarcaram, o homem baixo avançou uns passos e fez uma reverência. — É uma honra, Altezas. Bem-vindos a Stardock.

Borric e Erland avançaram, e estenderam desajeitadamente as mãos para trocarem um cumprimento mais informal com o interlocutor. Embora tivessem nascido príncipes, e estivessem habituados a determinado nível de deferência e respeito, tinham agora diante deles um homem que estava no centro de lendas e contos. — Primo Pug — disse Borric, — obrigado por nos receberdes.

O mago sorriu e todos relaxaram. Embora estivesse prestes a completar os quarenta e oito anos, aparentava ter pouco mais de trinta. Uns olhos castanhos reluziam de vivacidade e, não obstante a idade, a barba negra não conseguia esconder uma expressão quase infantil. Aquele rosto jovem não podia pertencer ao homem famoso por ser o indivíduo mais poderoso do mundo.

Erland e ele cumprimentaram-se brevemente e James avançou. — Lorde Pug... — começou James.

— Só Pug, James. — Sorriu. — Na nossa comunidade não vemos grande utilidade nos títulos formais. Apesar das generosas intenções do Rei Lyam em criar um pequeno ducado em Stardock e em nomear-me lorde e senhor, raramente pensamos em tais coisas. — Agarrou James por um braço. — Vinde; lembrais-vos da minha mulher?

James e os companheiros fizeram uma pequena vénia e pegaram na mão esguia da mulher. Ao vê-la de perto, James ficou surpreendido com a delicadeza da dama. Não a via há mais de sete anos, mas ela fora uma mulher robusta e saudável na casa dos quarenta, com maçãs do rosto bronzeadas e um esplêndido cabelo escuro. Agora, parecia dez anos mais velha do que o marido. — Minha senhora — disse James, inclinando-se sobre a sua mão.

A mulher sorriu e a idade diminuiu. — Só Katala, James. Como está o nosso filho?

James sorriu. — O William está feliz. É Capitão da Guarda de Arutha. É respeitado e presumo que vá ocupar o cargo de Valdis quando este se aposentar. É um excelente oficial e irá longe, talvez chegue mesmo ao posto de Marechal da Corte.

— E... quanto ao resto? — indagou Katala.

O sorriso de James esmoreceu. — Faz a corte a várias adoráveis damas da comitiva da Princesa. — A expressão de Katala avivou-se por breves instantes. — Mas receio que nenhuma lhe interesse. — A expressão de Katala toldou-se outra vez. Não era preciso dizer mais nada; Katala, Pug e James lembraram-se da jovem que havia sido muito querida por William, uma jovem que perdera a vida a servir o Reino. — Aquela ferida parece nunca mais sarar, não é? — disse James brandamente.

— Ele deveria estar aqui — disse Pug. E, ao reparar que o semblante da mulher se ensombrouva, acrescentou:

— Eu sei, minha querida, já pusemos uma pedra sobre o assunto. Agora — disse, dirigindo-se aos príncipes, — posso apresentar-vos os outros?

Borric anuiu com a cabeça e Pug prosseguiu: — Deveis estar lembrados de Kulgan, o meu velho professor. E de Meecham, que é o responsável pelo aprovisionamento de mantimentos da nossa comunidade, bem como de milhares de outras tarefas. — Os dois homens referidos fizeram uma vénia, e Borric e Erland apertaram-lhes as mãos à vez. O velho mago que fora professor de Pug tinha dificuldades em mover-se, e apoiava-se num bordão com uma mão e no outro homem com a outra.

Meecham, um homem de aspeto poderoso de idade avançada, repreendeu o ancião como uma esposa rabugenta. — Deveríeis ter ficado nos vossos aposentos...

Kulgan afastou a mão que o ajudava quando Erland se mexeu para ocupar o lugar de Borric diante do velho professor de Pug. — Estou velho, Meecham, não estou moribundo. — Tinha um cabelo branco como a primeira neve do inverno, e a sua pele ostentava rugas e era curtida como o couro envelhecido. Porém, os seus olhos azuis continuavam brilhantes e atentos. — Majestade — disse, dirigindo-se a Erland.

O Príncipe retribuiu-lhe o sorriso. Quando eram crianças, ficavam deliciados com as visitas de Kulgan, pois o velho mago divertia-os com histórias pautadas por pequenos truques de magia. — Parece que

aqui não são precisas formalidades. Tio Kulgan. Tenho muito gosto em revê-los. Já lá vai tanto tempo.

James não conhecia os dois homens mais jovens que estavam na retaguarda. — Estes são líderes da nossa comunidade e foram dos primeiros a vir para Stardock aprender a Magia Maior — explicou Pug. — Agora, ensinam os outros. Este é Korsh. — O primeiro homem, alto e calvo, fez uma ligeira vénia para os príncipes. Os seus olhos brilhavam intensamente, o que contrastava com a pele muito escura e com os brincos de ouro que baloiçavam sobre os ombros.

O segundo homem parecia quase o gémeo do primeiro, à exceção de uma barba completamente negra, que formava anéis e lhe caía livremente do rosto. — E o seu irmão, Watume.

— Deveis estar cansados da viagem — disse Pug. Olhou em redor. — Eu esperava que a nossa filha, Gamina, se juntasse a nós, mas ela está a ajudar a dar de comer às crianças e presumo que tenha ficado retida. Conhecê-la-eis brevemente.

»Agora, para os vossos aposentos. Temos celas preparadas para vós na Academia. O jantar já foi servido, mas mandaremos levar comida quente às vossas celas. De manhã, faremos uma visita.

A pequena companhia seguiu ao longo da orla costeira, até um ponto de onde conseguiam ver para além do colossal edifício que dominava a ilha. Em certos pontos, tinha quarenta andares de altura, e o ponto central era uma espiral majestosa que subia outros trinta metros acima do telhado. Não parecia mais do que uma escadaria sem corrimão em torno de uma coluna, encimada por uma pequena plataforma. Era iluminada por uma estranha luz azul que lhe incidia por baixo, pelo que parecia quase flutuar, e não ser algo de pedra e argamassa.

— Toda a gente fica deslumbrada ao ver a nossa Torre de Testes — observou Pug. — É lá que os da Senda Maior dão os primeiros passos como mestres e deixam para trás o aprendizado.

Os dois irmãos de pele escura aclararam as gargantas com um segundo sentido e Pug sorriu. — Alguns de nós têm uma perspetiva diferente em relação às informações que devem ser reveladas aos “desconhecidos”.

Ao contornarem a margem, avistaram uma vila bastante buliçosa na outra extremidade do edifício. Mais limpa do que a homóloga na outra margem, não lhe ficava atrás no que respeita a frenesi. Apesar da hora tardia, andava muita gente nas ruas a tratar de recados. — A Vila de Stardock — disse Katala, transparecendo o orgulho na voz.

— Eu pensava que a vila da outra margem é que era a Vila de Stardock — disse Locklear.

— É assim que lhe chamam os seus habitantes — explicou Pug. — Mas esta é que é a verdadeira vila na ilha de Stardock. É aqui que residem muitos dos nossos irmãos e irmãs de magia. É aqui que subsistem as suas famílias. Aqui, construímos um porto de abrigo para aqueles que foram expulsos das suas comunidades pelo medo e pelo ódio. — Pug fez sinal para que os convidados entrassem para o edifício principal da Academia através de uma enorme porta dupla e acompanhou-os. No cruzamento entre dois corredores, a maioria do séquito deu as boas-noites aos convidados, enquanto Pug conduziu os viajantes até um comprido corredor flanqueado de ambos os lados por uma série de portas. — Receio não dispormos de alojamentos sumptuosos — disse — mas estas celas de hóspedes são quentes, secas e confortáveis. Têm uma bacia para se lavarem, e se quiserem deixar as roupas sujas da viagem cá fora, alguém tratará de as lavar. O guarda-roupa fica ao fundo do corredor. Agora, repousai bem e teremos uma longa conversa de manhã.

Pug desejou-lhes boas-noites e os gémeos não tardaram a encontrar alimentos à sua espera nas celas. Por todo o corredor ouviam-se os soldados a despirem as armaduras e as armas da viagem, o salpicar de água e o tilintar das facas nos pratos. Não tardou a que todos se recolhessem, exceto Locklear que, intrigado, estava ao lado de James. — O que se passa?

— Nada, acho eu — respondeu, com um encolher de ombros. — Estou cansado ou... — Não concluiu o pensamento. Pensou na idade de Kulgan e na aparência pouco saudável de Katala. — É só que os anos não têm sido brandos com algumas pessoas boas. — Depois alegrou-se. — Ou se calhar foram os crimes que cometi na juventude que regressaram para me assombrar. É que não me sinto à vontade para pernoitar num quarto a que chamam de cela.

Com um sorriso de esguelha e um aceno de concordância, Locklear deu as boas-noites ao companheiro. Pouco depois, James encontrava-se sozinho no comprido e vazio corredor. Algo não batia certo. Mas decidiu deixar esse sentimento para o dia seguinte. Agora, precisava de comida e de se lavar.

James acordou com o chilrear de um pássaro do lado de fora da janela. Como era seu hábito, o jovem Barão da corte do Príncipe levantou-se antes do raiar do Sol. Para sua surpresa, percebeu que a sua roupa fora lavada e dobrada e que alguém a deixara dentro do quarto. Como tinha o sono leve de nascença, e se treinara para não demorar a ficar totalmente alerta, sentiu-se desconfortável com a ideia de que

alguém tivesse aberto a sua porta sem o perturbar. James vestiu a túnica e as calças lavadas e não calçou as pesadas botas que trouxera na viagem. Desde pequeno que preferia andar de pés descalços e, com o passar dos anos, tornara-se motivo de piada entre os funcionários do palácio o facto de ser normal alguém entrar no gabinete do Barão James e encontrar as suas botas descalçadas e escondidas debaixo da escrivaninha.

Dirigiu-se para a porta sem fazer barulho. Tinha a certeza que todos ainda dormiam, mas o objetivo dos seus movimentos furtivos não era não os perturbar. Era um hábito. Quando era um gaiato e vivia no Bairro Pobre da cidade, James ganhara a vida como larápio, pelo que andar sem fazer barulho era algo natural para ele.

Abriu a porta para o exterior, franqueou-a, e fechou-a silenciosamente atrás de si. O céu já assumira uma tonalidade cinza de ardósia e o horizonte para oriente exhibia o tom róseo do Sol que se aproximava. Os únicos ruídos que se ouviam eram o chamamento das aves e o baque surdo do machado de alguém que cortava lenha para o lume da manhã. James afastou-se do imponente edifício da Academia e seguiu pelo caminho que conduzia à aldeia.

Deixou de ouvir o barulho da madeira a ser cortada pois a desconhecida mulher de um agricultor ou pescador terminara a tarefa. Depois de percorrer uns noventa metros, o caminho divergia, seguindo por um lado para a aldeia e, pelo outro, um carreiro mais pequeno, para o lago. James não tinha vontade de cavaquear com os habitantes, por isso seguiu na direção do lago.

Na penumbra, quase não se apercebeu da silhueta envolta num manto negro até chegar quase à sua beira. Pug virou-se e sorriu. Apon- tou para oriente. — É a minha hora do dia preferida.

James concordou com um aceno da cabeça. — Pensei que seria o primeiro a levantar-me.

Pug manteve o olhar fixo no horizonte. — Não, eu durmo muito pouco.

— Mas não se nota. Não pareceis ter envelhecido sequer um dia desde a última vez que vos vi há sete anos.

Pug assentiu. — Há coisas sobre mim que começo agora a descobrir, James. Quando assumi o papel de Feiticeiro... — A sua voz entrecortou-se. — Nós nunca conversámos, pois não?

James abanou a cabeça. — Nós tivemos imensas conversas interessantes, Pug, mas nunca sobre um tema profundo, se é a isso que vos referis. Nunca falámos sobre nada que não estivesse relacionado com assuntos de Estado. Acontece que os nossos caminhos não se cruzam

muito frequentemente. Conhecemo-nos no casamento do Arutha e da Anita — começou a contar pelos dedos enquanto falava — e depois encontrámo-nos outra vez na Batalha de Sethanon. — Os dois homens trocaram olhares e não foi preciso dizerem nada sobre a catastrófica batalha que aí decorrera. — E duas vezes desde então em Krondor. — Nenhum se pronunciou sobre os dois últimos encontros, pois, além de abarcarem segredos de Estado que envolviam uma sociedade secreta de assassinos, uma missão votada à recuperação de um artefacto ishapiano de importância vital e magia negra, também ambos haviam perdido alguém que consideravam especial: um aluno de Pug que se tornara amigo íntimo de James.

Pug voltou a atenção para oriente, onde os primeiros raios de tons rosa e laranja do Sol roçavam as nuvens. — Em criança vivi em Crydee. Não passava de um gaiato da Costa Extrema. Trabalhava na cozinha com a minha família adotiva e tinha pretensões a ser um soldado. — Ficou em silêncio.

James esperou. Não lhe apetecia muito falar sobre o seu passado, embora fosse do conhecimento de todos os graduados da cidade de Krondor, e de toda a gente do palácio. — Eu era larápio.

— Jimmy Mãozinhas — disse Pug. — Sim, mas que tipo de criança éreis?

James ponderou sobre a pergunta uns instantes, depois respondeu. — Estouvado. É a primeira palavra que me ocorre. — Observou a aurora a romper. Nenhum deles falou durante vários minutos enquanto contemplavam traços de luz a raiar as nuvens suspensas para levantar. O aro ígneo do Sol começou a aparecer. — Às vezes... também era imprudente — disse James. — Um dia tenho de vos contar a história de quando eu quase destruí metade dos mantimentos de Krondor nos tempos em que Guy du Bas-Tyra era Vice-rei. Uma das primeiras lições que aprendi de porque é sensato deixar-se a magia para os magos. — James sorriu, depois o seu sorriso desvaneceu e, por fim, suspirou. — Para mim, não havia limites. Não tenho dúvidas de que se continuasse a seguir por aquele caminho, um dia passaria das marcas. Provavelmente, já estaria morto.

— Estouvado — repetiu Pug. — E às vezes imprudente. — Indicou a Academia com a cabeça. — Tal como os gémeos reais.

James sorriu. — Tal como os príncipes, embora receie que lhes falte qualquer sentido de risco efetivo. Eu sempre soube, desde tenra idade, que qualquer passo em falso poderia pôr cobro à minha vida. Já eles estão convencidos de que são imortais.

— E que mais?

James ponderou. Sem falsa modéstia, respondeu:

— Brillhante, acho que se pode dizer isso, ou, pelo menos, dotado. Eu sempre achei evidentes coisas que deixam muitos outros bastante confusos. Pelo menos, o mundo parecia-me um lugar mais evidente naqueles tempos. Não sei se não era muito mais esperto quando era um rapaz do que sou agora em adulto.

Pug fez sinal para que James o acompanhasse e começou a caminhar lentamente na direção da água. — Quando eu era um rapaz, as minhas mais modestas ambições pareciam as coisas mais esplêndidas. Agora...

— Pareceis perturbado — arriscou James.

— Não no sentido que compreenderíeis — respondeu Pug. James virou-se e, sob aquela luminosidade pardacenta, vislumbrou uma expressão indecifrável no semblante de Pug. — Falai-me sobre a tentativa de assassinio a Borric. Éreis quem estava mais perto dele.

— As notícias correm depressa — disse James.

— É sempre assim. Além disso, qualquer conflito iminente entre o Reino e Kesh é algo que nos diz respeito.

— Considerando a vossa localização, compreendo o que dizeis. Sois uma janela para o Império. — Fez um sinal indicando o sul, na direção da fronteira já próxima. James contou a Pug tudo o que sabia sobre o atentado. — Não restam dúvidas de que o assassino era keshiano, mas todos os indícios que apontem para que a Casa Real de Kesh esteja na origem do atentado... não são concludentes. Acho que alguém está a tentar enganar-nos. — Quando perderam a vila de vista, virou-se e pôs-se a contemplar os pisos superiores da Academia. — Há muitos keshianos aqui?

Pug concordou com a cabeça. — E também gente de Roldem, Queg, Olasko, Miskalon, Picos de Quor e de outros sítios. Aqui damos pouca importância à naturalidade de cada um. Preocupam-nos outras questões.

— Aqueles dois que foram ao nosso encontro na noite passada... — disse James.

— O Watume e o Korsh, sim. São keshianos. Da cidade de Kesh propriamente dita. — Antes que James pudesse dizer alguma coisa, Pug prosseguiu. — Não são agentes do Império. Eu saberia. Acreditai-me. Não querem saber nada de política. Para dizer a verdade, se querem alguma coisa, é que nós nos apartemos do resto do mundo.

James voltou-se por instantes para apreciar o gigantesco edifício da Academia. — Esta terra é um ducado do Reino, pelo menos no papel. Mas muitos já se questionaram em voz alta sobre o que estais aqui

a construir. Este local tem algo que muitos dos membros da corte consideraram estranho.

— E perigoso — acrescentou Pug. James virou-se para examinar o rosto do mago. — Por isso é que trabalho diligentemente no sentido de garantir que a Academia nunca toma partido em conflitos nacionais. Por nenhuma das partes.

James ponderou sobre as suas palavras. — Entre a nobreza, são poucos aqueles que se sentem tão à vontade com a ideia de magia como o nosso Rei e o irmão. Como cresceram na companhia de Kulkan, acham muito natural. Porém, há outros...

— Que preferiam expulsar-nos das cidades e vilas, ou enforcar-nos, ou levar-nos à fogueira. Eu sei — disse Pug. — Durante os vinte anos que aqui trabalhámos, muita coisa mudou... contudo, continua quase tudo na mesma.

— Pug — disse James, por fim, — senti algo de estranho em vós. Senti-o ontem à noite. O que se passa?

Os olhos de Pug estreitaram-se e ele perscrutou James. — É estranho que o tenhais notado, quando aqueles que me são próximos não o percebem. — Chegou à margem do lago e parou. Esticou a mão e apontou. Uma família de alvas garças-reais limpava-se com o bico e grasnava nos baixios do lago. — Belíssimas, não são?

James só podia concordar ao admirar a paisagem. — Este sítio é lindíssimo.

— Mas não era quando aqui cheguei — respondeu Pug. — Reza a lenda que este lago foi formado por uma estrela que caiu, daí o seu nome. Porém, esta ilha não é o corpo arrefecido dessa estrela, que calculo não seria maior do que isto. — Manteve as mãos afastadas cerca de quinze centímetros. — A minha teoria é que a estrela provocou uma fenda na crosta da terra e que a lava subiu, formando esta ilha. Era rochosa e estéril quando aqui cheguei, apenas com alguma erva obstinada junto às margens, e alguns arbustos temerários aqui e além. Eu trouxe aquilo que aqui vedes: a erva, as árvores e os animais. — Sorriu, e os anos eclipsaram-se do seu rosto. — Os pássaros descobriram o caminho sozinhos.

Jimmy observou os bosques de árvores nas proximidades e os prados de erva alta que se espalhavam por toda a parte. — Uma proeza considerável.

Pug ignorou o comentário com um gesto da mão como se fosse um truque banal de prestidigitador. — Haverá guerra?

James soltou um suspiro audível. Transparecia a sonância da resignação. — É essa a questão, não é? — perguntou retoricamente. —

Não, não é essa a questão. Há sempre guerra. A questão é, quando e entre que nações? Se depender de mim, não haverá guerra entre o Reino e Kesh enquanto for vivo. Mas a verdade é que não depende muito de mim.

— Seguis por um caminho perigoso.

— Não é a primeira vez. Só gostava que as circunstâncias poupassem os príncipes.

— Eles são filhos do seu pai — comentou Pug. — Devem ir aonde a obrigação os leve. Ainda que isso signifique arriscar muito para ganhar tão pouco.

Pug retomou o passo ao longo da margem e James seguiu ao seu lado.

James teve de concordar. — É esse o fardo que lhes cabe por direito.

— Bem — disse Pug, — há poucos momentos de tréguas como este. Porque não ides até ali? — Indicou-lhe um bosque de salgueiros que encobriam a orla. — Do outro lado há uma enseada onde desagua uma nascente de água quente. É uma experiência revigorante. Deixai-vos estar algum tempo na água quente, depois saltai para o lago. Deixar-vos-á bem-disposto e estareis de regresso a tempo de vos juntardes a nós para a refeição matinal.

James sorriu. — Obrigado, era mesmo do que estava a precisar. Estou habituado a trabalhar imenso antes de desjejuar. Uma maneira agradável para passar cerca de uma hora vem mesmo a calhar.

Pug virou-lhe costas e dirigiu-se para a vila, mas após alguns passos, disse:

— Ah, cuidado ao nadar no meio da vegetação. É fácil uma pessoa perder o sentido de orientação. O vento fá-las inclinarem-se para a ilha, por isso, se vos perderdes, basta nadar nessa direção até sentirdes terra debaixo dos pés. Depois, é só caminhar.

— Obrigado. Terei cuidado. Desejo-vos um bom dia.

— Um bom dia, James. Vemo-nos ao pequeno-almoço.

Enquanto Pug regressava para a Academia, James dirigiu-se para o bosque que o mago lhe indicara.

Abrindo caminho por entre enormes troncos, afastando da frente folhagens suspensas que formavam uma cortina, descobriu um estreito caminho infecundo que levava até ao lado de um pequeno vale, que findava com a orla do lago. Junto à água, pôde ver vapor a erguer-se na frescura da manhã. James inspecionou uma pequena lagoa cujas águas nasciam indubitavelmente num ponto submerso, visto que o vapor emanava apenas desse ponto. Um pequeno córrego de água trans-

bordava de um dos lados e corria para a costa, juntando-se aí ao lago. A distância entre a lagoa e o lago não era mais de vinte metros. Olhou em redor. A lagoa e aquela curta extensão de costa eram protegidas por árvores em três frentes, o que lhe conferia muita privacidade. James despiu a túnica e as calças e enfiou um pé na lagoa. Estava quase mais quente do que ele gostava quando tomava banho! Enfiou-se lá dentro e deixou-se inundar pelo calor, relaxando os músculos tensos.

Músculos tensos? Acabara de acordar. Porque haveria de se sentir tenso? Foi a sua própria voz que respondeu: por causa do risco de mandar dois rapazes participar num jogo de política na corte de Kesh, que era mais antiga do que a Casa de conDoin. Suspirou. Pug era um homem estranho, mas sensato e poderoso; era um parente adotado do Rei e um Duque. Talvez devesse perguntar a opinião de Pug. Depois pensou que seria melhor não. Embora Pug tivesse a fama de ser o salvador do Reino em anos passados, Stardock tinha algo de estranho, bem como o modo como era governada. James decidiu que iria obter o máximo de informações sobre o que se passava antes de confidenciar com o mago. Pensou se seria possível planear a intrusão de um agente na vila, mas chegou à conclusão de que seria bastante improvável, tendo em conta os recursos de Pug.

Pensou como detestava acordar assim cansado. Depois recostou-se o mais confortavelmente que conseguiu para meditar nos seus problemas. A tepidez balsâmica parecia entranhar-se-lhe nos ossos e, minutos depois, sentiu a mente a pairar. Ia a correr por uma rua, e uma mão agarrou-o pelo braço. Fechou os olhos, meditativo. A sua primeira memória. Não teria mais de três anos. Era a sua mãe, que o puxava para a sua cabana de meretriz, para o esconder da vista dos escravagistas que calcorreavam a noite. Lembrava-se de ela o apertar com força enquanto lhe colocava a mão à frente da boca. Mais tarde, partiria. Quando cresceu, soube que ela tinha morrido, mas tudo o que conseguia recordar daquela noite era o homem que gritava com ela e lhe batia e de haver vermelho por toda a parte. Jimmy afastou aquela recordação tenebrosa e deixou-se envolver pela tepidez da água. Não tardou a dormir.

Acordou sem se mexer. A julgar pelo ângulo do Sol, não teria dormitado mais do que alguns minutos, meia hora no máximo. A manhã estava tranquila, mas algo o perturbava. Já não tinha o hábito de infância de se levantar de punhal em riste, algo que se tornara bastante perturbador para os criados do palácio, mas mantinha sempre o punhal a postos.

Abriu os olhos e moveu-os, mas não encontrou nada no seu cam-

po de visão. Virou a cabeça e continuou sem avistar o que fosse sobre a borda do charco. Ergueu-se lentamente sobre os cotovelos, sentindo-se ridículo à medida que começava a despertar. Quem poderia representar uma ameaça ali, na ilha de Stardock?

James espreitou pela borda da lagoa e não viu nada. Subitamente, sentiu algo de estranho na boca do estômago, mas não conseguiu perceber o quê. Era como se alguém tivesse entrado para uma sala instantes depois de alguém ter saído por outra porta; sem saber porquê, teve a certeza que alguém acabara de passar mesmo diante do seu campo de visão.

Os instintos que desenvolvera por força dos perigos da cidade haviam criado no seu cérebro um alarme primitivo, um alarme que já o tinha salvo do perigo demasiadas vezes para ser ignorado. Porém, este alarme não lhe ressoava a ameaça, pelo contrário, transmitia excitação. Há alguns anos, James aprendera a disciplina da noite: permanecer imóvel, manter a mente distante das preocupações do momento para que movimentos súbitos não espoletassem uma resposta. Relaxou a respiração e manteve-se imóvel. Espreitou outra vez pela borda, e o eco da passagem de outra pessoa desapareceu. A pequena enseada estava como dantes.

Recostou-se outra vez e tentou retomar a tranquilidade apaziguadora que finalmente o inundara, mas não conseguiu relaxar a mente. Começou a formar-se na sua mente um pressentimento, como se algo glorioso estivesse a aproximar-se, mas também sentia tristeza, como se algo milagroso tivesse acabado de passar tão perto dele e o tivesse olvidado. Estranhas sensações de regozijo volúvel e lágrimas pueris ribombaram no seu âmago. Respirou fundo para se acalmar. Desde que entrara para o serviço de Arutha, James descobrira que era um homem de paixões profundas, mas raramente as transmitia a terceiros; outro legado de uma juventude perigosa passada entre pessoas para quem demonstrações de emoções além de raiva eram consideradas uma aceitação de fraqueza. Mas o que estava a desencadear estes súbitos sentimentos?

Como não encontrava uma resposta satisfatória, saiu da lagoa e foi a correr precipitadamente para o lago, libertando um grito de frustração pueril. Mergulhou nas águas e veio à tona cuspidando água. Soltou um ruído de alívio pois o frio do lago pareceu fazê-lo despertar totalmente.

Não era grande nadador, mas de vez em quando gostava de aproveitar a oportunidade. Tal como a maioria das crianças do Bairro Pobre de Kronedor, quando sopravam os ventos quentes do verão, procurava

alívio ao lado do porto, mergulhando dos molhes para a água salgada e suja. Só conhecera a sensação da água limpa quando completara os treze anos.

James percebeu que estava a nadar vagorosamente na direção da extremidade oposta da enseada. As árvores e os juncos erguiam-se da água, formando uma série de estreitas passagens até ao lado extremo da enseada. Abriu caminho, meio a nadar, meio a remar, até que chegou a um denso bosque de juncos e ervas. Reparou que os juncos e as ervas estavam bastante afastados, possibilitando uma ampla panorâmica para a orla costeira. Virou-se de costas e bateu os pés indolentemente. Por cima dele, o céu da manhã ficara brilhante, pois o Sol já ia alto. As nuvens eram alvas e belas enquanto seguiam o seu caminho pelos céus. Depois, deu por si no meio da erva, vendo os pedículos erguerem-se acima da sua cabeça enquanto sentia a sua carícia ao nadar. Após alguns minutos a nadar deste modo, endireitou-se e olhou à sua volta.

As coisas pareciam diferentes, e não conseguia lobrigar o caminho de regresso. Como era uma pessoa inerentemente calma, achou a ideia de ter de nadar em círculos por entre os juncos desagradável, mas não assustadora. Recordou as palavras de Pug e viu que as ervas se inclinavam todas para a sua esquerda. Bastava-lhe nadar até ter pé, e depois ir a caminhar.

Ao fim de um minuto, sentiu terra debaixo dos pés. Caminhou por entre densos juncais e ervas altas, até uma linha de árvores na bordadura da água. Os ramos e as densas folhagens suspensas mergulhavam-no em sombras enquanto a água ainda lhe dava pelo peito. Não conseguia ver mais do que alguns metros em todas as direções, e a luz da manhã conferia a tudo um padrão lóbrego, com um ofuscante céu azul-claro por cima. James seguiu o fundo ascendente até a água lhe dar abaixo da cintura. Sentiu-se ridículo por andar a caminhar nu, mas como não havia ninguém por perto, só teria de se dirigir apressadamente até à lagoa onde deixara a roupa.

James deu um passo e, subitamente, deu por si a cair em águas profundas. Uma corrente formara um pequeno canal mais profundo do que o seu metro e oitenta, e depois veio à tona a cuspir água e sem conseguir ver nada. Esbracejou para o lado extremo e voltou a sentir terra sob os pés.

Ouviu o chamamento de um pássaro e ficou a cismar se a ave estaria a zombar dos seus avanços desajeitados. Suspirando, continuou na direção da costa, que só ficava a alguns metros, a julgar pelos vestígios de terra que conseguia lobrigar por entre as árvores. Com água pelos joelhos, viu-se confrontado com uma barreira intransponível de árvo-

res e juncos, e uma projeção rochosa que lhe dava pelos ombros. Desviou-se para a direita, na direção do que lhe parecia ser a saída mais próxima da folhagem que conspirava para o enredar, e sentiu uma vez mais o chão fugir-lhe debaixo dos pés. Ficou com a água a dar-lhe pelo peito e abriu caminho por entre uma densa cortina de juncos. Avançava lentamente e não conseguia dar mais do que alguns passos de cada vez. Sentia uma sensação opressiva de perfeita estupidez por estar tão distante do local onde pretendia estar. Uns agradáveis mergulhos antes do pequeno-almoço, pois sim.

Quando roçou com os joelhos numa saliência do fundo do lago, que indicava o fim do canal onde avançava com dificuldade, afastou os juncos à sua frente. Subitamente, James deparou-se com uma visão de todo inesperada. A cerca de um metro dele, vislumbrou pele lisa, alva como a de um recém-nascido. Da posição em que se encontrava, a perspectiva permitia-lhe ver as costas despidas de uma jovem mulher. O seu cabelo loiro, quase branco, pendia-lhe molhado da cabeça enquanto ela enxugava a água, numa pose que contribuía para lhe expor as ancas e as nádegas numa posição ligeiramente exagerada e lisonjeira.

James susteve a respiração. Foi acometido por um misto de alarme e excitação, como uma bofetada. Sentiu-se tão envergonhado pela sua intrusão na privacidade dela como se teria sentido se fosse ela a encontrá-lo na sua lagoa. Um conflito interior, que o paralisou, dizia-lhe para permanecer imóvel, voltar para trás, dizer alguma coisa, não se mostrar.

Mais uma vez, a formação que tivera em jovem sobrepôs-se ao raciocínio consciente e ficou imóvel. Foi então que outro pensamento se intrometeu, e ele sentiu um aperto no estômago quando um ardor de excitação lhe assomou à barriga e ao entre pernas. Quase em voz alta, disse: — É o traseiro mais belo que jamais vi.

Ato contínuo, a jovem mulher voltou-se e levou as mãos à boca, como que sobressaltada por um ruído. Nesse instante, James percebeu que o resto do seu corpo fazia jus ao que já vira. Tinha uma silhueta esguia, como a de uma dançarina, e os braços e o pescoço compridos e elegantes, o ventre liso, e os seios, sem serem grandes, eram cheios e adoráveis. Quando ela afastou a mão da cara, James conseguiu vislumbrar uma testa alta, delicadas maçãs do rosto e uns lábios pálidos, levemente rosados. Os seus olhos, arregalados de estupefação, tinham o azul do gelo no inverno. Todos estes detalhes ficaram gravados imediatamente na sua mente. Todo ele foi percorrido por milhares de instantes de apreciação, e em cada um percebeu que a jovem que estava diante dele era a visão mais maravilhosa e assustadora que jamais ti-

vera. Subitamente, aqueles belos olhos azuis-claros estreitaram-se e a cabeça de James foi inundada por uma dor.

Caiu para trás como se tivesse sido ferido por alguma arma, e a sua voz soou-lhe vazia nos ouvidos, ao mergulhar sob a superfície da água. Lâminas afiadas de inflamada agonia inundaram-lhe a mente enquanto a água lhe alagava a boca. James afundou-se na escuridão das águas enquanto perdia a consciência.

Num lugar que não era um lugar, James nadou, afogando-se em memórias: as suas brincadeiras sobre as pedras da calçada sem passar um momento que fosse sem ter medo. Os desconhecidos eram um perigo, e ainda assim todos os dias desconhecidos visitavam a casa da sua mãe. Homens turbulentos e assustadores passavam todos os dias pelo menino, alguns ignorando-o, outros tentando entretê-lo por algum tempo com uma palmadinha na cabeça ou palavras estranhas.

Depois, a noite em que ela morreu e em que ninguém foi ter com ele: o homem do sorriso perverso ouvira-o a chorar e fugira. Jimmy encontrara o caminho de saída da casa e os seus pezinhos de menino pisaram o sangue pegajoso do chão.

Depois as lutas com o outro rapaz por causa dos ossos e das côdeas de pão que sobravam nas estalagens e tabernas, comendo o trigo e a aveia crus que se derramavam dos vagões de cereais junto às docas. E as pingas de vinho amargo nas garrafas quase vazias. A fortuita moeda de um transeunte generoso para comprar uma tarte quente. A fome era constante.

Uma voz na penumbra, nenhum rosto de que se lembrasse, perguntou-lhe se era inteligente. Fora inteligente. Muito inteligente. O seu começo com os Mofadores.

O perigo rodeava-o, sempre. Sem amigos ou aliados, apenas as regras do grémio protegiam Jimmy Mãozinhas. Mas era dotado; o Homem Reto perdoava pequenas transgressões a alguém que lhe levava tantas riquezas com uma idade tão precoce.

Então o homem do sorriso perverso reaparecera. Jimmy tinha doze anos. Nada tivera a ver com honra arrogante ou vingança inflamada. Um pequeno larápio entrara sorrateiramente e deitara no vinho do bêbado um veneno que comprara a um homem que se dedicava à venda desses produtos. O homem do sorriso perverso morrera sem conhecer os motivos do assassino, com o rosto enegrecido e a língua de fora por entre os lábios tumefactos e os olhos salientes, enquanto o filho de uma meretriz assassinada espreitava por uma frincha no teto da espelunca onde dormia. Jimmy não sentira qualquer sensação de triunfo, mas de algum modo esperava que a mãe repousasse melhor.

Nunca soube o nome da mãe. Sentiu algo parecido com vontade de chorar, mas não sabia como. Chorara duas vezes... não, três, para dizer a verdade. Quando Anita fora alvejada e quando julgara que Arutha estava morto. Dessas vezes, chorara de tristeza, e não fora um sinal de fraqueza ou vergonha. Porém, chorara na escuridão quando ficara preso na gruta com a serpente das rochas, antes de o Duque Martin o salvar. Nunca poderia admitir o seu temor.

Outras imagens: as suas incríveis aptidões, quase sobrenaturais, no ofício. A descoberta de que o seu destino estava ligado a feitos grandiosos quando ajudara a esconder o Príncipe e a Princesa de Krondor dos seus captores durante o reinado de Rodric, o Rei Louco. A libertação dos prisioneiros da cadeia de Del Garza e a fuga da cidade, e a ira subsequente do Homem Reto, depois a aventura no Termo da Terra. O seu duelo até à morte com um Noitibó sobre os telhados da cidade, e o salvamento da vida de Arutha, embora não tivesse consciência disso na altura. As duas viagens às Terras do Norte e as grandes Batalhas de Armengar e Sethanon, e a paz que se seguiu à batalha para refrear o regresso da Hoste do Dragão.

Agora ele era James.

O serviço que prestava a Arutha, e a recompensa ao ser nomeado para um cargo na sua corte, o seu título, e, posteriormente, outro título, e a nomeação para Chanceler de Krondor, o cargo mais importante da corte do Príncipe logo a seguir ao do Duque Gardan, tudo isto se transformou numa névoa de memórias agradáveis; as únicas memórias agradáveis da sua vida. Reviu rostos, alguns conhecidos, outros não. Larápios, assassinos, nobres, plebeus. Mulheres. Lembrava-se de muitas, pois em tempos desenvolvera um interesse pelas atenções das mulheres e, na qualidade de um jovem nobre em ascensão, pudera escolher várias companheiras. Nunca tratara mal nenhuma, e gostava francamente daquelas com quem se deitava, mas faltava sempre alguma coisa. Alguma coisa importante. Os momentos eram agradáveis, mas o prazer era efêmero e depois sentia um vazio. Depois uma silhueta despida a chapinhar no lago a espremer a água do cabelo. A visão mais espantosa que jamais lobrigara.

Um rosto com olhos azuis-claros, e uns lábios como botões de rosa. Um rosto inquieto, que perscrutou James, viu para além da máscara, e penetrou fundo no seu ser. Algo mágico e belo explodiu dentro de James e, mais uma vez, quis chorar. Uma tristeza encheu-o de uma felicidade extrema e curvou-se diante daqueles olhos claros. Olharam para dentro dele e viram coisas, e ele não tinha segredos. Ele não tinha segredos! “Estou perdido!” gritou, e uma criança choramingou perante

a morte da mãe, e um rapaz chorou quando uma jovem jazia moribunda, vítima do dardo de um assassino, e um adolescente chorou quando o único homem em quem viera a confiar repousava sem vida diante dele nos seus aposentos, e um homem chorava por toda a antiga dor e tormento, pelo medo e pela solidão que dentro dele vingavam desde o dia do seu nascimento.

James acordou na margem, com um grito de dor e medo nos lábios. Sentou-se subitamente com um braço por cima da cabeça, como uma criança a defender-se de uma ameaça vinda de cima. Continuava todo molhado e nu. — A dor desaparecerá — disse uma voz.

James virou-se, e, assim que o fez, a terrível dor dentro de si desapareceu. Quando se virou, encontrou a jovem sentada na margem a alguns metros dele. Estava sentada com as pernas puxadas para o peito e os braços à volta dos joelhos, ainda nua.

Nunca, em toda a sua vida, James desejara tanto fugir. Nunca na vida passara por algo que o assustasse tanto como ver esta bela jovem sentada perto dele. Os seus olhos banharam-se de lágrimas. — Quem és tu? — murmurou. Todavia, por muito forte que fosse a vontade de fugir, ainda mais forte era a vontade de permanecer perto daquela mulher.

Ela levantou-se lentamente, indiferente à sua nudez, e foi até ao pé dele. Ajoelhou-se até o seu rosto ficar junto ao dele. Uma voz soou dentro da sua cabeça: *Sou a Gamina, James.*

O pavor inundou James outra vez, e nem se conseguiu mexer. — Falaste dentro da minha cabeça.

— Sim — respondeu ela em voz alta. — Deves compreender que eu consigo ver os teus pensamentos, ouvi-los — parecia procurar um conceito, — não, não é bem isso. Mas eu sei aquilo em que pensas a não ser que tentes esconder os teus pensamentos de mim.

James tentou recompor-se enquanto combatia a dor interior. — O que aconteceu? Ali... — Fez sinal para a lagoa do juncal.

— Os teus pensamentos assustaram-me, e eu reagi impensadamente. Consigo defender-me, conforme percebeste.

James levou uma mão à cabeça, pois ainda se lembrava da dor. — Sim — foi tudo quanto conseguiu dizer.

Ela aproximou-se dele e tocou-lhe delicadamente no rosto. — Desculpa-me. Não teria reagido assim se soubesse que não me querias mal. Tenho poder para causar muito sofrimento nas mentes. É uma das maneiras como os meus talentos podem ser usados.

James considerou o toque da sua mão tranquilizador e ao mesmo

tempo perturbador. Uma palpitação assustadora correu-lhe do peito para o entre pernas. — Quem és tu? — perguntou ele delicadamente.

Ela sorriu e a dor e o medo desapareceram de James. — Eu sou Gamina. Sou filha do Pug e da Katala. — Depois, inclinou-se para a frente e beijou-lhe suavemente os lábios. — Sou aquela que tens procurado, e tu és aquele por quem procurei.

James sentiu um desejo ardente crescer dentro de si, porém acompanhado por um pavor irrefletido. Embora não fosse inexperiente no que às mulheres concernia, subitamente sentiu-se como uma criança enredada no seu primeiro momento de amor. Palavras que nunca pensara alguma vez proferir jorraram inesperadamente. — Tenho medo — sussurrou.

— Não tenhas — respondeu ela num murmúrio.

Abraçando-o, falou para a sua mente. *Quando te deixei aturdido, caíste para a água. Se eu não te tivesse de lá tirado, terias morrido afogado. Quando te reanimei, a tua mente foi-me revelada, e a minha a ti. Se tivesses a capacidade, conhecer-me-ias agora tão bem como eu te conheço a ti, meu Jimmy.*

A própria voz de James soou-lhe insignificante e combalida nos ouvidos quando falou. — Como é possível...?

— Simplesmente, é — respondeu. Depois sentou-se, enxugando-lhe lágrimas salgadas do rosto. — Vem, deixa-me que te mostre. — Como um bebé, deixou-se conduzir para o seu peito e, enquanto as mãos dela lhe acariciavam a cabeça e os ombros, a sua voz falou-lhe à mente. *Nunca mais estarás sozinho.*

Borric e Erland estavam sentados lado a lado, desfrutando da variedade de alimentos servidos para a refeição matinal. Além das habituais delícias do Reino, também haviam sido servidas inúmeras iguarias keshianas. A família de Pug, bem como Kulgan e Meecham, desjejuaram com os convidados. Havia dois lugares vagos, ao lado de Katala e de Locklear.

Borric mastigou uma garfada de queijo fino misturado com vinho, e Erland disse:

— Primo Pug, quantas pessoas vivem aqui atualmente?

Pug mexia ao de leve no prato e não comia muito. — É a Katala quem se dedica aos assuntos mundanos da governação da comunidade — respondeu, sorrindo para a mulher.

— Contamos com quase mil famílias — disse Katala, — aqui e na costa. Aqui, na ilha... — Emudeceu. Todos os que estavam sentados à mesa viraram-se para ver o que causara a interrupção do discurso de Katala.

A porta ao fundo do corredor abriu-se dando passagem a James, na companhia de uma jovem que envergava um simples vestido da cor da alfazema, cintado por uma faixa com as cores do arco-íris.

Borric, Erland e Locklear levantaram-se, enquanto a rapariga se dirigiu apressadamente até Pug e o beijou na maçã do rosto. Depois, fitou demoradamente os olhos de Katala, como se estivessem a conversar, mas não trocaram quaisquer palavras. Os olhos da mulher mais velha começaram a reluzir de lágrimas quando um sorriso se estampou no seu rosto.

Pug virou-se e olhou para James, expectante.

— James... — disse Locklear.

James aclarou a garganta e, num tom de voz constrangido, como o de um aluno a recitar diante do professor, disse:

— Lorde Pug, eu... tenho a honra de pedir permissão... de pedir a mão da vossa filha em casamento.

Os olhos de Borric e Erland esbugalharam-se de incredulidade, depois olharam para Locklear. O amigo de sempre de James, desde que este entrara para o palácio, estava pesadamente sentado com uma expressão de estupefação em tudo semelhante à dos gémeos. Abanando a cabeça, tudo o que conseguiu dizer foi:

— Matem-me!

PREOCUPAÇÕES

Borric abanou a cabeça.

— O que vos preocupa? — indagou Erland.

— O quê? — disse Borric.

— Já vindes há uns minutos a abanar a cabeça. Estais outra vez a discutir convosco próprio.

Borric emitiu um ruído semelhante a um suspiro ou a um grunhido. — Estou preocupado com o Tio Jimmy.

Erland virou-se ligeiramente enquanto estugava o passo de modo a conseguir perscrutar a expressão do irmão durante a conversa. O céu da noite estava a enegrecer, pois a lua do meio ainda não se levantara. Porém, a noite perfumada prometia romance para quem tinha vontade e capacidade para encontrar parceiros predispostos. Era uma busca de tais características a que os gémeos se dedicavam agora. Enquanto se encaminhavam para o local onde atracava a barçaça que fazia a travessia, Erland disse:

— Não é costume preocupardes-vos com as outras pessoas, muito menos com alguém tão capaz como o Tio Jimmy.

— Por isso mesmo estou preocupado — disse Borric, parando de caminhar para enfatizar o argumento. Bateu com o dedo no peito de Erland.

— “Não há nada mais parvo neste mundo do que um homem com uma ereção.” Não era o que ele costumava dizer-nos?

Erland soltou uma gargalhada e anuiu. — A exceção é o Tio Locky, que, quando assim, é fica muito mais astuto.

— Só no que diz respeito a encontrar um lugar quente onde meter o grande sabre. De outro modo, é tão estúpido como todos nós.

— Todos nós exceto o Tio Jimmy.

— Certo — concordou Borric. — É precisamente aí que quero chegar. Mulheres não lhe faltaram, disso sabemos. Mas ele manteve-as sempre a certa distância e nunca fez promessas estúpidas. É como se... nunca tivesse encontrado algo de que andava à procura. Agora conhece esta mulher e... — Fez uma pausa, ao não encontrar palavras.

— Como magia.

— Exatamente! — disse Borric. — E haverá melhor sítio para encontrar magia do que numa ilha de magos?

Quando o irmão recomeçou a caminhar, Erland impediu-o com uma mão. — Pensais tratar-se de algum tipo de feitiço? Um encantamento?

— Ah, um encantamento muito especial — disse uma voz solene vinda da escuridão.

Os irmãos voltaram-se e viram uma silhueta corpulenta sentada no cepo de uma árvore a uns três metros de distância. Como o homem permanecera imóvel, mantivera-se invisível na penumbra até abrir a boca. Quando se aproximaram, os jovens príncipes constataram que o interlocutor era o velho mago, Kulgan.

— O que quereis dizer? — perguntou Borric, como se as suas suspeitas se tivessem confirmado.

Kulgan soltou uma gargalhada. Estendeu a mão por instantes, depois abanou-a impacientemente. — Vá lá, não fiquem aí parados. Deem uma ajuda a um velho. Os meus joelhos são mais antigos do que a própria criação!

Erland ajudou o velho mago enquanto Kulgan se endireitava, apoiando uma mão em Erland e a outra num grande bordão de madeira. — Acompanhar-vos-ei até ao porto da barça — prosseguiu o mago. — Presumo que ides fazer a travessia em cata de problemas. Os rapazes da vossa idade andam sempre à cata de problemas.

— O encantamento? — disse Borric impacientemente.

O ancião riu-se. — Sabeis, quando o vosso avô Borric era um pouco mais velho do que vós, também não gostava de esperar. Quando queria uma resposta, não podia esperar, com os diabos. Demorou muitos anos a ultrapassar essa mania. O vosso pai tem o mesmo defeito, mas esconde-o melhor. O Arutha sempre foi das melhores pessoas que conheci a reconhecer os limites.

— Ele tem essa qualidade, exceto no que a nós diz respeito — disse Erland.

Kulgan fitou os irmãos com um olhar maléfico. — Limites? O que é que vós, crianças mimadas, sabeis sobre limites? Oh, talvez já tenhais usado os sabres uma ou outra vez, mas limites? — Parou por instantes e apoiou-se no bordão. — Isto — disse ele, batendo com um dedo na cabeça. — O vosso cérebro. Quando puserdes todas as vossas faculdades a trabalhar na resolução de um problema, tentardes todas as soluções possíveis, e mesmo assim não encontrardes a solução, então compreendereis a que limites me refiro.

— O pai sempre disse que fostes um dos seus professores mais exigentes — disse Erland com um sorriso largo.

— Ah! — fez Kulgan com desdém. — Já o Padre Tully, esse sim,

era um mestre exigente. — Os seus olhos perscrutaram o horizonte, refletindo por instantes, depois prosseguiu. — É uma pena não o terem conhecido. Eram bebês quando morreu. Uma perda trágica. Uma das mentes mais admiráveis que conheci... mesmo para um sacerdote — acrescentou, sem conseguir resistir em dar uma pequena estocada ao seu velho parceiro de conversas, e sentindo a tristeza de nunca ter encontrado um substituto à altura.

— Era uma brincadeira aquilo que dissestes quanto ao encantamento lançado sobre o Jimmy?

— Sois muito jovens, meu Príncipe — disse Kulgan. — Ainda nem sabeis a missa pela metade. Nem por um terço. Nem mesmo por um quarto — acrescentou, batendo jocosamente com o bordão na perna de Borric, para reforçar a ideia.

— Ui — disse Borric, recuando instintivamente.

Quando Erland começou a rir, Kulgan acertou-lhe também com o bordão nas canelas e disse:

— Para que não se fique um a rir do outro.

Quando os dois irmãos faziam de conta que estavam com dores, Kulgan disse:

— Agora, prestai atenção. Estou velho e não tenho tempo para me repetir.

Kulgan esperou que os irmãos parassem as suas cabriolas de sofrimento antes de prosseguir. — O tipo de encantamento a que me refiro não é algo que se possa ensinar. Não é aquele tipo de magia que os homens podem empregar por capricho. Trata-se de uma magia que os deuses concederam apenas a alguns homens e mulheres de sorte. É a magia de um amor tão real e profundo que nada consegue demover uma pessoa depois de o conhecer. — Antes de continuar, os seus olhos procuraram um horizonte distante. — Estou tão velho que tenho de me esforçar para recordar os sonhos da noite anterior. Porém, há momentos em que as memórias de infância me ocorrem como se tivessem acontecido apenas há momentos. — Olhou para Borric como que à procura de algo familiar no seu jovem rosto. — O vosso avô era um homem apaixonado — disse, passado um momento de silêncio. — E o vosso tio também é. Também o vosso pai, embora não o demonstre. Ficou apaixonado pela vossa mãe quase no instante em que se conheceram, embora ele fosse demasiado estúpido para o perceber. Teve muita sorte por se apaixonar por uma mulher com quem o eventual enlace seria vantajoso para a nação. Se assim não fosse, a vossa mãe poderia ter sido uma princesa inferior de Roldem ou a filha de um duque qualquer do Oriente.

»A vossa tia Carline decidiu-se a desposar o vosso tio Laurie poucos dias depois de o conhecer. E sabeis a confusão que isso causou? Ela era irmã do Rei, e teria sido fundamental para Lyam que se casasse com um Príncipe de Kesh ou de Roldem, ou com o Duque de Olasko, ou com um nobre do Oriente, para reforçar o seu poder, mas ela não estava pelos ajustes. Obrigou-o a nomear um plebeu Duque de Salador para desse modo desposar um nobre, mas a vossa tia teria fugido com ele ainda que não passasse de um humilde menestrel. — Soltou uma risadinha. — Para sorte de todos, o vosso tio Laurie acabou por se revelar um governante bastante competente. A questão é que vós ireis sentir necessidades, à medida que crescerdes, necessidades que não serão satisfeitas com aventuras passadas nos bares com as filhas de pescadores, por muito rosadas que sejam as suas faces, doces os seus risos, ou macios os seus braços. E as sedas das camas das filhas dos nobres também perderão o seu encanto.

Borric e Erland trocaram olhares. — Mas ainda faltará algum tempo para isso, presumo — disse Erland.

Kulgan calou-o com outra pancada nas canelas. — Não me interrompais. Pouco me importa que sejais Príncipe. Já bati em melhores homens do que vós e de postos superiores. O vosso tio, o Rei, era um péssimo aluno e sentiui mais de uma vez a palma da minha mão. — Suspirou. — Agora, onde é que eu ia? Ah, pois, o verdadeiro amor. À medida que envelhecerem, perceberão que a paixão diminui, mas que a necessidade de um parceiro genuíno aumenta. O vosso pai encontrou-o, Carline encontrou-o, o vosso tio Martin encontrou-o. O Rei não.

— Tenho a certeza de que ama a Rainha — atalhou Borric.

— Oh, à sua maneira, sim. Ela é uma bela mulher e não há homem que me diga o contrário, mas há o amor e há aquilo que o jovem Barão James encontrou. Ele é outro homem, não duvideis. Vede e aprendei. Se tiverdes sorte, podereis ver algo que, muito provavelmente, não sabeis.

Borric suspirou e olhou para o chão. — Porque vou ser Rei?

Kulgan anuiu. — Precisamente. Não sois tão estúpido quanto eu pensava. Ireis casar para o bem da nação. Oh, não vos faltarão oportunidades para satisfazer ânsias com damas predispostas de várias classes, não duvido. Sei que o vosso tio vos deu pelo menos meia dúzia de primos ilegítimos. Muitos deles irão certamente ascender na hierarquia da nobreza quando tudo acabar. Mas isso não é a mesma coisa.

»O Rei gosta muito da Rainha e, segundo me consta, ela é uma excelente confidente e conselheira, mas não passa de uma amiga. O

vosso tio tem de passar todos os dias da sua vida sem aquela coisa especial com que foram abençoados o vosso pai, a vossa tia e o vosso tio Martin.

»O James encontrou aquela pessoa que os deuses aqui puseram para completar a sua vida. Não duvidais nem por instantes de que foi o destino, e não pensais que ele foi apanhado de surpresa. Aquilo que vos parece ser um ato precipitado de impetuosidade irrefletida é, efetivamente, o reconhecimento de algo tão profundo que apenas alguém que o tenha sentido o pode compreender. A mente e a lógica nada têm a ver com isto; isto é algo do coração e da intuição. Portanto, compreendeis agora?

— Devemos deixá-lo em paz? — disse Erland.

— Exatamente — disse Kulgan, satisfeito consigo mesmo. Sorriu enquanto sondava momentaneamente os príncipes. — Sabeis uma coisa, vós não sois nada como o par de rufiões incautos que pareceis ser. A hereditariedade fala mais alto. Agora, o mais certo é esquecerem tudo o que eu disse cinco minutos depois de encontrarem um bar com um jogo de cartas e um par de serviçais opulentas ávidas por extraírem uma boa maquia a um jovem nobre.

»Mas com sorte, em algum momento crítico da vossa vida, recordareis as minhas palavras. Ajudar-vos-á a tomar as decisões que tereis de tomar, ambos, para o bem da nação.

Borric encolheu os ombros. — Parece que as duas últimas semanas foram dedicadas a lembrar-nos ininterruptamente do nosso dever.

— Pois assim deve ser. — Kulgan perscrutou os rapazes. — Fostes colocado num posto importante, Borric, e vós num patamar logo a seguir, Erland. Não vos é concedido todo o poder que o posto acarreta apenas para satisfazerdes os vossos simples prazeres e divertimentos. Acarreta também terríveis sacrifícios. O vosso avô fê-los, tal como o vosso pai. Servi com Lorde Borric durante a Guerra da Brecha e vi-o ordenar a homens que entrassem em batalha, sabendo que muitos deles não regressariam. Os espíritos dos muitos homens que perderam a vida sob as ordens do vosso avô atormentaram-lhe as noites. Tal como os espíritos daqueles que serviram o vosso pai atormentam as suas. E embora todos esses homens tenham morrido de bom grado ao serviço do seu Rei e Príncipe, as suas mortes não deixam de ter um enorme peso sobre Arutha. É dessa fibra que é feito o vosso pai. À medida que envelhecerdes, passareis a conhecê-lo melhor. — Olhou para Borric e prosseguiu. — E chegará o dia em que tereis de ordenar a homens que avancem e morram pelas Ilhas, e a menos que tenhais vindo a este mundo sem uma alma ou coração,

meu jovem amigo, as vossas noites serão tão assombradas como as do vosso pai e do vosso avô.

Os dois irmãos permaneceram em silêncio. Finalmente, Kulgan virou-se na direção do imponente edifício de Stardock. — Está a ficar frio. Também vou procurar um lume onde aquecer os ossos. Vós, ide procurar os sarilhos que conseguirdes. — Depois de dar alguns passos, Kulgan parou, virou-se, e disse:

— É tende cuidado com alguns dos nossos jovens pescadores. Se vos meterdes com as mulheres deles, eles desembainharão as facas de raspar escamas antes de se lembrarem que sois da realeza. — Estudou demoradamente os semblantes dos gémeos. — Tende cuidado convosco, rapazes — acrescentou então.

Borric e Erland observaram o velho mago a regressar para a entrada do edifício principal da Academia e depois retomaram o caminho para a barça. — O que achais? — indagou Erland quando chegaram à praia.

— Sobre o que ele disse? — perguntou Borric. — Acho que é um velho com muitas ideias estranhas.

Erland anuiu enquanto indicavam por gestos ao barqueiro que pretendiam atravessar para as apelativas luzes da vila distante. Enquanto esperavam, Borric virou-se e fitou a penumbra que envolvia as portas por onde Kulgan passara. Por um breve momento atentou nas palavras do ancião, e ficou a cismar se o motivo porque se sentia tão desconfortável com o que Kulgan dissera era não ter compreendido as suas palavras, ou, antes, o facto de as ter compreendido.

O vento soprava brandamente enquanto Gamina e James caminhavam ao longo da costa, partilhando a noite em silêncio. James sentia-se animado e exausto. Nos seus trinta e sete anos de vida pouco fora aquilo que partilhara com outra pessoa. A verdadeira intimidade parecia-lhe algo impossível, mas em Gamina encontrara alguém capaz de derrubar barreiras que em tempos tinham sido invioláveis. Não, não era assim, corrigiu-se em pensamento. Ela não derrubara nada. Ela simplesmente encontrara a porta à espera de ser aberta.

Uma brisa aromatizada soprou de sul, a fragrância de distantes pomares e campos viçosos do outro lado do Vale de Sonhos. A lua do meio levantou-se para oriente, um disco de cobre na noite escura que se aproximava. James virou-se para a sua noiva. Estava maravilhado com o arco do seu pescoço, com o modo como o seu cabelo claro e delicado parecia pairar em redor do seu rosto e ombros, um halo pardo esbranquiçado no crepúsculo. Ela fitou-o com os seus olhos

claros, depois sorriu e o espírito dele pulou de regozijo. — Amo-te — disse ela.

— Amo-te — disse ele, mal acreditando na sua felicidade. — E tenho de te deixar.

Ela virou-se para contemplar a lua durante bastante tempo, depois os seus pensamentos voltaram-se para James. *Não, meu amor. O meu tempo aqui acabou. Vou contigo até Kesh.*

James cingiu-a nos braços. — É perigoso. Mesmo para alguém com os teus dons, haverá perigos. — Beijou-lhe os lábios e sentiu-a estremecer ligeiramente em resposta. — Ficaria mais tranquilo se soubesse que estás aqui em segurança.

Ai sim?, perguntou. *Será que...* Afastou-se dele um pouco e analisou-lhe o semblante sob a luminosidade que se extinguiu. — Receio que possas fechar-te, Jimmy, e que ao fim de algum tempo te convenças de que aquilo que encontrámos aqui foi uma ilusão e que essas barreiras contra o amor e o sofrimento regressem, mais sólidas, mais altas, e mais reforçadas do que nunca. Encontrarias um motivo para regressares a Krondor, e encontrarias motivos para adiares o teu regresso a Stardock. Durante algum tempo, convencer-te-ias de que tencionavas regressar para junto de mim o mais depressa possível, mas haveria sempre uma ou outra razão para não vires. E sempre uma ou outra razão para te impedir de me mandares chamar. Passado algum tempo, irias simplesmente afastar tudo isto do teu coração e esquecer.

James pareceu melindrado. Sentimentos recentemente descobertos agitavam-se dentro dele e a sua habitual atitude de tranquila resolução tinha desaparecido. Não parecia mais do que o rapaz que, efetivamente, nunca fora, confuso e perturbado pelas atenções amorosas de uma mulher. — Afinal, tens-me assim em tão pouca consideração?

Tocando-lhe o rosto, ela sorriu, e o ardor do seu adorável olhar afastou outra vez o medo, tal como acontecera uma dúzia de vezes durante o dia. Gamina conseguira ler o coração e a alma de James quando o reanimara na praia e partilhara com ele o seu corpo e o seu íntimo. Contudo, para James, a confiança fora concedida relutantemente, mesmo à mulher que o tocara como nenhuma outra. — Não, amor, não te subestimo. Mas também não subestimo o medo. Os meus dons não se cingem à magia que os outros habitantes da ilha conhecem. As minhas competências também incluem sarar a mente e o coração. Estou apta a partilhar coisas com aqueles que são fracos de espírito e têm a mente doente e, às vezes, ajudá-los. Consigo escutar os sonhos. E já presenciei o que o medo pode fazer. Tens medo de ser abandonado outra vez, como foste pela tua mãe.

James sabia que ela tinha razão. Mesmo enquanto ela falava, os medos dessa terrível noite assombravam-no, e lembrou a época em que, quando não passava de uma criança de seis ou sete anos, saiu da cama da mãe, sentiu a consistência do seu sangue no chão, e o pavor de conhecer apenas o total abandono. Lágrimas incontrolláveis banharam-lhe os olhos. Gamina recebeu-o nos seus braços e deixou-o expelir a dor. *Nunca mais ficarás sozinho*, soou-lhe na mente.

Permaneceu imóvel, abraçando-a como se ela fosse a única coisa que o ligava à vida. E, tal como já acontecera antes, a dor escoou-se, deixando para trás uma sensação de fadiga, mas agradável, e de alívio. Alguma coisa abespinhada e perniciososa que pululava no seu íntimo há anos fora trespassada, e o pavor virulento e a solidão estavam a escoar. A ferida não sararia num só dia, ou mesmo em muitos dias, mas com o passar do tempo iria curar, e James de Krondor seria um homem melhor. *Além disso, também é o meu medo a falar. A dúvida pode tornar-nos vulneráveis*, disse ela com a mente.

— Não duvido — murmurou ele, simplesmente. Ela sorriu ao abraçá-lo outra vez com força.

O ruído de passadas no chão e um aclarar da garganta oportuno anunciou a chegada de Locklear. — Desculpa incomodar, mas o Pug quer falar contigo, James. — Sorriu em jeito de quem pede desculpa. — E a tua mãe quer que vás ter com ela à cozinha, Gamina.

— Obrigada — disse Gamina. Presenteou Locklear com um caloroso sorriso e beijou James no rosto. — Vemo-nos ao jantar.

Ele beijou-a também e ela partiu rumo à cozinha. James e Locklear dirigiram-se para o estúdio de Pug. Locklear aclarou a garganta de uma maneira teatral e plena de significado.

— Alguma coisa te perturba — disse James. — Desembucha lá.

As palavras de Locklear jorraram impetuosamente. — Olha, conhecemo-nos há quê, vinte e dois anos? Em todo esse tempo nunca te vi a revelar o menor interesse por mulheres... — James olhou-o com estranheza e ele corrigiu-se. — Quero dizer, interesse pelo casamento, pelo menos. Agora, sem mais nem menos, apareces de repente e anuncias ao mundo que vais casar! Quero dizer, ela é certamente muito bela, com aquele cabelo quase branco e o resto, mas já conheste...

— Nunca conheci ninguém, nem nada, como a Gamina — interveio Jimmy. Travou o amigo encostando uma mão ao peito de Locklear. — Não sei se alguém como tu consegue compreender, Locky, mas ela viu o meu interior. Viu tudo o que há para ver, o mal que fiz e que senti, as coisas que apenas te sugeri, e ela ama-me apesar dessas coisas.

Ela ama-me, apesar de tudo! — Respirou fundo. — Nunca saberás o que isso significa.

Recomeçou a caminhar e Locklear hesitou por instantes antes de o acompanhar. — O que queres dizer com “alguém como tu”?

James parou outra vez. — Olha, tu és o melhor amigo que jamais tive, quicá o meu único verdadeiro amigo, mas no que toca a mulheres, tu... não tens qualquer... consideração. És encantador, és atencioso, és persistente, e quando a dama em questão acorda na tua cama, tu já lá não estás. Não sei se alguma vez amaste uma mulher, e por vezes nem sequer tenho bem a certeza de que gostas delas. Uma coisa é certa: tu não tens em consideração os sentimentos delas. Nem sei como é que o irmão ou o pai de alguma ainda não te trespassou com uma espada... No que diz respeito a ti e às mulheres, Locky, simplesmente não és muito constante.

— E tu és?

— Agora sou — respondeu James. — Tão constante como o rio que corre para o mar.

— Bem, veremos o que o Arutha tem a dizer sobre este precipitado voo para o matrimónio — disse Locklear. — Nós, barões da corte, precisamos da autorização dele para casarmos, lembras-te?

— Eu sei.

— Bem, vou deixar-te ir para a reunião com o feiticeiro — disse Locklear assim que chegaram à porta do edifício da Academia. — Presumo que ele também tenha uma ou duas coisas a dizer sobre o teu interesse na sua filha. — Locklear deixou James sozinho junto à entrada.

James entrou para o edifício e percorreu um comprido corredor que levava até à base da torre, cujo topo albergava o estúdio de Pug. Subiu uma escadaria em espiral até à porta do estúdio. Assim que levantou a mão para bater à porta, esta abriu-se para lhe franquear a entrada. Entrou e não se surpreendeu ao encontrar Pug sozinho no seu estúdio, a alguma distância da porta. Depois de entrar, a porta fechou-se nas suas costas, aparentemente sem qualquer ajuda.

— Temos de conversar — disse Pug, levantando-se e fazendo sinal a James para o acompanhar até uma enorme janela. Espreitando para o exterior, apontou para as pequenas luzes que pontilhavam a costa extrema. — Pessoas — disse ele.

James encolheu os ombros. Sabia que o feiticeiro não convocara a sua presença para discutirem o óbvio.

— Quando viemos para Stardock há vinte anos, este local não passava de um infecundo pedaço de terra no meio de um lago desértico. A costa era um pouco mais acolhedora, mas este Vale sempre foi palco

de constantes batalhas entre o Reino e o Império, entre lordes fronteiros rivais, ou bandos de renegados. Esclavagistas de Durbin faziam pilhagens e bandidos vulgares pareciam uma praga de gafanhotos a atormentar os agricultores. — Suspirou ao recordar-se. — Agora, as pessoas têm vidas relativamente pacíficas. Oh, de vez em quando há problemas, mas de um modo geral as coisas no Grande Lago das Estrelas são tranquilas. E o que causou essa mudança? — perguntou a James.

— Não é preciso ser um gênio para perceber que foi a vossa presença aqui que causou essa mudança, Pug — respondeu James.

Pug desviou o olhar da margem do lago. — Jimmy, quando nos conhecemos, eu era um jovem e vós éreis um rapaz. Porém, entre essa época e o presente, eu já passei por mais do que a maioria dos homens conseguiriam imaginar numa dúzia de vidas — disse. Com um simples aceno da mão criou uma nuvem no meio da sala, com menos de sessenta centímetros de diâmetro. Esta tremeluziu, e depois apareceu no ar um buraco através do qual James conseguia ver um estranho corredor. Era um corredor que pairava no meio de uma inexistência pardacenta e ao longo do qual havia portas espaçadas cerca de dez metros entre elas. O vazio pardacento de inexistência entre as portas era tão absoluto que até a negrura da noite parecia ostentosa e vivaz, quando comparada. — O Paço dos Mundos — disse Pug. — Por este caminho, aventurei-me por lugares que nenhum humano jamais viu, e que provavelmente nunca irá ver. Visitei as cinzas de antigas civilizações e presenciei a emergência de novas raças. Conteí estrelas e grãos de areia, e descobri que o universo é tão vasto que nenhuma mente, talvez nem sequer a de Deus, o conseguiria cingir.

Pug gesticulou com a mão e a imagem desapareceu. — Seria fácil considerar triviais as preocupações daqueles que habitam um lugar tão minúsculo como o Vale.

— Em comparação com isso, são triviais — disse James, cruzando os braços.

Pug abanou a cabeça. — Não para quem aqui vive.

James sentou-se sem pedir autorização a Pug e disse:

— Sei que esta conversa tem uma finalidade, Pug.

Pug voltou para a sua cadeira por detrás da escrivaninha. — Pois tem. A Katala está a morrer — disse.

Aquela notícia, tão inesperada quanto chocante, apanhou James desprevenido. — Ela bem me pareceu adoentada, mas a morrer...

— Nós aqui conseguimos fazer muitas coisas, James, mas há limites. Nenhuma magia, poção, encantamento ou prece conseguiria fazer

mais pela minha mulher do que o que já foi feito. Há uma relação entre a magia curativa e o espírito humano. — Ficou meditabundo e mal conseguiu disfarçar o sofrimento que a sua voz deixou transparecer. — Acho que é natural que todas as coisas acabem por morrer, mesmo as raças que duram mais tempo, os elfos e os grandes dragões. — Olhou para James sem dizer nada durante algum tempo, depois acrescentou:

— Se for a hora, não há magia ou feitiço que o possa impedir. A Katala... está preparada para morrer. Não tarda, viajará por uma brecha de regresso à sua terra natal, as Terras Altas dos Thuril, em Kewewan. Não vê nenhum parente há quase trinta anos. Regressará a casa para morrer.

James abanou a cabeça, consciente de que não havia nada que pudesse dizer. — E a Gamina? — perguntou, por fim.

— Vi a minha mulher envelhecer antes do seu tempo, James, e ainda que esta doença não tivesse surgido, eu acabaria por ter de enfrentar este suplício. Podeis constatar que não apresento sinais de envelhecimento. Nem apresentarei enquanto fordes vivo. Posso não ser imortal, mas os meus poderes conferem-me longevidade. E não presenciarei o envelhecimento e o definhar dos meus filhos e netos enquanto assim permanecer.

»Abandonarei Stardock poucas horas após a partida de Katala. O William segue seguro no seu percurso de soldado, tendo renunciado aos seus dons de mago. Eu bem gostaria que assim não fosse, mas, como a maioria dos pais, tenho de aceitar que os meus sonhos não são necessariamente os do meu filho. A Gamina também tem dons, que não se limitam à magia, mas que emanam de uma mente invulgar. O seu discurso mental é simultaneamente mágico e natural, mas a sua natureza sensível, a sua empatia, o seu desvelo, são qualidades especiais.

James anuiu. — Plenamente de acordo. A sua mente é... um milagre.

— Concordo — disse Pug. — Eu estudei os dons da minha filha mais atentamente do que qualquer outra pessoa e conheço ainda melhor do que ela o alcance dos seus dons... e os seus limites. Se não vos tivesse conhecido, ela teria optado por ficar aqui, assumindo o posto que a sua mãe deixará desocupado. A Katala foi o verdadeiro líder da nossa comunidade durante a maior parte do tempo que aqui passámos. Quero poupar Gaminha a isso. Em criança, carregou o fardo de uma enorme tristeza e sofrimento, tal como vós, segundo creio.

James acenou ligeiramente com a cabeça. — Nós partilhamos sentimentos...

— Não duvido — disse Pug com um sorriso irónico. — Mas é assim mesmo que deve ser entre amantes, maridos e mulheres. Vou perder muito quando a Katala partir, mais do que ela provavelmente suspeita. — Por um instante, Pug expôs-se a James e o jovem Barão viu um homem isolado dos restantes por uma incompreensível responsabilidade, e uma das poucas pessoas que conseguia amenizar esse enorme peso sobre os seus ombros, que conseguia proporcionar-lhe alguns momentos de bem-estar e conforto, estava a abandoná-lo aos poucos. Só por um instante, Pug revelou a intensidade da sua dor, depois voltou a colocar a máscara. — Porque quando ela me deixar, começarei a preocupar-me com os grandes problemas de que apenas vos permiti um vislumbre, e esquecerei as preocupações “triviais” de Stardock, do Vale, até mesmo do Reino. — Olhou para o horizonte, como se tivesse a mente noutra sítio. — O Reino foi onde nasci, Jimmy, mas a minha casa é o mundo inteiro. — Soltou um profundo suspiro, depois sorriu. — Desejo para aqueles que amo aquilo que qualquer homem deseja: lares seguros e filhos saudáveis, vidas isentas de inquietações e conflitos. Em suma, desejo que sejam tão felizes quanto possível. E a Gamina mostrou-me o que lhe vai no coração, que sois vós. Pretendo dar-vos a minha bênção.

James soltou um longo suspiro de alívio. — Espero que o Arutha seja assim compreensivo. Preciso da autorização dele para casar.

— Isso não representa qualquer dificuldade. — Pug movimentou as mãos e criou uma esfera fumacenta e parda no ar. Dentro dela, começaram a formar-se silhuetas, e, subitamente, James estava a olhar para Arutha no seu estúdio em Krondor, como se se tivesse aberto uma janela entre duas salas separadas por uma parede. Arutha ergueu o olhar, como se estivesse diante deles, e, com uma invulgar manifestação de espanto, soergueu-se da cadeira. — Pug?

— Sim, Alteza — disse Pug. — Desculpai-me a intrusão, mas tenho um favor a pedir-vos.

Arutha sentiu-se evidentemente aliviado por haver um motivo razoável e amistoso para a súbita aparição no seu estúdio. Pousou a pena com que estivera a escrever. — O que posso fazer por vós? — quis saber.

— Recordai-vos da minha filha Gamina?

— Sim, muito bem — respondeu Arutha.

— Eu gostaria de a ver desposar... um homem que ocupa um lugar de destaque. Um dos vossos jovens barões.

Arutha olhou para além de Pug, avistou James e sorriu, e os seus olhos deixaram transparecer um raro regozijo. — Acho que podemos

organizar um enlace de Estado para um dos nossos ilustres jovens, Pug. Tendes alguém em vista?

— O Barão James parece-me ser um jovem muito promissor.

O semblante de Arutha desanuviou-se, estampando-se-lhe na cara um largo sorriso, algo que James nunca vira antes no seu Príncipe. — Muito promissor — repetiu num tom musical e zombeteiro, mas sério, enquanto devolvia a sua atenção para Pug. — Está bem encaminhado para um dia ser nomeado Duque, se o seu temperamento arrebatado não fizer com que o matem antes... ou que um monarca enfurecido o mande em degredo para as Ilhas do Paul Salgado. Uma esposa pode ser mesmo o que faz falta para pôr cobro a tanta imprudência. Eu já tinha desistido de sonhar que um dia ele viesse a desenvolver um interesse em constituir família. Fico feliz por estar errado. Com a idade dele, eu já estava casado há dez anos. — Arutha sentou-se por instantes, perdido em memórias, ao recordar o sentimento que tinha em jovem pela sua mulher, depois desviou o olhar de Pug e fitou James, ostentando uma rara expressão de profundo afeto. Posto isto, recuperou a sua conduta mais habitual e estoica. — Bem, se ele estiver de acordo, tendes a minha autorização.

Pug sorriu. — Ele está de acordo, não vos preocupais. Ele e a minha filha estão bastante de acordo em relação a esse assunto.

Arutha recostou-se na cadeira com um mais característico semisorriso estampado no rosto. — Compreendo. Ainda recordo aquilo que senti pela Anita quando a vi pela primeira vez. Pode surgir de repente. Muito bem, teremos um enlace com honras de Estado assim que ele regressar da missão a Kesh.

— Para dizer a verdade, eu tinha pensado em algo um pouco mais cedo. Ela deseja acompanhá-lo nesta missão.

O semblante de Arutha toldou-se. — Creio que não o deva aprovar. James pode não vos ter alertado para os perigos...

— Sei muito bem quais são os perigos em causa, Arutha — interrompeu Pug. — Mas também acho que não fazeis ideia dos dons da minha filha. Estou a par de muitos acontecimentos em Kesh. Ela ajudará os vossos filhos e o séquito caso surjam problemas.

Arutha ponderou durante algum tempo, depois acenou com a cabeça. — Considerando que sois o pai da rapariga, presumo que ela tenha algumas capacidades que lhe podem dar alguma vantagem se as coisas se complicarem.

»Muito bem, façamos o seguinte. Casai-os assim que achardes apropriado, e depois, quando regressarem, faremos uma cerimónia com honras de Estado e um festival em sua honra. A minha mulher e

a minha filha nunca me perdoariam se deixasse escapar uma desculpa para terem vestidos novos. Teremos de fazer as duas cerimónias.

James pareceu surpreendido. — Cerimónia com honras de Estado?

Arutha acenou uma vez com a cabeça, enfaticamente. — A Gamina é prima real por afinidade, a menos que vos tenhais esquecido, tal como toda a família de Pug. O Willy será o Duque de Stardock se eu não o nomear antes Marechal da Corte de Krondor. Com o enlace, passa a fazer parte da família. — Depois, suspirou em tom zombeteiro. — Embora esse pensamento não me sirva de muito regalo.

— Obrigado, Arutha — disse Pug, algo divertido com o gracejo.

— Não tendes de quê, Pug. E... Jimmy — acrescentou, novamente com um sorriso genuíno.

— Sim, Arutha — disse James, devolvendo-lhe o sorriso.

— Que tenhas um casamento tão feliz quanto eu.

James anuiu. Embora Arutha nunca tenha sido um homem efusivo, James recordava-se do episódio, ocorrido há alguns anos, em que Anita quase perdera a vida; o sofrimento que Arutha enfrentara continuava bem presente nas suas mentes. Além de James, apenas poucas outras pessoas sabiam como era intenso o amor que o Príncipe de Krondor sentia pela sua Princesa. — Acho que terei.

— Nesse caso, tenho um presente para ti, uma prenda de casamento antecipada.

Abriu uma pequena arca que estava em cima da sua escrivaninha e tirou de lá um pequeno pergaminho enrolado. — Entregar-to-ei em mão quando regressares, mas até lá...

Pug interrompeu-o. — Eu posso trazê-lo até aqui, se assim desejardes, Arutha.

Se o Príncipe ficou surpreendido com esta oferta, não o revelou. — Se tiverdes a amabilidade — disse, simplesmente.

Pug gesticulou com a mão, fechou os olhos por instantes e o documento desapareceu da mão de Arutha, indo aparecer na sua. Arutha arregalou imenso os olhos, a sua única reação à capacidade do feiticeiro para conseguir efetivamente transportar o pergaminho por tão longa distância em tão pouco tempo.

Pug entregou-o a James. — É para vós.

James abriu o documento e leu. Arregalou os olhos. — É uma comenda. Conde da Corte do Príncipe. E Ministro do Rei.

— De qualquer maneira, eu ia conceder-ta assim que regressasses. Mereceste o posto, James. Discutiremos as propriedades e as remunerações quando regressares a Krondor. Além disso, assumirás a

incumbência de Chanceler do Reino Ocidental quando o Gardan se aposentar.

James arreganhou os dentes e Pug e Arutha recordaram o pequeno larápio que haviam conhecido há anos. — Agradeço a Vossa Alteza. — Não conseguiu evitar uma gargalhada. — Mas quantas vezes o Gardan já tentou aposentar-se?

Arutha pareceu não conseguir evitar achar piada e riu-se. — Sempre que tentou, eu promovi-o para um cargo superior, mas agora que é Duque de Kronдор, não há mais nenhum, a menos que abdique. — O sorriso desapareceu do rosto de Arutha. — Não, dentro de um ou dois anos ele regressará a Crydee para se dedicar à pesca, a aborrecer os filhos e a mimar os netos. Tu assumes o cargo de Chanceler, o Locklear de Ministro das Finanças, o Valdis de Marechal da Corte e o William de Capitão da Corte. Depois decidirei quem será o novo Duque. Agora, tenho de regressar ao trabalho — disse Arutha.

— Desejo-vos uma boa noite, Alteza — disse Pug.

— Uma boa noite para vós, meus senhores Duque e Conde. — Pug meneou a mão e a imagem do Príncipe desapareceu.

— Extraordinário — disse James. — Com esse truque — olhou para o pergaminho na mão — e isto... exércitos...

— Motivo porque temos de falar sobre outras coisas além do vosso casamento, James. — Pug foi até junto de uma mesa e indicou um jarro de vinho. James encheu dois copos de pé com um vinho tinto de sabor intenso e com um forte teor de álcool. Enquanto o provava, Pug sentou-se e fez sinal para que James fizesse o mesmo. — Stardock não permitirá tornar-se uma ferramenta de qualquer nação. Disponho de planos para o impedir.

»O meu filho não herdará o título de Duque de Stardock. De qualquer modo, creio que ele prefere a vida de um soldado profissional. Não, os dois homens que conhecestes na doca, o Watume e o Korsh, ficarão a comandar a ilha depois da minha partida, e ainda falta escolher um terceiro: um triunvirato de magos que decidirão a favor dos habitantes locais. Poderão expandir esse conselho quanto acharem adequado nos anos futuros. Mas o Lyam não irá ocupar eternamente o Trono das Ilhas, e eu não entregaria o poder sobre Stardock a alguém como Rodric, o Rei Louco. Eu conheci-o, e sei que se ele tivesse conseguido reunir magos como os que temos aqui para esta causa, o mundo teria tremido. Também recordo a devastação criada pelos magos de Kelewan que optaram por tomar o partido do Senhor da Guerra durante a Guerra da Brecha. Não, Stardock deve permanecer apartidária. Sempre.

— Na qualidade de nobre do Reino, considero que a vossa postura é quase uma traição — disse James, levantando-se. Deu alguns passos até uma janela e olhou para a noite lá fora. Depois sorriu. — Na qualidade de um homem que desde novo aprendeu a pensar pela sua cabeça, enalteço a vossa sabedoria.

— Por isso também compreendereis porque tenho a esperança de que sejais sempre a voz da razão na Assembleia de Lordes.

— Uma voz fraca — disse James — mas uma voz que tentará defender a vossa visão.

— Não acredito que a vossa voz continue pequena durante muito tempo, meu Conde. Arutha tem planos para vós, e quando ele fala, o Rei dá-lhe ouvidos. Não, um dia ocupareis uma posição de grande importância.

— Talvez sim, talvez não, mas neste momento não passo de mais um Conde da corte — disse, prosseguindo depois de sorrir. — Não obstante, o cargo de Chanceler merece alguma atenção. — Perdeu o sorriso e assumiu um tom grave. — Tentarei fazer com que os outros compreendam. Mas compreendeis que muitos serão da opinião de que se não fordes totalmente leal ao Reino, deveis ser seu inimigo?

Pug concordou com a cabeça. — Agora, outros assuntos. Vamos mandar vir um sacerdote da vila junto à margem do rio. A ilha não tem quaisquer templos, e o nosso relacionamento com aqueles que praticam a magia clerical não é... digamos... totalmente cordial.

James sorriu. — Vós invadistes as terras deles.

Pug suspirou. — Muitos assim pensam. De qualquer modo, os únicos clérigos que considerarei serem homens razoáveis ou já morreram ou estão longe. Lamento que, à medida que o nosso poder cresce, também cresçam as suspeitas dos grandes templos de Rillanon e de Kesh. — Depois, o seu semblante desanuviou-se. — Mas o Padre Marias, responsável por uma pequena igreja de Killian na aldeia, é um homem suficientemente decente. Concordará em celebrar um casamento. — Depois, o rosto de Pug relaxou-se num largo sorriso. — Para ser rigoroso, ele certamente concordará com a boda.

James soltou uma gargalhada, e quando o pensamento do seu enlace com Gamina percorreu todo o seu ser, ficou maravilhado e deliciado com as sensações geradas por pensar nela. — Não espero que compreendais aquilo que vou dizer — disse Pug. — Mas se algum dia vos encontrardes numa situação em que tenhais de dizer algo sobre mim, dizei isto: “A derradeira verdade é que a magia não existe”.

— Uma coisa muito estranha para ser dita por um mago — disse James. — Não compreendo.

— Não espero que compreendais. Se compreendêsseis, não viajaríeis até Kesh; convenceria o Arutha a manter-vos aqui. Mas não vos esqueçais. — Pug perscrutou o semblante do seu futuro genro. — Ide procurar a minha filha e dizei-lhe que a cerimónia será no dia depois de amanhã — disse. — Não há motivos para esperar mais quatro dias até ao próximo Sexto Dia. De qualquer modo, já estamos a quebrar várias tradições.

Com um sorriso, James pousou o copo meio bebido em cima da mesa e abandonou a sala. Escutando o eco de passos apressados a descer a torre do feiticeiro, Pug voltou-se para espreitar pela janela. — Bem falta faz uma boa dose de festa. Avizinham-se dias negros — disse com os seus botões.

Todos os habitantes da vila de Stardock, bem como uma grande parte dos residentes da margem que arranjam maneira de fazer a travessia, formavam um enorme círculo à volta do corpulento sacerdote. O Padre Marias sorriu e pediu a James e Gamina que se aproximassem dele. Era um homem rubicundo, um bebé que nunca chegara a crescer, mas cujo cabelo ralo começava a ficar grisalho. A sua túnica verde e o manto dourado estavam puídos, mas envergava-os com a altivez de um aristocrata. Os olhos de Marias quase reluziam com a alegria de um casamento. O seu rebanho era constituído principalmente por pescadores e agricultores, e as suas funções consistiam sobretudo em fazer-lhes os enterros. Casamentos e devoções de bebés à Deusa de Todas as Coisas Vivas agradavam-lhe especialmente.

— Aproximai-vos, meninos — disse, pois Gamina e James avançavam lentamente. James envergava as vestes que tinha trazido para a apresentação à Imperatriz: uma túnica azul-clara, perneiras azuis-escuras e botas pretas. Por cima, vestia um manto com costuras douradas. Na cabeça, levava o último grito da moda: uma enorme boina que lhe caía quase até ao ombro esquerdo, uma insígnia prateada e uma pena de coruja branca a enfeitar.

Locklear estava ao lado dele, com vestes semelhantes, embora as suas roupas fossem ainda mais ricamente ataviadas, com tonalidades avermelhadas e douradas. Olhou em redor, convencido de que estas novas modas pareciam ridículas, mas ninguém parecia reparar. Todos os olhares se voltavam para a noiva.

Gamina levava um vestido simples da cor da alfazema e era embelezada por um extraordinário cordão de pérolas à volta do pescoço. O vestido era cintado por uma larga faixa ornamentada por pérolas a condizer e uma fivela prateada. Uma grinalda de flores cingia-lhe a fronte, a tradicional “coroa da noiva”.

— Pois muito bem — disse Marias, com a voz a deixar transparecer o sotaque quase lírico de quem nascera ao longo da Costa Sul do Mar do Reino, perto da Crista-Guia, — considerando que compareceis perante mim revelando o desejo de um enlace matrimonial, tenho algumas palavras para vos dizer. — Fez sinal para que James pegasse na mão direita de Gamina e pousou a sua mão rechonchuda por cima das deles. — Killian, a Deusa que eu sirvo, olhou para baixo, para o homem e a mulher quando foram criados por Ishop, o Sumo, e viu-os separados. O homem e a mulher ergueram a cabeça para os céus e bradaram na sua solidão. Ouvindo-os e compadecendo-se deles, a Deusa Cantadora dos Verdes Silêncios falou, e disse: “Não vos deveis separar.” Foi então que criou a instituição do matrimónio, para unir homem e mulher. É a fusão de almas, mentes e corações. É quando dois se tornam um. Compreendeis? — Fitou cada um deles e Gamina e James anuíram com a cabeça.

Marias voltou-se para a multidão. — James de Krondor, Conde da Corte do Príncipe, e Gamina, filha do Duque Pug e da Duquesa Katala, vieram a este lugar e a esta congregação para se entregarem um ao outro, e nós devemos ser testemunhas dos seus votos — disse. — Se houver entre os presentes alguém com motivos que se oponham a este enlace, que fale agora ou se cale para sempre. — Marias não esperou para ouvir se havia algum objeção. — James e Gamina — prosseguiu, — compreendei que, a partir deste momento, fazeis parte um do outro. Já não separados, sois agora um só.

»James, esta mulher deseja passar o resto da sua vida convosco. Aceitai-la como parceira e esposa, sem reservas, e sabendo que ela é agora una convosco, protegendo-a, e afastando qualquer outra, a partir deste momento e até à morte?

— Aceito — disse James, com um menear da cabeça.

Com um aceno da mão, Marias fez sinal para que Locklear entregasse a James um anel dourado. — Colocai-o na mão da vossa noiva.

James obedeceu, colocando o anel no dedo anelar da mão esquerda de Gamina.

— Gamina, este homem pretende passar a sua vida convosco. Aceitai-lo como vosso parceiro e marido, sem reservas e sabendo que ele é agora uno convosco, protegendo-o, e afastando qualquer outro, desde este momento até à morte?

— Aceito — disse Gamina, com um sorriso.

Marias indicou a Gamina que colocasse um anel na mão de James e ela obedeceu.

— Considerando que James e Gamina concordaram em viver

como um só, perante o olhar dos deuses e dos homens, servimos de testemunha.

— Servimos de testemunha — repetiu a congregação reunida.

— Pronto, é isto. Sois marido e mulher — disse o sacerdote rosado com um sorriso.

James olhou em redor. — É só isto?

Marias soltou uma gargalhada. — As coisas são mais simples no campo, meu senhor. Agora, beijai a vossa esposa e vamos para a boda.

James riu-se, agarrou Gamina e beijou-a. A multidão aclamou e lançaram-se chapéus ao ar.

Na orla da multidão, dois homens não aplaudiram ao observarem a cerimónia. Um homem esguio e de feições angulares com uma barba de três dias agarrou o outro pelo cotovelo e levou-o até uma distância discreta. Envergavam ambos vestes andrajosas e coçadas, e o cheiro que emanavam chegaria para manter afastada qualquer pessoa com um olfato apurado. — O Conde James de Krondor — disse o primeiro homem, olhando em redor para se certificar de que ninguém o ouvia. — O Barão Locklear. Isso quer dizer que aqueles dois moços belicosos de cabelos ruivos são os filhos de Arutha.

O segundo homem, robusto e baixo, mas espadaúdo, mostrou-se inequivocamente impressionado com a perspicaz observação do companheiro. O seu rosto angélico pareceu quase inocente quando disse:

— Não se veem muitos príncipes por estas bandas, lá isso é verdade, Lafe.

— Sois um parvo, Reese — respondeu o outro num tom solene. — Há quem nos pague bem por esta informação. Ide à Estalagem das Doze Cadeiras, na fronteira com o deserto, quase de certeza que irão passar por lá. Sabeis quem procurar. Informai os nossos amigos keshianos de que os Príncipes de Krondor e o seu séquito vão partir de Krondor, não em missão oficial, mas antes clandestinamente. A comitiva não é numerosa. E esperai por mim na estalagem. E não esbanjeis em copos todo o dinheiro que ele vos der senão arranco-vos o fígado!

Reese olhou para o seu companheiro como se tal maldade fosse impossível de acontecer.

— Eu irei segui-los a partir daqui, e se mudarem de rumo, mando informar — prosseguiu Lafe. — Certamente que levam ouro e presentes para o aniversário da Imperatriz. Como não têm mais de vinte homens armados, podemos ficar bem na vida depois de os bandidos lhes cortarem as goelas e nos darem a nossa parte.

— Como faço para chegar lá, Lafe? — disse o homem que dava

pelo nome de Reese, olhando de relance para a praia deserta. — O barqueiro está no casamento.

— Roubai um barco, estúpido — disse o homem mais alto, assobiando por entre uns dentes negros e podres.

Os olhos de Reese reluziram de júbilo ao ouvir a resposta óbvia. — Ótimo. Então, vou buscar alguma comida...

— Parti imediatamente! — ordenou o companheiro, e empurrou-o, obrigando-o a seguir aos tropeções na direção da costa e das embarcações sem vigilância. — Podeis roubar qualquer coisa na vila. Como está toda a gente a banquetear-se aqui, não vos será de grande dificuldade. Mas ainda ficaram alguns por lá, por isso tende cuidado. — Reese voltou-se e acenou, depois correu precipitadamente ao longo da costa, à procura de um barco suficientemente pequeno que conseguisse manobrar sozinho.

Rindo com desdém, o homem que dava pelo nome de Lafé virou-se para o festim. A fome que sentia revelou-lhe que a sugestão de Reese não era má de todo, mas a sua mesquinhez obrigou-o a manter-se alerta a qualquer movimentação na boda.

Os dois príncipes estavam tranquilamente sentados à mesa do repasto, indiferentes à felicidade dos recém-casados. Estavam ambos conscientes da sua impaciência em partirem. James não lhes revelara quando iriam partir, embora Locklear lhes tivesse anunciado que a estadia não se prolongaria, não obstante os inesperados acontecimentos dos últimos dois dias.

Se os gémeos ficaram estupefactos com o súbito encontro do seu mentor com o amor, também não deixaram de ficar surpreendidos com a precipitada autorização do pai e com o pronto casamento. Poucos acontecimentos nas suas vidas lhes permitiam assumir alguma coisa como um dado adquirido.

Os gémeos viviam num mundo do inesperado, onde a tranquilidade do momento poderia ser despedaçada a qualquer altura por uma catástrofe. Guerra, cataclismos naturais, fome e doenças eram ameaças constantes, e tinham passado a maior parte das suas vidas dentro do palácio, onde tinham observado o pai a lidar diariamente com esses problemas. Desde o conflito mais importante na fronteira com Kesh até decidir se um grémio ou o outro tinha jurisdição relativamente a um novo ofício, o seu pai enfrentara problemas atrás de problemas.

Porém, tal como acontecera quando observavam o pai, o seu atual estado de espírito não espelhava a excitação do momento. Pelo contrário, estavam aborrecidos.

Borric deu um trago numa caneca de cerveja simples. — Isto é o melhor que têm? — disse.

Erland concordou com a cabeça. — Deve ser. Pelo que vejo, a cerveja não é uma preocupação por estas bandas. Vamos ver se na vila têm alguma coisa melhor. — Os irmãos levantaram-se do banco, fizeram uma ligeira reverência ao Conde e à nova Condessa, que responderam com uma pequena vénia aos príncipes que abandonavam a mesa de honra.

Quando iam a passar pelas outras mesas dispostas na praça, Borric perguntou:

— Aonde ides?

— Não sei — respondeu Erland. — Dar uma volta. Devem haver algumas filhas de pescadores no meio desta gente toda. Vejo umas caras bonitas aqui e além. Não podem ser todas casadas — acrescentou, tentando um tom mais alegre.

O humor de Borric pareceu toldar-se ao invés de se desanuviar. — O que eu queria mesmo era deixar este ninho de feiticeiros e seguir caminho.

Erland pousou a mão sobre o ombro do irmão enquanto caminhavam e concordou em silêncio. Graças aos regulares sermões sobre responsabilidade que tinham ouvido, sentiam-se encurralados e controlados, e ambos os príncipes estavam ávidos por algo que se assemelhasse a movimento, mudança e à possibilidade de aventura. A vida era, pura e simplesmente, demasiado tranquila para o gosto deles.